

A.to.Z

Revista Eletrônica

JAN/JUN 2014
VOLUME 03 | NÚMERO 01

NOVAS PRÁTICAS EM

INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

Intelectus Ágil (capa: Priscila Piccolo Pagnoncelli)



AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento
www.atoz.ufpr.br

Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Curso de Gestão da Informação
Av. Prefeito Lothário Meissner, 632 - Campus III
Jardim Botânico
80210-170 - Curitiba, PR - Brasil
Fone: +55(41)3360-4389
Fax: +55(41)3336-4471
E-mail: revistaatoz@ufpr.br

Comitê Editorial

Dra. Patrícia Zeni Marchiori
UFPR, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq
Msc. Eduardo Michelotti Bettoni
Observatórios Sesi/Senai/IEL, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq
Msc. Andre Luiz Appel
UFRJ, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq
Dra. Helena Nunes Silva
UFPR, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq
Dra. Denise Fukumi Tsunoda
UFPR, Brasil

Editores de Seção - Artigos

Dra. Patrícia Zeni Marchiori
UFPR, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq
Msc. Eduardo Michelotti Bettoni
Observatórios Sesi/Senai/IEL, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq

Editores de Seção - Entrevista

Dra. Patrícia Zeni Marchiori
UFPR, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq
Msc. Eduardo Michelotti Bettoni
Observatórios Sesi/Senai/IEL, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq
Msc. Andre Luiz Appel
UFRJ, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq

Editores de Leiaute/Projeto Gráfico

Msc. Andre Luiz Appel
UFRJ, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq

Diagramação Web

Msc. Eduardo Michelotti Bettoni
Observatórios Sesi/Senai/IEL, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq

Colaboradores

Msc. Lígia Leindorf Bartz Kraemer (Normalização)
UFPR, Brasil
Dr. Mauro José Belli (Apoio Técnico)
UFPR, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq
Intelectus Ágil (Diagramação ePub)
Responsável: Adriane Ianzén Machado
Luís Antonio Borges Filho (Versão Capa)
Graduando em Gestão da Informação, UFPR, Brasil
Laboratório de Mídia Digital/CERVA

Avaliadores deste número

Msc. Andre Luiz Appel
UFRJ, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq
Msc. Augusto das Neves
UFPR, Brasil
Dra. Deborah Ribeiro Carvalho
PUCPR, Brasil
Dra. Denise Fukumi Tsunoda
UFPR, Brasil
Msc. Eduardo Michelotti Bettoni
Observatórios Sesi/Senai/IEL, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq
Msc. Frank Coelho de Alcântara
UP, Brasil
Dra. Helena de Fátima Nunes Silva
UFPR, Brasil
Dra. Lilians Dutra Brignol
UFSM, Brasil
Msc. Murilo Artur Araújo da Silveira
UFPE, Brasil
Dra. Patrícia Zeni Marchiori
UFPR, Brasil
Grupo Metodologias para Gestão da Informação UFPR/CNPq

AtoZ : Novas Práticas em Informação e Conhecimento. – Vol. 3, n. 1 (jan./jun. 2014)- . –
Curitiba : Universidade Federal do Paraná, Curso de Gestão da Informação, 2014- .
v.

Semestral.

Publicação online: <<http://www.atoz.ufpr.br>>
ISSN 2237-826X

1. Comunicação científica – Periódico. 2. Informação – Periódico. 3. Conhecimento – Periódico.
I. Curso de Gestão da Informação. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 001(8162)

Informação & Globalização

Bem-vindos ao número 1, do volume 3, de 2014 da revista **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento** que, apesar do pouco tempo de existência, está com classificação atualizada no Sistema de Avaliação Qualis Periódicos¹ como B4 na área Interdisciplinar e Engenharias III, B5 na área de Ciências Sociais Aplicadas I, e C na área de Educação.

Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação – no que diz respeito à velocidade de compartilhamento de dados e informações e à capacidade de armazenamento e gerenciamento dos sistemas de informação de suporte – percebe-se que “novidades” de uma parte do mundo são instantaneamente compartilhadas com “outras” partes do mundo. Por exemplo, nos intervalos dos jogos da Copa do Mundo no Brasil, diversos jornais nacionais realizaram *clipping* de notícias de jornais estrangeiros e, em questão de segundos, as pessoas puderam acessar “o mundo” *online*.

Da mesma forma, as pesquisas científicas (tais como teses e dissertações) que, há alguns anos eram, de certa forma, mais simples de serem realizadas – no sentido da amplitude dos recursos disponíveis para acesso ao que os outros centros estavam pesquisando – hoje lançam mão de um “panorama mundial” sobre determinado assunto.

Também, não apresenta uma novidade um docente/pesquisador, ao preparar uma aula/artigo estar, simultaneamente, participando de alguns dos 690 cursos disponibilizados por um dos 110 parceiros do Coursera², ou alguns dos cursos de programação do CodeAcademy³ ou, ainda, alguns dos 35 idiomas do LiveMocha⁴.

Porém, ainda que as velocidades e quantidades de ofertas de oportunidades e atualizações tenham seu lado positivo, estas exigem um trabalho criterioso de escolhas e prioridades, o que cria em algumas pessoas a sensação de estarem sempre atrasadas ou “não adaptadas” a estas mudanças em um cenário globalizado.

Neste novo número da AtoZ inicia-se com o destaque à contribuição das professoras Ma. Cristina Vieira de Freitas e Maria da Graça de Melo Simões (ambas da Universidade de Coimbra) respondendo questões elaboradas por professores do curso de Gestão da Informação da Universidade Federal de Goiás. A entrevista versou sobre atividades de gestão da informação, governança de dados, pesquisas e condições de mercado da área em Portugal. Portugal é novamente representado pelo artigo intitulado *A difusão vertical na web social: o caso de “Heaven Can Wait” no Antville* – a maior e mais antiga comunidade virtual do formato videomusical – no qual os autores apresentam resultados de uma aplicação da teoria fundamentada em dados ao método etnográfico.

¹ <<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/publico/pesquisaPublicaClassificacao.seam>>.

² <<https://www.coursera.org/>>.

³ <<http://www.codecademy.com/>>.

⁴ <<http://livemocha.com/>>.

O tema disseminação da informação está sendo abordado em dois artigos: *Questão ética, controle e regulamentação da informação no webjornalismo colaborativo*, voltado à questão preocupante da ética na Internet, com enfoque na colaboração de leitores em *sites* noticiosos, sendo este um dos grandes desafios que as empresas jornalísticas terão que enfrentar nos próximos anos; enquanto que o trabalho *A disseminação da informação no Twitter: uma análise exploratória do fluxo informacional de retweets* apresenta o processo de disseminação no serviço de *microblog* Twitter a partir dos *retweets* realizados por usuários, com o objetivo de criar um paralelo entre a disseminação de uma mensagem pelo *microblog* em relação aos aspectos teóricos da Teoria de Redes.

O artigo *A pesquisa sobre o fazer pesquisa: uma análise de citação da literatura periódica em Ciência da Informação* apresenta os resultados da análise de conteúdo e estudos métricos para contextualizar indicadores de produção, colaboração e citação na produção científica de autores da temática de metodologia de pesquisa na literatura de ciência da Informação.

Ainda neste número estão publicados três *short papers* derivados de pôsteres apresentados na 4ª Conferência Luso-Brasileira sobre Acesso Aberto (CONFOA), que ocorreu em São Paulo no segundo semestre de 2013: o *short paper Periódicos brasileiros e a fuga dos artigos científicos de alto impacto* apresenta os resultados de aplicação de técnicas bibliométricas em um *corpus* de artigos da área de Odontologia, com o objetivo de verificar os motivos pelos quais o aumento de títulos de periódicos brasileiros indexados não está acompanhado com o aumento de citações recebidas; a segunda contribuição apresenta a *Validação da eficácia da “política mandatária” em repositórios: um estudo de caso no instituto politécnico de Castelo Branco* (em Portugal), e; no terceiro *short paper*, as autoras propõem a *Definição de metadados para registros de áudio em repositórios digitais de acesso aberto* na Biblioteca/CIR da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP).

Finalizamos esse editorial desejando a todos os leitores um segundo semestre com muitos estudos e produções além de uma proveitosa leitura.

Profa. Dra. Denise Fukumi Tsunoda

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado Interdisciplinar) em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação/SCSA/UFPR

Membro do Conselho Editorial da AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento

Gestão da Informação em Portugal: formação, mercado e perspectivas

Maria Cristina Vieira de Freitas, Maria da Graça de Melo Simões

Resumo

As professoras Cristina Freitas e Maria da Graça Simões respondem questões elaboradas pelos docentes da Faculdade de Informação e Comunicação (Curso de Gestão da Informação) da Universidade Federal de Goiás - UFG. As perguntas se referem à estrutura de ensino voltada aos temas de gestão da informação em Portugal, a influência do fenômeno do "Big Data" na formação na área - incluindo discussões sobre a governança de dados, as áreas estruturantes da Gestão da Informação e enfoques de pesquisa no País, e as condições de mercado (ameaças e oportunidades) para os profissionais em Gestão da Informação em Portugal e no continente europeu. [Idioma disponível: português/Portugal].

Palavras-chave

Gestão da Informação. Mercado de trabalho. Formação profissional.

1. Como se constitui a estrutura de ensino voltada para a Gestão da Informação em Portugal?

Em primeiro lugar, é preciso dizer que o conceito de Gestão da informação é, pela sua própria natureza, polissêmico. Tal circunstância advém do facto de esta área comungar dos conceitos de pelo menos duas outras áreas que seriam naturalmente a Gestão e a Ciência da Informação. Esta particularidade concorre para que o conceito em apreço seja caracterizado por uma grande abrangência semântica, sob o qual muitos outros temas ou subtemas poderão ser tratados. É precisamente neste sentido que dever-se-ão demarcar os seus contornos sempre que se aborde este conceito.

Assim, e nesta perspectiva, em nossa opinião Portugal não foge à regra sendo, pela razão enunciada, esta matéria lecionada e diversa formas em diversas disciplinas e nos mais variados cursos espalhados pelo país. Deste modo, podemos verificar que o tema da gestão da informação se encontra representado em diversos planos de estudos sob diversas designações, entre as quais poderíamos mencionar, a título de exemplo: Gestão da informação em Arquivo, Gestão da informação em Bibliotecas, Gestão da informação nas organizações, Gestão e tecnologias da informação, Gestão e organização e serviços de informação, entre outras. Neste sentido, qual seria o ponto em comum em todas estas designações? A nosso ver seria a necessidade do uso de um qualificador

para fixar a aceção sob a qual este conceito está a ser considerado. Daí deriva que a gestão da informação, enquanto matéria de ensino a ser lecionada em Portugal, o é, efetivamente, comungando deste tipo de condicionamentos que fazem com que a sua abordagem apareça representada nos currículos fazendo-se acompanhar dos qualificadores próprios que lhe restringem a amplitude do significado.

De qualquer modo, e tendo em vista responder à questão em epígrafe, poderíamos ainda referir que a estruturação do ensino da Gestão da Informação em Portugal, de forma semelhante ao que ocorre no Brasil, aparece vinculada tanto ao currículo de algumas das principais licenciaturas disponíveis no país quanto ao nível dos mestrados e dos doutoramentos. Naturalmente, nestas duas últimas vertentes opta-se por uma abordagem menos generalista e mais especialista e focalizada do tema, de forma a conectá-lo com as questões de fundo da investigação em Ciência da Informação na realidade atual e com os diversos imperativos do mercado de trabalho e das tecnologias de informação e da comunicação, das quais a própria área da gestão da informação, pelas mais diversas razões, passa cada vez mais a depender.

2. Que universidades/faculdades são destaque na formação de gestores da informação em Portugal ou mesmo na Europa? É possível indicar diferenciais?

Na Europa, como todos nós sabemos, há uma herança e uma tradição muito fortes ligadas à Documentação, que vêm desde Paul Otlet e que se manifestam com mais ênfase nos países mediterrânicos. Esta herança e tradição condicionaram durante décadas, e em certos casos ainda condicionam, o ensino e a formação em Ciência da Informação em Portugal e nos demais países que comungam da mesma realidade. Tendo em linha de conta tanto este aspeto quanto o conteúdo da resposta dada à questão que nos foi colocada anteriormente, é natural que não nos sintamos confortáveis em apontar diretamente uma Escola ligada especificamente à área em Portugal, mas sim referir a existência de um núcleo consistente de Instituições do Ensino Superior público português distribuídas no circuito Porto, Lisboa e Coimbra, em que realmente encontramos excelente formação na área da Ciência da Informação, em geral, e, por extensão, em Gestão da Informação como sua área disciplinar subsidiária, em particular. Este “núcleo duro” de instituições portuguesas já vem acumulando experiência no ensino e na investigação desta matéria, pelo que consideramos que o país, sob este ponto de vista, oferece opções a considerar no circuito internacional, tanto na vertente do ensino quanto da investigação nesta área, na atualidade. Ademais,

a experiência e a produção científica portuguesa têm-nos demonstrado que já há um núcleo bastante consistente de conhecimentos e, consequentemente resultados, produzidos nessa área. A título de exemplo, poderíamos mencionar que numa rápida consulta realizada ao Repositório da produção científica portuguesa em acesso aberto (RCAAP), no período considerado entre 2004 e 2014, encontramos cerca de 2813 registos associados à Gestão da informação no âmbito da Ciência da Informação, dado que consideramos ser bastante satisfatório quando comparado com o número de instituições de ensino com cursos na área no país, no período em causa, e também com a extensão do território e da população portuguesa. Embora não possamos precisar em que medida, observamos pela nossa experiência que este quadro se repete, de uma forma geral, pelos demais países europeus que herdaram a matriz da Documentação e que em consequência disso mesmo vêm desenvolvendo programas, planos e projetos virados à gestão da informação muito mais recentemente. Dentro deste panorama, uma ressalva deve ser feita ao caso particular e bastante conhecido da Inglaterra, cujo modelo anglo-saxónico naturalmente dista da realidade mediterrânica por nós realçada.

3. Como o fenômeno “Big Data” influencia a área de Gestão da Informação?

Em primeiro lugar, importa definir o que são os *big data*. Trata-se de um conjunto massivo de dados *online* que são descobertos, capturados, agregados, geridos e disponibilizados por empresas, para fins de negócio, monitorização de informação e tomada de decisão. Deste ponto de vista, a gestão da informação é uma área profundamente influenciada pela recolha de dados massivos, uma vez que a referida recolha implica, logicamente, a armazenagem dos grandes volumes de dados recolhidos quer de pessoas, quer de organizações, para a sua posterior distribuição e uso para os fins previamente mencionados (negócios, estratégias, tomadas de decisão).

Assim e por um lado partindo-se do sobejamente conhecido pressuposto de que toda a informação pode e deve ser gerida, os *big data* ou dados massivos não deveriam escapar a esta regra e os/as gestores/as de informação, do presente e do futuro, deveriam aprender regras e estratégias de aproveitamento de mais esta oportunidade oferecida pela evolução das tecnologias de informação em rede. Por outro lado, como se trata de um conceito ainda recente e pouco consensual em diversos aspetos, dever-se-ia tratar o tema com alguma precaução, não deixando escapar aquelas balizas que normalmente nos são fornecidas pela Ética, quer num sentido formal, quer num sentido prático. A nosso ver, por exemplo, seria

lícito que os dados massivos fossem utilizados como fonte e recurso para a gestão do conhecimento organizacional, no âmbito do que atualmente convencionou-se designar por Inteligência Competitiva, já não sendo igualmente lícito, nem aconselhável por um/a gestor da informação, o seu uso ou apropriação em situações de espionagem, como tem sido denunciado em diversos casos já do domínio público. Do mesmo modo, as questões que se referem à privacidade das pessoas deveriam ser muito bem acauteladas aquando da sua gestão e do seu uso ou reuso. Veja-se, por exemplo, no âmbito da União Europeia, a normativa que recentemente deu direito e margem para que cidadãos/ãs comunitários/as solicitassem à empresa Google que retirasse a sua identidade daquele motor de busca. Naturalmente, a própria empresa tem referido, relativamente a esta imposição, que cada caso (leia-se solicitação recebida de cidadãos/ãs visando a retirada do seu nome das buscas efetuadas pelo respetivo motor) será analisado individualmente. No entanto, sabe-se que embalados/as por esta medida, mais de 40.000 petições desta natureza, vindos de cidadãos/ãs europeus (a medida só contempla os cidadãos/ãs comunitários/as), já terão sido entregues à empresa Google.

Toda essa avalanche terá consequências. Como é bom de ver, esse fenómeno, à semelhança de outras inovações tecnológicas que o precederam, ainda carece de uma ampla discussão na sociedade, acompanhada de uma respetiva regulamentação, que ainda não existe, tanto quanto sabemos, na maioria dos países. O próprio proeminente historiador Melvin Kranzberg (1917-1995) e a própria história das tecnologias nos ensinaram, e nos vêm ensinando vezes sem conta, que as próprias tecnologias que criamos não são boas nem más, tão pouco serão neutras, dependendo a sua bondade ou maldade exclusivamente do uso de que delas façamos num dado momento. Tal máxima, a nosso ver, aplica-se muito bem ao caso dos dados massivos, que se por um lado se apresentam como uma franca zona de oportunidade para as organizações e os/as gestores/as de grandes volumes de informação pelas potencialidades que o seu uso, gestão e manejo evidentemente representam, por outro, no vazio que precede à sua necessária regulamentação, podem representar uma séria ameaça aos direitos e à privacidade dos cidadãos/ãs, sendo este um Bem Maior que todo/a e qualquer profissional de informação, gestor/a ou não, no respeito aos preceitos ditados pelos respetivos códigos de ética e de deontologia profissional deveria esforçar-se por assegurar.

4. Que relações podem ser estabelecidas entre a Gestão da Informação e a gestão/governança de dados?

Para dar resposta a esta interrogação, nunca é demais recordar que a gestão abarca quatro facetas: organização, planeamento, controlo e direção; de onde se propugna por uma necessidade de articulação de toda e qualquer política de Governança de dados com estas quatro facetas tão peculiares ao ato de gerir. Ademais, se assumimos que no conceito de Governança se encontra o exercício do poder e se temos como pressuposto que informação é poder, logo não apenas está clara como também perfeitamente estabelecida a relação entre estas duas variáveis: sem informação não se exerce o poder, isto é, não se exerce a boa Governança. Mas, como é bom de ver, na atualidade, o conceito de informação, sobretudo nos meandros da Governança, deve associar-se aos conceitos de

transparência e de prestação ou rendição de contas ou responsabilidade social (*accountability*, na terminologia original). Por tudo isso e pelo que ainda se infere da resposta à questão anterior (referente aos dados massivos e ao seu uso na, e pela, gestão da informação), podemos inferir, e com uma boa margem de certeza, que sem gestão da informação não há Governança de dados e sem políticas assertivas de gestão da informação tanto menos se tem o controlo dos dados e evidentemente da informação que possuímos e que pretendemos distribuir, utilizar e reutilizar a bem dos/as cidadãos/ãs e da Governança na, e da, própria sociedade.

5. Qual o atual estágio de desenvolvimento das pesquisas na área de Gestão da Informação em Portugal?

Tal como foi referido em resposta à questão nº 2, esta área encontra-se francamente em expansão, todavia e a nosso parecer de uma forma ainda não totalmente consensual, equilibrada e consolidada, nos diversos cursos e ciclos de estudos oferecidos no País. Do nosso ponto de vista, a polissemia do termo e a sua consequente utilização em diversas áreas e aceções, e aqui nos reportarmos à resposta dada à questão nº 1, são em boa medida variáveis intervenientes nesse processo. Não obstante as dificuldades e a vicissitudes sofridas, entre elas a forte herança recebida da Documentação e das suas tradições, também apontadas anteriormen-

te por nós, já é possível observar a existência de um corpo consistente de produção científica na área em Portugal (veja-se a este respeito os dados apresentados na mesma resposta dada à questão nº 2), o mesmo acontecendo ao desenvolvimento disciplinar, circunstância que se pode apreciar pelo aumento substantivo do número de ofertas verificadas nos diversos cursos de Ciência da Informação disponíveis em Portugal, situação que se pode apreciar ao consultar os próprios planos de estudos divulgados em linha pelas diversas Instituições do Ensino Superior português que oferecem cursos desta natureza.

6. Quais áreas podem ser consideradas “estruturantes” da Gestão da Informação? E por quê?

Entre outras áreas, pela sua afinidade de propósitos, entendemos que as matérias que se podem considerar como eixos estruturantes são todas aquelas relacionadas com a organização da informação e do conhecimento, pois a gestão pressupõe a organização (sendo esta, como dissemos anteriormente, uma das suas quatro facetas). Assim, todas as disciplinas que tenham que ver diretamente com a representação de conteúdos e/ou informação estariam incluídas nesta relação. Naturalmente, e no mundo atual, não poderíamos deixar de considerar como muito positiva a aquisição de competências relacionadas com o

franco domínio das Tecnologias de Informação e Comunicação, nomeadamente no que concerne ao manuseamento e à monitorização de aplicações e de plataformas digitais. Convém recordar que muitas das tarefas de gestão da informação que se fazem hoje dependem do exercício destas e de outras habilidades e competências, entre as quais ainda poderíamos citar e a título de exemplo, dada a sua relação direta com o caso da gestão e do uso particular dos dados massivos, o domínio de ferramentas próprias da Estatística e da análise de dados.

7. Como a atual crise econômica tem afetado a inserção de gestores da informação no mercado de trabalho português e europeu?

De facto a crise reflete-se, por exemplo, na psicologia do consumo, o que concorre em grande medida para a retração dos mercados nas suas diversas manifestações. Não obstante, a própria etimologia da palavra crise descortina um outro universo que é o das opções. Neste sentido, a crise constituiu-se num motor impulsionador para as novas oportunidades e para aquela tão necessária como fundamental articulação entre a Universidade e o mundo do mercado de trabalho. Nesse sentido, regista-se que a universidade portuguesa tem tentado auscultar mais a sociedade,

perceber mais as suas necessidades e adaptar-se mais e melhor a essas novas realidades descortinadas pela crise (emprego volátil, emprego sazonal, emprego qualificado, desemprego jovem, etc.). É neste contexto, que a universidade portuguesa tem tentado procurar assumir-se num papel não apenas de ouvidora como também de mediadora entre estas duas realidades. Neste sentido, e em diversas intervenções (estágios, conferências, congressos, *workshops*, projetos, ações de formação, etc.) temos visto e testemunhado, por todo o país, que os/as responsáveis e os/as cola-

boradores em cursos de Ciência da Informação têm procurado ampliar o seu raio de ação para as organizações lucrativas e não lucrativas, de modo a tentar, agora mais do que antes, explicar o papel estratégico que quer pela formação, quer pela

vocação, os/as gestores/as de informação poderão e deverão ocupar ao nível organizacional ao potenciar soluções para a própria crise com ações e intervenções locais, sensibilizando e captando a sua atenção para a relevância desta questão.

8. Que aspetos podem ser priorizados na formação de gestores de informação para enfrentar os desafios trazidos por tal tipo de crise?

Por tudo quanto foi dito nas questões anteriores, julgamos que dar cada vez mais formação adequada às necessidades e às exigências do mercado de trabalho, sem descurar os conhecimentos de base e os fundamentos que definem a área, sempre necessários ao exercício competente da profissão, são uma excelente alternativa. Tal como referimos na resposta dada à questão nº7, é preciso auscultar a sociedade e o mercado, no sentido de perceber as suas necessidades. Neste sentido, conforme também afirmamos, as estratégias de aproximação entre a empresa e a Universidade são fundamentais e bem-vindas, principalmente em momentos de crise como os que temos presenciado na conjuntura da Europa atual. Todavia, não nos podemos esquecer de que as crises fazem parte da própria estrutura capitalista e que, em função disso, temos de aprender a lidar com elas. Especialmente em conjunturas tais como esta em que atualmente vivemos, somos confrontados com a necessidade de investir no perfil humanís-

tico dos/as nossos/as alunos/as, fornecendo-lhes uma formação que lhes permita perceber-se e situar-se de uma forma mais abrangente na sociedade, para além naturalmente da necessidade de investir na sua alta capacitação técnica e científica e no conceito de aprendizagem ao longo da vida, tão caro à realidade tecnológica contemporânea. É no seio destas tão difíceis quanto particulares e estimulantes conjunturas que temos aprendido a perceber cada vez mais, e com mais intensidade, o verdadeiro valor daquilo a que designamos por formação ampla, que contempla, ou deve contemplar, tanto o ponto de vista profissional quanto a investigação e a ação interventiva aluno/a enquanto ator/a social, agente da mudança e cidadão/ã. Neste sentido, acreditamos que apesar dos esforços contrários a Universidade portuguesa tem procurado repensar, nos seus diversos fóruns para debate, o seu papel de formadora de recursos humanos capazes de lidar com a complexidade da atual realidade.

Information Management in Portugal: education & employment conditions and some prospects

Abstract

The Professors Cristina Freitas and Maria da Graça Simões answer questions prepared by teachers from the Faculdade de Informação e Comunicação (Gestão da Informação Undergraduate Degree) da Universidade Federal de Goiás - UFG. The questions are related to the educational structure dedicated to the issues of information management in Portugal, the influence of the "Big Data" phenomenon on education and training in the area - including discussions on data governance, the foundation areas of Information Management and the main approaches to information research in the Country. Besides, they discuss the employment conditions (threats and opportunities) for professionals in Information Management in Portugal and in Europe [Available Language: Portuguese/Portugal].

Keywords

Information Management. Job market. Professional training.

Maria Cristina Vieira de Freitas é Professora Auxiliar Convidada na Universidade de Coimbra, membro associado da BAD (da qual também é revisora dos CADERNOS BAD) e da SOPCOM. Tem Doutorado em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de Salamanca, Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Especialização em Conservação de Obras sobre Papel pela Universidade Federal do Paraná. É Licenciada em Documentação e Arquivística pela Universidade de Aveiro e em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases. É membro do Conselho de Redação do Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, e dos centros de investigação CIDEHUS (Universidade de Évora) e CONDOR (Universidad de León). Autora e/ou coautora em dezenas de publicações científicas em veículos nacionais e internacionais. Interessa-se pelas seguintes linhas de investigação: organização, gestão e preservação da informação e do conhecimento em arquivos; arquivos digitais; metodologia da investigação científica; análise qualitativa de dados com o apoio de software.



Maria da Graça de Melo Simões, é Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no Curso de Ciência da Informação Arquivística e Biblioteconómica, onde leciona disciplinas relacionadas com a Organização do conhecimento. Tem Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de Salamanca, Mestrado em Ciência da Informação pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Pós Graduação em Ciências Documentais pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Pós Graduação em Estudos Europeus pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e Licenciatura em História pela mesma Universidade. É autora de diversas monografias e artigos publicados em revistas nacionais e internacionais especialmente sobre temas relativos à Representação da Informação e Organização do Conhecimento.



Agradecimentos

A Equipe Editorial da AtoZ agradece às entrevistadas e aos seguintes entrevistadores do Curso de Gestão da Informação da Universidade Federal de Goiás (UFG): Prof. Dr. Dalton Martins; Prof. Dr. Alexandre Ribeiro Afonso; Prof. Ms. Arnaldo Alves Ferreira Júnior; Prof. Ms. Rubem Borges Teixeira Ramos; Profa. Dra. Eliany Alvarenga de Araújo.

Como citar este documento:

FREITAS, M. C. V. de; SIMÕES, M. G. M. Gestão da Informação em Portugal: formação, mercado e perspectivas. **AtoZ**: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 6-11, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.atoz.ufpr.br>>. Acesso em: . Entrevista.

A difusão vertical na web social: o caso de "Heaven Can Wait" no Antville

João Pedro da Costa

Resumo

Introdução: Procede a uma análise textual da fruição participativa do Antville, a mais antiga e maior comunidade virtual de fãs do formato videomusical, à *Heaven Can Wait* de Charlotte Gainsbourg & Beck (2009). **Método:** Utiliza uma aplicação da teoria fundamentada em dados ao método etnográfico. **Resultados:** Os resultados principais da análise passam pelo enquadramento da referida *praxis* dos membros do Antville num tipo de fruição participativa "forense" geradora de uma forma eloquente de inteligência coletiva que, motivada por características producentes do texto videomusical. **Conclusões:** A estrutura verificada desencadeia um tipo de difusão passível de ser conceptualizada como "vertical", isto é, como uma forma complementar das práticas difusoras "horizontais" mais comuns na *web social* (disseminação e propagação).

Palavras-chave

Web social. Vídeo musical. Difusão vertical na web. Difusão horizontal na web. Cultura dos fãs.

O vídeo musical realizado por Keith Schofield para o tema *Heaven Can Wait* de Charlotte Gainsbourg (atriz e cantora anglo-francesa, filha da atriz francesa Jane Birkin e do cantor, compositor e realizador Serge Gainsbourg) & Beck (cantor, compositor e multi-instrumentista norte-americano), foi carregado para o Vimeo no dia 19 de novembro de 2009 (HEAVEN..., 2009a) e para o YouTube no dia 10 de abril de 2010 (HEAVEN..., 2009b)¹. Em abril de 2014, os referidos intertextos tinham atingido 407 mil e 1,15 milhões de visualizações nos respectivos portais, totalizando cerca de 1,6 milhões visualizações na *web social*, valor manifestamente elevado para um projeto musical *indie*². No entanto, o acesso ao vídeo musical já tinha sido anteriormente disponibilizado no blogue do Antville, a maior e mais antiga comunidade virtual de fãs do formato videomusical, no dia 18 de novembro de 2009, tendo desencadeado

uma acesa discussão entre diversos membros da comunidade que publicaram, até à referida data, 193 comentários na caixa do respectivo *post*³.

Quadro 1 – Carregamentos iniciais de *Heaven Can Wait* na *web social*

plataforma	tipo de rede social	utilizador	data
Antville	blogue	captainmarc22	18/11/2009
Vimeo	portal de partilha de vídeos	Charlotte Gainsbourg	19/11/2009
YouTube	portal de partilha de vídeos	Keith Schofield	10/04/2010
MySpace	portal de partilha de música e vídeos	Charlotte Gainsbourg	15/04/2010

Fonte: o autor, 2014.

¹ Uma possível explicação sobre a preferência dada ao Vimeo em detrimento do YouTube pode estar relacionada com os diferentes níveis de acessibilidade, usabilidade e desejabilidade dos dois portais (COSTA, 2010). O vídeo musical foi igualmente carregado para o MySpace, mas está atualmente indisponível.

² Ou independente, termo popularizado no início dos anos 80 nos Estados Unidos e que se referia inicialmente aos projectos musicais sem contrato discográfico com as seis grandes editoras discográficas da época: EMI, CBS, BMG, PolyGram, Warner e MCA. Devido ao facto de as referidas *majors* privilegiarem um tipo de música supostamente mais comercial ou *mainstream*, o termo *indie* passou, por metonímia, a designar igualmente uma sensibilidade musical transversal a diversos géneros, com predominância para o rock (também designado de "alternativo"). É, no entanto, importante ter sempre em conta que é bastante comum que uma música considerada *indie* ou alternativa por uma geração, cena local ou mercado poder ser adotada ou percebida por outro grupo como sendo *mainstream* ou comercial (TAYLOR *et al.*, 2013, p. viii).

³ <<http://videos.antville.org/stories/1948117>>. Um trailer do vídeo musical tinha sido publicado previamente no blogue da comunidade no dia 5 de outubro de 2009: <<http://videos.antville.org/stories/1936215>>. Acessos em: 16 abr. 2014.

O referido *post* (Figura 1) possui uma estrutura similar aos restantes que povoam o blogue da comunidade: o título inclui uma descrição do projeto musical (uma colaboração entre Charlotte Gainsbourg e Beck), o título do vídeo musical (*Heaven Can Wait*) e o nome do realizador (Keith Schofield); o corpo do *post*, por sua vez, inclui três imagens do vídeo musical e uma hiperligação para o portal do realizador. A habitual incorporação (ou *widgetização*) de um intertexto do vídeo musical oriundo dos portais de partilha de vídeos era, à data, impossível, na medida em que – como foi referido – *Heaven Can Wait* apenas viria a ser carregado um dia depois para o Vimeo e cerca de cinco meses depois para o YouTube e o MySpace. Significativo, no entanto, é o fato de a hiperligação incluída no *post* remeter para uma página do portal do realizador cujo URL não estava, à data, publicado ou sequer acessível a partir da página de entrada (ou de qualquer outra página) do referido portal, o que indicia que o utilizador @captainmarc22 teria alguma ligação com a equipe responsável pela produção do vídeo musical ou, pelo menos, com a indústria videomusical⁴. É por isso que o anterior carregamento de *Heaven Can Wait* numa página “escondida” do portal de Keith Schofield não pode ser considerado a primeira integração do vídeo musical na *web social*: a sua insularidade foi apenas quebrada com a publicação do respectivo URL no referido *post* do Antville.

O interesse demonstrado pelos membros da comunidade Antville em relação a *Heaven Can Wait* estava diretamente relacionado com a carreira fulgurante de Keith Schofield no universo videomusical. Em apenas cinco anos, o realizador norte-americano já tinha dirigido quase duas dezenas de vídeos musicais, entre os quais se destacam os de *Bad Blood* dos Supergrass (vencedor do prêmio para melhor vídeo rock dos UK Video Awards de 2008), *Toe Jam* dos The BPA (nomeado pelo Antville para a sua lista dos 50 melhores vídeos da última década) e *Let Love Rule* dos Justice e Lenny Kravitz (um dos cinco nomeados para o prêmio de melhor vídeo musical dos Vimeo

Figura 1 – Captura de tela do *post* relativo à *Heaven Can Wait* no Antville



Fonte: o autor, a partir de <<http://videos.antville.org/stories/1948117>>.

Awards 2010). *Heaven Can Wait* era igualmente o primeiro trabalho de Keith Schofield após o *spot* publicitário da sua autoria intitulado *Diesel SFW XXX* ter sido premiado em dois dos mais prestigiados festivais internacionais de publicidade: os British Television Advertising Awards (Reino Unido) e o Cannes Lions (França). A expectativa do Antville relativamente ao próximo capítulo da carreira do realizador estava, por isso, ao rubro.

Heaven Can Wait é, sem dúvida, uma obra singular. Ao longo dos 2 minutos e 40 segundos da sua duração, o vídeo musical desfila um conjunto de 50 cenas insólitas muito curtas (todas com menos de 4 segundos) sem nenhuma relação aparente entre si, a não ser o fato de todas incluírem diversas personagens (entre elas, Charlotte Gainsbourg e Beck); de serem riquíssimas na sua composição (enquadramento, cenário, personagens e guarda-roupa); e de a maioria ser reproduzida em câmara lenta. Apesar do recurso a essa técnica é impossível apreender a totalidade dos detalhes e dos diferentes fios narrativos sugeridos pelas várias cenas em uma única visualização. Uma breve tentativa de descrição das primeiras cenas (algumas delas recorrentes) (HEAVEN..., 2009a: 0'00"-0'52") exemplifica não apenas a heterogeneidade como a singularidade da série:

- a) diversas pessoas a dormir em sacos-cama em torno de Charlotte Gainsbourg que olha para Beck a tocar guitarra;

⁴ Este indício é confirmado pelo próprio @captainmarc22 (um dos membros mais activos da comunidade) num comentário a um *post* publicado no blogue no dia 5 de abril de 2005: «I have worked with directors and bands in videos that have been posted here [on Antville]»: <<http://videos.antville.org/stories/1089368/#1090194>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

- b) um *b-boy* a executar um número de *break dance* no passeio de uma rua;
- c) uma partida de tênis com diversos jogadores e bolas a atravessarem simultaneamente o campo;
- d) Charlotte Gainsbourg sentada à beira de uma piscina com os pés na água e Beck ao lado a tocar guitarra;
- e) um jovem casal a correr numa praia com o rapaz a empunhar uma espada;
- f) Charlotte Gainsbourg maquiando-se ao espelho de uma casa de banho enquanto um monstro (que parece saído do filme *Guerra nas Estrelas*) está sentado na banheira;
- g) uma colcha a levitar no centro da sala de jantar repleta, em um restaurante;
- h) Charlotte Gainsbourg a embalar um bebê vestido de cachorro-quente;
- i) duas adolescentes a testar uma carabina numa loja de armas e munições;
- j) Charlotte Gainsbourg e um casal idoso a exibirem um prato com o que parece ser uma montagem de frutos e vegetais com a forma de um mocho;
- k) um latino-americano a pentear a sua poupa cheia de gel ao lado de outro que tem nas mãos uma noz gigante do tamanho de uma abóbora;
- l) uma criança obesa em tronco nu com uma guitarra a dançar aos saltos perante a indiferença de Beck e de um casal de idosos;
- m) dois adultos a olhar um para o outro sorridentes enquanto exibem uma bomba que ostenta a palavra "nachos" escrita a giz;
- n) uma prancha de *skate* pousada em cima de quatro pilhas de hambúrgueres;
- o) um casal a deslocar-se num veículo de golfe a alta velocidade (o traje do elemento feminino parece saído de Alice no País das Maravilhas);
- p) Charlotte Gainsbourg a almoçar com mais cinco pessoas (uma delas tem como cabeça um crânio bovino);

- q) uma idosa a acertar com um taco de beisebol numa laranja que lhe é atirada.

À primeira vista, pouco parece fazer "sentido" neste vídeo musical – e esse "pouco" resume-se praticamente à edição síncrona dos planos com as batidas da trilha sonora⁵ e à presença recorrente de Charlotte Gainsbourg e Beck (estão lá porque, de fato, são eles os intérpretes do tema musical). Devido à sua elevada "porosidade", o vídeo musical enquadra-se, definitivamente, na categoria dos textos produtores (FISKE, 1992, p. 104), na medida em que cada um dos seus planos não apenas permite como parece convidar de forma urgente a participação das audiências na produção do(s) seu(s) hipotético(s) sentido(s).

No entanto, *Heaven Can Wait* não se limita a esse apelo e fornece igualmente duas pistas cuja legibilidade é elevada junto dos seus potenciais fruidores (consumidores de música *indie* e fãs do formato videomusical). As referidas pistas consistem em cenas que contêm evidentes relações hipertextuais (GENETTE, 1982) a conhecidos hipotextos da cultura popular: um quadro de Magritte e a capa de um disco da banda Led Zeppelin (Figura 2).

Como interpretar as pistas de leitura oferecidas pelas referências explícitas (ou paródias) a dois hipotextos sedimentados da cultura popular? A alusão ao quadro de Magritte pode ser interpretada como uma chave de leitura que aponta para uma aplicação da escrita automática surrealista ao domínio da produção videomusical, como explica Breton:

Placez-vous dans l'état le plus passif ou réceptif que vous pourrez [...] Écrivez vite sans sujet préconçu, assez vite pour ne pas vous retenir et ne pas être tenté de vous relire (BRETON, 1994, p. 41).

Heaven Can Wait aparenta, de fato, encaixar-se nas características das criações surrealistas: a série heterogênea de cenas não apenas não parece ter qualquer unidade temática ou qualquer relação com a letra do tema, como possui um conjun-

⁵ No entanto, a edição não é regular, isto é, a mudança de planos não acompanha o compasso quaternário 4/4 da canção. É por isso que as cenas não têm a mesma duração.

Figura 2 – Captura de duas imagens de *Heaven Can Wait* com sobreposição dos respectivos hipotextos



Fonte: o autor, a partir de <<http://videos.antville.org/stories/1948117>>

to de características insólitas, que apontam para uma dimensão onírica ancorada no subconsciente do seu realizador. No entanto, a segunda referência hipertextual à capa de um álbum da banda Led Zeppelin parece também indiciar uma prática potencialmente recorrente de emulação de hipotextos da cultura popular e legitima uma série de interrogações no âmbito da leitura “excessiva” (FISKE 1992, p. 104) do vídeo musical: serão todas as cenas incluídas em *Heaven Can Wait* igualmente alusões e, em caso afirmativo, a que hipotextos?

É um percurso relativamente análogo ao que foi aqui exposto o que é levado a cabo por dezenas de membros da comunidade Antville na impressionante sequência de 193 comentários ao *post* em que o vídeo musical foi pela primeira vez disponibilizado na *web* social. Os primeiros comentários referem a aparente aleatoriedade da série de cenas que compõem *Heaven Can Wait*:

Not sure I understood what it was going for, but the footage do looks beautiful.
(@captainmarc22)

Surely you could throw a dart and fill those frames.
(@senility_now)

Definitively some cool imagery, but so random. Doesn't feel like any effort was made to link it all together.
(@captainhairry)

Outro aponta mesmo para a sua natureza “porosa”, comparando-o com um dos mais populares formatos mediáticos produtores, os *trailers* cinematográficos:

The randomness – It helps if you pretend that this is a trailer to a bat-shit crazy movie. LOVE that shot with the guy on the field running from the axe. I want to see that movie.
(@birds.on.fire)

E um, em particular, alude aos aparentes efeitos surrealistas da sua concepção:

This is the best video ever made, I feel like my mind has been scooped.
(@tobiasstretch)

No entanto, à medida que se desenvolve o diálogo na caixa de comentários, o utilizador @my_name_is_legion sugere uma pista que é, de imediato, seguida por outros membros da comunidade:

This video looks too random, like the director spent too much time looking through his FFFFOUND! folder.
(@my_name_is_legion)

Legion's on to something [...] It's almost as if Keith's had this idea of making a cinematic montage of his favorite internet/art images for a while, and he just started saving them in a folder on his computer – and now... voilà. What if we found out that each shot was a homage to some image?
(@Bunny_Greenhouse)

Very nice. Obviously it's a homage to Keith's favorite FFFFOUND! Images and I think Bunny Greenhouse is right [...] [when he says] this makes the video far more interesting conceptually.
(@kansas)

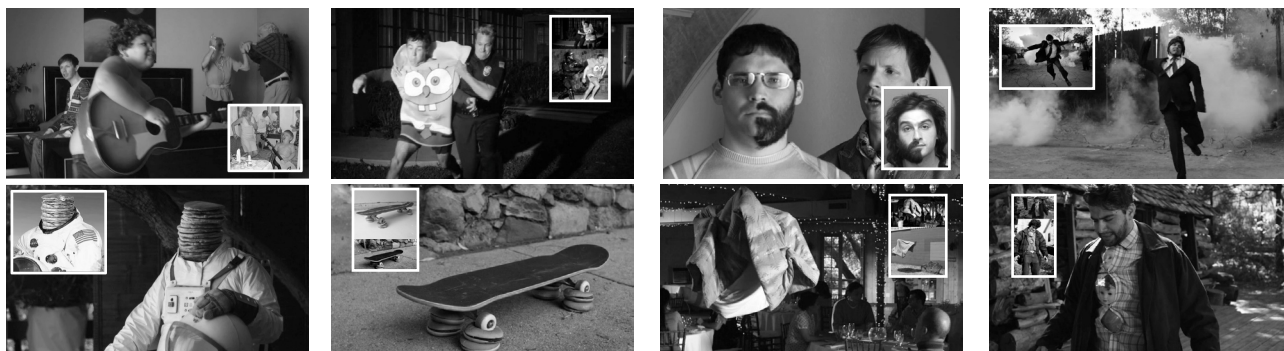
A referência ao FFFFOUND!⁶ é particularmente pertinente, na medida em que esta plataforma da *web* consiste num marcador social (*social bookmarker*) que utiliza um algoritmo para sugerir e recomendar imagens que possam interessar a um determinado utilizador, consoante à sua classificação popular (*folksonomy*) levada a cabo

pelos membros da comunidade. O que os membros do Antville fazem na sequência é precisamente identificar, uma a uma, a quase totalidade do vasto conjunto de hipotextos de cada uma das cenas hipertextuais de *Heaven Can Wait*.

A Figura 3 apresenta oito das muitas cenas cujos hipotextos foram identificados pelo Antville. Esta genuína performance coletiva (SUROWIECKI, 2004) foi motivada, por um lado, pela natureza "porosa" do texto produtor de *Heaven Can Wait* e, por outro, pela presença de pelo menos

duas referências hipertextuais bem legíveis que indicava a potencial existência de um hipotexto para cada uma das cenas. A identificação destes hipotextos foi sucessivamente levada a cabo por diversos membros da comunidade, recorrendo à sua memória individual ("onde é que já vi isto?"), às pistas e sugestões lançadas pela comunidade e às ferramentas (marcadores sociais, motores de pesquisa etc.) que a *web* social coloca à sua disposição. Tal *praxis* enquadra-se de forma particularmente aguda na famosa noção de inteligência coletiva definida por Pierre Lévy:

Figura 3 – Captura de imagens de *Heaven Can Wait* com sobreposição dos respectivos hipotextos identificados pelo Antville



Fonte: o autor, a partir de <<http://videos.antville.org/stories/1948117>>.

The members of a thinking community search, inscribe, connect, explore... Not only does the cosmopedia make available to the collective intellect all of the pertinent knowledge available to it at a given moment, but it also serves as a site of collective discussion, negotiation and development. Unanswered questions will create tension within cosmopedic space, indicating regions where invention and innovation are required (LÉVY, 2007, p. 217, grifo nosso).

O empenho da fruição participativa dos membros da comunidade Antville demonstra igualmente que certos conteúdos mediáticos, como o vídeo musical de *Heaven Can Wait*, suscitam uma prática difusora distinta das mais comuns na *web* social (disseminação e propagação)⁷ e que Jason Mittell nomeia *drillability*:

Perhaps we need a different metaphor to describe viewer engagement with narrative complexity. We might think of such programs as drillable rather than spreadable. They

encourage a mode of forensic fandom that encourages viewers to dig deeper, probing beneath the surface to understand the complexity of a story and its telling. Such programs create magnets for engagement, drawing viewers into the storyworlds and urging them to drill down to discover more (MITTELL, 2009).

No caso de *Heaven Can Wait* não é a complexidade (de resto, inexistente) dos seus meros esboços micronarrativos, mas sim a natureza produtora do seu texto videomusical que desencadeia a fruição participativa forense dos membros do Antville que investigaram, colectivamente e com assinalável eficácia, as origens hipertextuais da quase totalidade das suas cenas. Este tipo de fruição origina uma variante difusora que pode ser, recorrendo a uma metáfora euclidiana, caracterizada como vertical, não apenas porque permite conceptualizar uma complementaridade axial com as práticas horizontais mais comuns de difusão

⁶ <<http://ffffound.com>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

⁷ No modelo conceptual de difusão na *web* social desenvolvido no projeto de investigação doutoral que está sendo levada a cabo, pelo autor, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro subordinado ao título A convergência dos vídeos musicais na *web* social: Conceptualização e Análise. A "disseminação" designa as práticas difusoras operadas pelos utilizadores sem transformação do conteúdo difundido e a "propagação" as que, pelo contrário, implicam uma transformação textual (paródias, pastiches, remisturas, colagens etc.).

operada pelos utilizadores (ver Quadro 2), mas porque invoca igualmente a pertinente noção de transtextualidade vertical de John Fiske:

Vertical [transtextuality] is that between a primary text, such as a television program or series, and other texts of a different type that refer explicitly to it. These may be secondary texts such as studio publicity, journalistic features, or criticism, or tertiary texts produced by the viewers themselves in the form of letters to the press, or, more importantly, of gossip and conversation (FISKE, 2011, p. 107-108).

Como é óbvio, a difusão vertical do vídeo musical promovida pelos epitextos (comentários ao *post*) publicados no Antville potencializa igualmente a sua difusão horizontal (disseminação e propagação): inúmeros membros do Antville terão fruído *Heaven Can Wait* motivados pela discussão que o vídeo gerou nos membros da comunidade (a própria interface do blogue destaca os últimos comentários publicados através de hiperligações na coluna da direita). De resto, a relação dialética entre a difusão horizontal e vertical de conteúdos mediáticos na *web* social torna ainda mais pertinente e operativa a proposta de uma conceitualização binária das práticas difusoras dos seus utilizadores.

Quadro 2 – Tipologia da difusão na *web* social

difusão		
horizontal		vertical
disseminação	propagação	

Fonte: o autor, 2014.

O nível argumentativo e a profundidade de algumas das reflexões levadas a cabo pela fruição participativa forense de *Heaven Can Wait* por parte da comunidade Antville são igualmente merecedoras de uma atenção especial, na medida em que demonstram a “profundidade” da sua difusão vertical.

O primeiro exemplo remete para um comentário do utilizador @wing que consegue a proeza de, em poucas linhas, estabelecer uma muito pertinente relação entre a curta duração dos planos de *Heaven Can Wait* e a capacidade de atenção (*attention span*) dos utilizadores da *Web*; articular uma conceitualização do vídeo musical en-

quanto ponte entre as práticas artísticas de baixa-fidelidade (*low fi*) e a arte erudita (*high art*); propor a referida conceitualização como um eco do trabalho musical de um dos seus intérpretes; e, finalmente, referir a propensão hipertextual do vídeo como um dos argumentos centrais para a sua valorização estética:

Great work! Exquisite cinematic scenes for the attention span of an Internet audience. Perfect execution of low-fi meets high art, which is what Beck has been doing musically since 1994. Really like how this is fantastic to look at: it speaks conceptually about things outside each scene. (@wing)

O segundo exemplo prende-se com a discussão que se gera devido ao fato de pelo menos dois dos hipotextos identificados de *Heaven Can Wait* serem da autoria do fotógrafo William Hundley:

A lot of William Hundley: www.todayandtomorrow.net (@atmc)

O que se assiste a seguir é a cisão dos membros da comunidade em relação à suposta intenção (tópico sempre movediço): que terá movido Keith Schofield a recriar algumas fotografias de William Hundley no vídeo musical: plágio ou homenagem? Os comentários que defendem a primeira hipótese são, como seria de esperar, os mais acintosos:

I don't understand, why throw in rips from Hundley if you obviously spent hours thinking of the most random shit possible? (@senilitynow)

I [...] have a problem with directors/filmmakers/artists taking what should exist as merely the seed of an idea and instead of embellishing it and taking it to a conceptually-evolved place prefer to merely plunk said image(s) into a larger piece without any context or tact. While this very well may be the point of this video I really feel this approach is not only easy, but lazy, and a ultimately sad comment on the current state of ideas/creativity in general. (@chupacabraface)

Talent borrows, genius steals? Apparently so; I hope none of the source photos were done by aspiring directors. That would be a drag. (@jesse.ewles)

Here's a concept: Let's JUST STEAL IDEAS WITHOUT ATTRIBUTION! So lame. I'd rather see that video directed by any of the people who had those ideas in the first place. I'm guessing Hundley would have loved to have done it. Instead some dickhead does his own version of Hundley. BOO HISS! I'm against it.

(@merkley)

merkley & chupacabraface: Keith Schofield is an obscene hack. Kudos for pointing out his baseless and amoral video. Both of you display enviable courage to tackle and destroy a fraud that is slowly corrupting this industry and the country.

(@vamarishnu)

James Joyce appropriating homer is quite a different thing than this music video director recreating the work of an emerging photographer. For appropriation to function properly, the audience has to be in on the joke... The problem here is that most people won't look at this video and think "oh he's paying homage to Hundley et al.". This video is aimed at an indie music audience, most of whom probably aren't familiar with Hundley's work.

(@jennifer_jordan)

I just emailed Hundley and he had no idea his images were so blatantly ripped. [...] You people making excuses for this hack are doing nobody any good. Get on board or get out of the way. Schofield has the audacity to put himself in the ranks with Spike Jonze and others. HE IS AN EFFING HACK!

(@merkley)

O e-mail enviado por @merkley a William Hundley origina um post do fotógrafo no seu Flickr que é de imediato reproduzido pelo mesmo membro do Antville num comentário:

Someone is using my ideas. Looks familiar? [hiperligações para uma imagem do vídeo e respectivo hipotexto da sua autoria, inserção nossa] Also, there is a floating fabric form in this video very similar to my work. Help me spread the word that Keith Schofield apparently can't come up with his own ideas or at least give me some credit...

(@merkley)

No entanto, um número considerável dos membros da comunidade não subscreve a acusação de plágio que é dirigida a Keith Schofield:

Nothing is original. Steal from anywhere that resonates with inspiration or fuels your imagination. Devour old films, new films, music, books, paintings photographs, poems, dreams, random conversations, architecture, bridges, street signs, trees, clouds, bodies of water, light

and shadows. Select only things to steal from that speak directly to your soul. If you do this, your work (and theft) will be authentic. Authenticity is invaluable; originality is non-existent. And don't bother concealing your thievery-celebrate it if you feel like it. In any case, always remember what Jean-Luc Godard said: It's not where you take things from; it's where you take them to. – Jim Jarmusch

(@bryanmatic)

Jarmusch and designers like Ian Anderson are spot on in their analysis of the idea of appropriation. Concepts are not sacred; remakes and covers are standard fare and always have been. Remember that this is not a case of someone using another's artwork directly. It's a reinterpretation and it's a damn good one. Hundley should meet someone who's had their work genuinely stolen. Dude sounds like a priss.

(@familiar)

Recreating these photos was obviously the concept. There is no pretense here, this is fffffound in the video. Consider it homage – Romanek style.

(@trans_alt)

Ironically, Hundley's work is best known because it's been reposted a bazillion times on tumblrs and design sites, often contextless and without credit. I've seen his pictures a few times on different sites and assumed they were simply Internet memes. I suspect Keith thought that same thing, as he referred to them as "found photos" in his treatment. I mean: c'mon, if you see a picture of a skateboard resting on cheeseburgers, I can't blame you if you think it's just some silly picture that gets posted on funny picture message boards. And yes, Hundley does sound like a total whiner and opportunist.

(@budget)

This video is far from stealing. This is Keith bringing together some of his favorite fffffound images on tour for everyone to see. If you're included, thank your curator. Keith Schofield has been open about his use of fffffound.com and other sites in interviews over the last few years. I'm sure he has introduced this site to some of you. Part of the reason why Keith has done so well in the viral world is because he fully embraces the concept of the Internet as a shared place. He is one of the few directors out there who openly post most of his treatments on his site for everyone to view. He explains and reveals many of his techniques for others to study and yes copy.

(@lameaholic)

Somebody above posted about intent. Personally, I think the video is absolutely about a certain randomness that makes sense to the creator. In interviews, Schofield has himself said that the way he concepts is by looking at a photo collection and seeing what sticks. It's a logical approach. Many directors do this. In this case the idea was

especially about that. Why does the creator have to clue the audience into context? I have no doubt that he knew whose images he was tipping his hat to, but I think he was doing it with the best of intentions. Though I will say it's a bit odd that none of these ref images appear in the actually treatment. I wonder if Beck and Charlotte would've agreed had they seen the originals. Again, I can empathize with the photographer, but this calling Keith a hack is just silly. He is clearly a creative guy whose work is consistent in attitude and execution. Some people need to re-read Walter Benjamin's Art In the Age of Mechanical Reproduction. Three Words: Andy Fucking Warhol. And I for one recognized the image homage on first watch and thought that was half the fun. Nice one mate.
(@quixoticnyc)

A série de argumentos invocados nestes comentários leva William Hundley a registrar-se na comunidade Antville para publicar um texto que de certa forma emenda o tom mais inquisitório do seu *post* anteriormente publicado no Flickr:

I don't think it was malicious, but he should have contacted me. I understand that this kind of stuff happens all the time and will continue to happen, but that doesn't make it right. I am not a priss, but I am broke. It just sucks to see someone financially gain by using my ideas (and others) without giving any credit or compensation. I try and see the good and positive in all situations and I appreciate everyone's input/feedback on this. Anyone that sees this video and is not familiar with my work will credit the director for the visuals and they will never know my work. How can I see that from a positive perspective?
(@williamhundley)

A discussão procede nos moldes e tom descritos: ambas as partes apresentam os seus argumentos, hiperligam entrevistas ao realizador e a outros hipotéticos hipotextos de *Heaven Can Wait*, citam autores que legitimam as suas posições etc. Isto até que, no dia 25 de novembro de 2009 (isto é, uma semana após a publicação do *post*), Keith Schofield (também ele membro do Antville) publica um longo comentário em que conta a sua versão dos acontecimentos. A transcrição de longos excertos do texto justifica-se pelo fato de o mesmo articular, com grande loquacidade, a história da produção do vídeo musical, os diferentes argumentos invocados pelos membros da comunidade Antville, a visão do realizador sobre o espaço colaborativo que é a Internet e até um mea culpa por não ter creditado William Hundley nas duas cenas inspiradas nas suas fotografias. No

fundo, o seu comentário funciona como uma genuína sinopse epitextual deste caso de estudo (as hiperligações do original são omitidas na reprodução):

First off, I wanted to say I read Antville everyday and I'm a huge music video fan. After toiling in obscurity for years, I can't tell you how happy I was when my videos started receiving more than a handful of comments. People always argue about good and bad work; but the worst thing that can happen to a video is it gets ignored. So, positive and negative comments, I'm glad people are watching. Anyway, this video has sparked a long conversation and I owe it to everyone to tell my side of the story. So here it is [...].

I've been a fan of found photos for a long time. In the pre-Internet area, a found photo was a snapshot you might find at a thrift store or flea market. It was some random family photo, of people you've never known from some bygone era. The appeal of the photo is the mystery. Why was it taken? Where are these people now? Why was this photo abandoned? Often, finders would be left to imagine their own stories. Online found photos have evolved to cover all sorts of imagery: scanned photos, digital photos, photoshops, video stills, advertisements, art projects. But it's the same appeal – there is no context, and thus the viewer is left to imagine his own backstory. The first site I found years ago was called 'what a quiet stiff'. It was the found photo collection of a Ruby programmer called _why. He unfortunately removed his entire archive online a few months ago; but I fortunately downloaded his entire collection. [...] What I loved about _why's site was that it was all very amateurish. Heavy on kitsch and tackiness. Look at the images of bad 3D. Or hilarious kid's drawings. Or bizarre photoshops.

And as I began my music video career, I looked through his site looking for inspiration [...] and as I continued to pitch on videos, I found myself scouring the Internet for new sources of found photos - like ffffound.com, and foundphotos (which scans file sharing networks for people's personal photos). [...] Found photos have even gone low-brow with fun (yet junky) sites like Explain this Image and Picture is Unrelated. [...] I have about 3000 photos in a big folder on my desktop. Often when I get a music track in, I'll scroll through the pictures and see if anything sticks. However, most of these images – as amazing and quirky as they are – aren't really the basis for a 3 minute music video. A photo like this is amazing... [...] but what are you going to do with it? The whole band playing instruments with doll heads in their shirts? That's not a good idea.

And so, about a year ago, I was flipping through my folder while listening to a song, and I thought: the best music video in the world would be one where it was just a series

of incredible, surreal scenes. Each scene would be vastly different, and we would never repeat the same scene. In July of this year, I was miraculously given the opportunity to do my dream concept. And with two amazing artists, no less. The budget allowed for multiple shoot days, the video wasn't due for months, and Charlotte liked my idea. And so, I began to work on ideas, by diving right into my found photo folder. [...] I wrote scenes based on props and costumes we had access to. My friend, fellow director Josh Forbes has an amazing monster mask he used for his Myriad video, and I borrowed it for a bathtub scene. Various props are leftovers from other video shoots I've done.

So yes, it was supposed to be completely random. And any shot could have been anything else. But this video was my love letter to found photos. And I wanted to faithfully recreate some of my favorites. Which leads us to the works of William Hundley. Specifically, the "Skateboard on Cheeseburgers" shot.

I found that skateboard cheeseburger shot on some random website years ago. I thought it was funny so I threw it in my folder of found photos, and then saw it every time I looked through the pictures. I always loved it. It made absolutely no sense. I imagined it was the work of a skateboarding teen who took the photo as some elaborate inside joke. I imagined this guy going to McDonalds and buying 8 cheeseburgers, setting them up and taking a photo. And then going skateboarding.

That's why I loved this photo. No context, so I could make up my own. Had I known that it was from a real artist and part of a series for an art exhibit, I never would have included it in the video. [...] It was very sloppy and ignorant on my part to assume the photo was a found image. We should have looked into this and I regret that we didn't. I apologize. But my motivations for using it were the furthest thing from anything malicious. I couldn't tell you how happy I was to put a skateboard on 8 cheeseburgers. It was so fun to recreate a photo I loved in real life, to film it, and to look at the confused expressions from the rest of the crew. Oh, and I ate two of the cheeseburgers afterwards!

Now – onto the Floating Cloth photo. This one would fall under the category of images that were inspired by found photos, but not a direct recreation. I should have realized it was done by an artist. It didn't have the same kitschiness as the other shots. It was artistic and beautifully photographed. The mistake I made was that I looked at floating cloth picture and thought "that would look cool in a music video". [...] Now, what stinks is that two works by one artist were referenced in the video. I assure you, it's purely a coincidence – I had never been to Hundley's site before I saw the link on Antville. But it's easy to understand how he could have many of his works pop up

on found photo sites. He's got great ideas. I can see why they've gotten spread around the Internet.

But the video is out, and all I can do is explain my motivations. [...] I just want to make it clear that there was no malicious intent. I pride myself on coming with original ideas, and the idea here – 50 random scenes, never repeating, inspired by found photos – was an idea that I thought was good and original. I still do. But when a few of those photos are clearly not found photos – the intention suffers. And then the entire piece, and all the time and work that goes into it – gets cheapened.

And so, I apologize to you, Hundley. I should have looked into this and contacted you before the video was released. [...] That's basically it. I could continue on about my opinion on the nature of the Internet, or what defines a found photo, or comparisons to other works that I think this is or isn't like. But everyone's got an opinion and, to some degrees, it's all subjective. I just wanted to give my side of the story. [...] So again: I'm not really trying to debate a person's opinion of the video; just trying to explain how this all came to be, and set things right with Hundley.

*Thanks everyone. Keith Schofield.
(@kns201)*

A série de comentários publicados pelos membros da comunidade Antville (da qual fazem parte William Hundley e Keith Schofield) no primeiro *post* de partilha de *Heaven Can Wait* demonstra uma aguda sensibilidade em relação a um dos tópicos mais estudados da penetração das plataformas digitais no quotidiano de um número crescente de utilizadores: a apropriação, manipulação e difusão (numa palavra: a propagação) de materiais pré-existentes por parte dos utilizadores para a criação dos seus próprios conteúdos mediáticos.

Já em 1986, Peter Wollen (1986, p. 169) chamava a atenção para o fato de a "era eletrônica" ampliar o alcance da noção de "idade de reprodução" de Walt Benjamin (autor que, de resto, é citado num dos comentários ao *post*): a reprodução, o pastiche e a citação estariam, pouco a pouco, deixando de ser meras práticas de parasitismo textual para se tornarem em formas constitutivas da textualidade mediática. Nicholas Bourriaud (2002, p. 12) refinaria esta assunção pós-moderna através da observação de que, desde os princípios da década de 1990, um número crescente de artistas interpreta, reproduz e torna a exibir como seus traba-

lhos da autoria de terceiros. A denominada “arte da pós-produção” foi então conceitualizada pelo autor francês como uma resposta à crescente entropia da cultura global numa era da informação caracterizada por um aumento de oferta e pela crescente legitimação de formatos mediáticos outrora ignorados ou alvo de desdém (entre os quais se incluem, como é óbvio, os vídeos musicais). A “cultura de redação”, uma noção similar definida pela produção de novos materiais a partir de um processo de edição de conteúdos pré-existent (HARTLEY, 2008, p. 122), acabaria por tornar-se numa das características fundamentais da emergente paisagem mediática digital. A sua proliferação foi sobretudo causada por três desenvolvimentos ou inovações sociotecnológicas: a abundância de “matéria-prima” na Internet; a crescente disponibilização de *software*, muitas vezes grátis, que facilita a manipulação desses materiais (SERAZIO, 2008, p. 81); e a emergência de uma cultura participativa que esbate a tradicional fronteira que separava os produtores dos consumidores mediáticos (JENKINS, 2006, p. 3). Se o YouTube, por exemplo, funciona como uma fonte da qual brota criatividade é porque o portal suporta esta cultura participativa da *web* social e as suas práticas dominantes de colaboração cultural (STRANGELOVE, 2010, p. 187). Esta permanente evolução tem vindo a fomentar uma assinalável tensão entre, por um lado, as noções legais de propriedade intelectual e da defesa dos interesses económicos dos autores, e, por outro, a promoção da criatividade e a garantia de liberdade de expressão (OLSON, 2004, p. 203). Tal situação, como é óbvio, não deixa indiferentes os utilizadores da *web* social e, em particular, os fãs do formato videomusical, em que se incluem os membros do Antville.

Porém, o que a análise deste caso de estudo sobretudo demonstra é que a fruição participativa dos fãs, quando operada em comunidade, produz não apenas práticas “forenses” que desencadeiam uma difusão vertical dos conteúdos mediáticos, como uma genuína forma de inteligência coletiva

geradora de conhecimento, cuja massa, quando suficientemente crítica (e este é, definitivamente, o caso da comunidade Antville), emana uma força gravítica passível de se fazer sentir, direta ou indiretamente, um pouco por toda a *web* social. Apesar das acusações de plágio, *Heaven Can Wait* viria a ser legitimado pelos utilizadores da *web* e, em particular, pelos fãs do formato videomusical. Para além do já referido elevado número de visualizações alcançado pelos seus intertextos no Vimeo e no YouTube, o vídeo musical arrecadaria os prêmios de Melhor Vídeo do Ano e Melhor Direção Artística dos Antville Music Video Awards de 2009⁸ e viria a ser incluído na lista dos 40 melhores vídeos musicais do ano da Pitchfork⁹ e na dos vinte melhores da revista Spin¹⁰.

Referências

- BOURRIAUD, N. **Postproduction**: culture as screenplay. how art reprograms the world. New York: Lukas & Sternberg, 2002.
- BRETON, A. **Manifestes du Surréalisme**. Paris: Folio Essais, 1994.
- FISKE, J. The cultural economy of fandom. In: LEWIS, L. A. (ed.) **The adoring audience**: fan culture and popular media. London & New York: Routledge, 1992. p. 30-49.
- FISKE, J. **Television culture**. 2nd ed. London & New York: Routledge, 2011.
- GENETTE, G. **Palimpsestes**: la littérature au second degré. Paris: Points, 1982.
- HARTLEY, J. **Television truths**: forms of knowledge in popular culture. London: Blackwell, 2008.
- HEAVEN can wait. Direção de: Keith Schofield. Intérpretes: Charlotte Gainsbourg & Beck. 2009a. Disponível em: <<http://vimeo.com/7703592>>. Acesso em: 16 abr. 2014.
- HEAVEN can wait. Direção de: Keith Schofield. Intérpretes: Charlotte Gainsbourg & Beck. 2009b. Disponível em: <<http://youtu.be/CrWN0-MuK38>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

⁸ <<http://videos.antville.org/stories/1958007/>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

⁹ <<http://tinyurl.com/as2s93d>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

¹⁰ <<http://www.spin.com/articles/20-best-videos-2009>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

JENKINS, H. **Convergence culture**. New York: New York University Press, 2006.

LÉVY, P. **Collective intelligence**: mankind's emerging world in cyberspace. Cambridge: Perseus, 2007.

MITELL, J. To spread or to drill? **Just TV Blog**, 2009. Disponível em: <<http://justtv.wordpress.com/2009/02/25/to-spread-or-to-drill/>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

OLSON, K. K. Copyright in cyberspace: protecting intellectual property online. In: GAUNTLETT, D.; HORSLEY, D. (eds.). **Web.Studies**. London: Edward Arnold, 2004. p. 195-203.

SERAZIO, M. The apolitical irony of generation mash-up: a cultural case study in popular music. **Popular Music and Society**, v. 31, n. 1, p. 79-94, Feb. 2008, 2008. Disponível em: <<http://mediaediting.wikispaces.asu.edu/file/view/28552270.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

STRANGELOVE, M. **Watching YouTube**: extraordinary videos by ordinary people. Toronto: University Of Toronto Press, 2010.

SUROWIECKI, J. **The wisdom of crowds**. London: Abacus, 2004.

TAYLOR, J., BAKER, S., BENNETT, A. (eds.) **Redefining mainstream popular music**. New York: Routledge, 2013.

WOLLEN, P. Ways of Thinking about Music Video (and Postmodernism). **Critical Quarterly**, v. 28, n. 1/2, p. 167-70, 1986.

Drilling on the social web: the Heaven Can Wait narrative on Antville

Abstract

Introduction: This paper aims a textual analysis of the participative fruition operated by Antville online music video fan community of Charlotte Gainsbourg and Beck's Heaven Can Wait (2009). Method: Ethnographic method in a grounded theory study. Results: The main results of the analysis are the framing of Antville members' praxis in the "forensic" fandom practices, which produce a rather eloquent form of collective intelligence fomented by "drillable" producerly features of the music video text. Conclusions: This "drillability" can be conceptualized as a complement of the most common spreadable practices of diffusion on the social web (dissemination and propagation).

Keywords

Social web. Music video. Web drillability. Web spreadability. Fandom.

Agradecimentos:

Este artigo foi desenvolvido no âmbito de um projeto de investigação que se beneficiou de uma bolsa de doutoramento atribuída pela Fundação para a Ciência e Tecnologia/Ministério da Educação e Ciência – Portugal. (Referência SFRH/BD/68728/2010).

Recebido em 5 maio 2014

Aceito em 11 junho 2014

Sobre o autor:

João Pedro da Costa

Doutor em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais – FLUP e UA. Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas – FLUP.

joapedrodacosta@gmail.com

Como citar este artigo:

COSTA, J. P. da. A difusão vertical na web social: o caso de "Heaven Can Wait" no Antville. **AtoZ**: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 12-22, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.atoz.ufpr.br>>. Acesso em:

Questão ética, controle e regulamentação da informação no webjornalismo colaborativo

Augusto de Freitas Lohmann, André Soares Monat

Resumo

Introdução: O artigo aborda a questão ética na Internet, com enfoque na colaboração de leitores em *sites* noticiosos. A análise abrange o impacto da inclusão do conteúdo colaborativo no âmbito jornalístico, e apresenta questionamentos a respeito da relevância desse tipo de conteúdo, bem como formas de integrá-lo ao conteúdo noticioso convencional. **Método:** Estudo bibliográfico envolvendo um levantamento de referenciais sobre a questão da colaboração de leitores em *sites* de jornalismo; os impactos da inclusão dessas práticas colaborativas para o jornalismo convencional; bem como das possibilidades de controle e moderação da informação enviada pelos leitores de maneira a validar sua veracidade. **Resultados:** Foram encontrados referenciais teóricos apontando para as vantagens e desvantagens do uso da informação colaborativa nos *sites* noticiosos, bem como diferentes mecanismos para integração e controle dessa informação, dentre elas a pré-moderação, a meta-moderação e a moderação automática feita por algoritmos de inteligência artificial. **Conclusões:** A solução ideal, ainda não encontrada, passa necessariamente por esse questionamento a respeito da forma com que a participação do leitor deve ser aproveitada pelos jornais e oferecida para o público geral. Essa é uma discussão que esbarra em muitos momentos com a questão ética que permeia a prática jornalística em toda sua história, e é sem dúvida um dos grandes desafios que as empresas jornalísticas terão que enfrentar nos próximos anos.

Palavras-chave

Colaboração em redes sociais. Webjornalismo. Moderação da informação. Ética no Jornalismo.

Introdução

Verdade, ética e isenção na apuração dos fatos no processo de composição do conteúdo noticioso são conceitos inerentes a prática do jornalismo. O texto abaixo faz parte do juramento do jornalista, recitado no momento em que o então estudante de jornalismo se torna oficialmente um profissional da área.

Juro / exercer a função de jornalista / assumindo o compromisso / com a verdade e a informação. / Atuarei dentro dos princípios universais/ de justiça e democracia,/ garantindo principalmente / o direito do cidadão à informação. / Buscarei o aprimoramento / das relações humanas e sociais,/ através da crítica e análise da sociedade, / visando um futuro / mais digno e mais justo / para todos os cidadãos brasileiros.

A partir deste juramento, o agora jornalista se compromete a oferecer à sociedade apenas a verdade dos fatos e a informação pura e isenta. Nos manuais de jornalismo dos principais veículos

noticiosos do país, textos parecidos com esse são apresentados como modelo de comportamento padrão a ser seguido pelos profissionais da área. No Código de Ética, aprovado em 1987 no Congresso Nacional dos Jornalistas, o Artigo 7º estabelece que “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação.” (BARBEIRO; LIMA, 2002)

O mesmo conceito é apresentado no trecho abaixo, atribuindo de certo modo um tom de “romantismo” ao ideal de ética e verdade que é esperado de um profissional do jornalismo:

A função social do jornalismo está intimamente atrelada à visão romântica lançada sobre a identidade do profissional que é assim identificada por Bill Kovach e Tom Rosentiel:

1. A primeira obrigação do jornalismo é a verdade.
2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos.
3. Sua essência é a disciplina da verificação.
4. Seus profissionais devem ser independentes dos acontecimentos e das pessoas sobre as que informam.
5. Deve servir como um vigilante independente do poder.
6. Deve outorgar um lugar de respeito às críticas públicas e ao compromisso.
7. Tem de se esforçar para transformar o importante em algo interessante e oportuno.
8. Deve acompanhar as notícias tanto de forma exhaustiva como proporcionada.
9. Seus profissionais devem ter direito de exercer o que lhes diz a consciência (2003).

Essa lista de conduta do profissional de imprensa aponta para o jornalismo como atividade objetiva, objetividade esta que cobrará responsabilidade social do jornalista (BRAMBILLA, 2006).

Dessa forma, o que se observa é que o conceito de “verdade” é apresentado como algo tangível e possível de ser alcançado, o que por si só provoca discussões não somente no campo do jornalismo, mas em áreas como a filosofia ou a psicologia. O trecho a seguir, presente no Manual de Redação do jornal “O Globo”, ajuda a ilustrar o que a instituição jornalística espera de seus profissionais:

O repórter é um curioso movido permanentemente pelo desejo de saber o que acontece e de entender porque aconteceu. Se não for assim está na profissão errada. E não basta querer saber: é preciso saber tudo, e ter a obstinação de saber certo (GARCIA, 1992, p. 11).

A notícia jornalística, entretanto, nada mais é do que o resultado do relato de um fato, e o conceito de notícia como “verdade absoluta” se mostra utópico à medida que o ideal de isenção se apresenta como inviável não somente no jornalismo, mas em qualquer atividade humana. Pode-se entender então que o conteúdo jornalístico, mesmo se produzido por jornalistas profissionais, não pode ser encaixado em um modelo idealizado de “verdade absoluta”, mas apenas visto como uma

versão da verdade, um recorte de uma determinada situação sob uma ótica específica. Da mesma forma, por se tratar de um relato, o jornalista se apresenta como um intermediário entre o fato e o leitor, e nesse papel sua simples presença torna esse relato uma visão interpretativa do fato, influenciada por questões culturais, sociais, ideológicas, profissionais etc. Apesar da impossibilidade de um relato verdadeiramente imparcial, os jornais tendem a ser identificados – por significativa parcela de seus leitores – como instrumentos de descrição da realidade de maneira plena e absoluta o que, *a priori*, concede status de verdade a seu conteúdo.

No livro “Os elementos do Jornalismo” é abordada a dificuldade dos jornalistas em compreender e trabalhar com o conceito de verdade:

[...] os próprios jornalistas nunca tiveram uma noção clara do que querem dizer com veracidade. Por sua própria natureza, o jornalismo é reativo e prático, não filosófico ou introspectivo. Não existe muita reflexão escrita dos jornalistas sobre esses assuntos, e o pouco que existe não é lido pela maioria dos profissionais do ramo. As teorias do jornalismo ficam nas cabeças dos acadêmicos, e grande parte dos jornalistas sempre desvalorizou o ensino profissional (KOVACH; ROSEN-TIEL, 2003, p. 66).

O objetivo deste artigo não é o de se aprofundar no estudo de definições de ética e moral, ou dos diferentes conceitos de verdade, temas amplamente estudados por diversos ramos da filosofia e da psicologia. A ideia é apontar para a existência do problema e entender o momento atual da questão ética e do ideal de verdade dentro da produção de conteúdo jornalístico, com ênfase no viés da entrada de conceitos do chamado “jornalismo colaborativo” nas grandes empresas jornalísticas (com a participação ativa de usuários e de “não jornalistas” no processo de construção da narrativa noticiosa). Cada vez mais se torna urgente a discussão sobre o que é ou não “ético” na utilização de conteúdos gerados coletivamente por “amadores” no âmbito dos *sites* noticiosos.

Como abordagem metodológica, foram levantados referenciais teóricos a respeito da temática do jornalismo colaborativo na *web*, da incorporação

de conteúdo produzido por usuários em *sites* de empresas noticiosas, bem como dos mecanismos de controle e regulamentação desse tipo de conteúdo. Procurou-se identificar posições favoráveis e contrárias aos modelos de jornalismo colaborativo atualmente utilizados nos principais *sites* de notícias, e a participação de usuários na construção do processo noticioso. Dessa maneira, tornou-se possível aprofundar o entendimento sobre a questão a partir da junção de diferentes visões sobre a melhor abordagem para a questão ética e o aproveitamento da informação colaborativa em *sites* de notícias.

Jornalismo colaborativo e o “efeito de real”

A dificuldade de alcançar um ideal de verdade se torna ainda mais evidente com o surgimento e a consequente popularização do jornalismo *online* ou digital, onde o imediatismo e a necessidade da informação em “tempo real” – no momento do acontecimento – torna a prática do jornalismo ainda mais reativa, e nesse contexto há cada vez menos espaço para a verificação eficiente dos dados. Apesar disso, para Dalmonete (2009), as características do jornalismo na *Web* ajudam a estabelecer o que ele chama de “efeito de real”.

Por meio das estratégias concernentes à apresentação de notícias em tempo real, o Webjornalismo propõe uma estrutura narrativa que busca ser portadora da realidade. Além dos recursos para promover o efeito de real, a inovação fica a cargo do desejo de apagamento da membrana que se coloca entre o fato e a notícia, que distingue a realidade e sua representação. Como plataforma na qual se inscreve a cena midiática, o Webjornal oferece inúmeros recursos por meio dos quais a realidade é apresentada, por vezes, em sequências sem edição, como nos vídeos disponibilizados.

Cria-se a sensação de que o portal Web jornalístico tem uma redução de filtros que, numa situação de porosidade, permitem a passagem do acontecimento à categoria de notícia. Em comparação a estruturas rígidas de grades de horário que restringem a apresentação do material jornalísti-

co, como no rádio e televisão, (embora havendo espaço para plantões), ou no impresso, a notícia na *Web* não tem restrição temporal, podendo ser disponibilizada e acessada a qualquer instante (DALMONTE, 2009, p. 202).

É importante ressaltar que essa sensação de realidade não se traduz necessariamente em uma verdade, em uma representação fiel da realidade. O imediatismo e a consequente verificação menos apurada dos fatos evidentemente não contribuem para que o jornalismo online seja uma fonte de notícias mais verdadeira do que outras formas de jornalismo tradicional, de maneira que é preciso cuidado para evitar que essa sensação se traduza em um processo enganoso para o leitor.

A entrada de seções de jornalismo colaborativo nos *sites* de grandes empresas jornalísticas contribuiu para a ampliação tanto do “efeito do real” quanto do perigo envolvido nessa maior sensação de realidade. A abertura do espaço noticioso para a participação dos leitores faz com que se revelem novos pontos de vista sobre uma determinada situação. Dessa forma, em tese, quanto mais colaboradores enviarem relatos e opiniões a respeito de um determinado assunto, mais próximo o leitor estará da realidade, em seu caráter ideal. O relato do jornalista profissional passaria a ser apenas mais um relato, mesmo que atribuído de uma carga maior de importância, e a composição de conteúdos noticiosos torna-se algo polifônico, como aponta Dalmonete:

A efetiva participação do leitor, ou a possibilidade de participação, desempenham importante papel para o desenvolvimento do efeito de real, pois as notícias não estão distantes, dispersas no mundo virtual. Ao interagir com um produto jornalístico, o leitor agrega àquela peça informativa não apenas suas impressões, mas seus dados pessoais. O recurso jornalístico e o uso de personagens é ampliado, pois além das fontes selecionadas para a composição do texto, outras vozes são agregadas, fazendo que a matéria se torne mais polifônica. Sob a perspectiva de diversos olhares, vai além da instância de produção (DALMONTE, 2009, p. 193).

Em situações onde a colaboração do leitor não é assumidamente opinativa, mas ganha o tom de relato de uma situação vivenciada pelo mesmo, na forma de um testemunho ocular, a sensação de realidade torna-se ainda mais evidente. Nesse sentido, para Dalmonte (2009, p. 213),

[a] concepção de que o discurso jornalístico representa o real é ampliada, pois se cria a ideia de que aquele discurso é o real, relatado com características testemunhais.

Entretanto, em um ambiente como o da Internet, um baixo nível de controle da informação enviada sob a forma de colaboração, aliada a sensação de real, pode se traduzir em um resultado perigoso. Andrew Keen cita, em seu livro, a opinião de um jornalista da *The New Yorker* que questiona seriamente a publicação por parte dos grandes jornais de conteúdos enviados por leitores, muitas vezes anônimos, sem o devido controle das informações publicadas.

Lemann, da *The New Yorker*, salienta que “a sociedade cria estruturas de autoridade para produzir e distribuir conhecimento, informação e opinião”. Para quê? Para que saibamos que podemos confiar naquilo que lemos. Quando um artigo se apresenta sob a bandeira de um jornal respeitado, sabemos que foi examinado por uma equipe de editores tarimbados e com anos de aprendizado, confiado a um repórter qualificado, pesquisado, verificado, editado revisto e apoiado por uma organização de notícias fidedigna que dá testemunho de sua veracidade e precisão. Se esses filtros desaparecem, nós, o público geral, ficamos diante da tarefa impossível de esquadrihar e avaliar um mar interminável de conjecturas confusas de amadores (KEEN, 2009, p. 54).

A partir, portanto, dessa implementação de modelos de jornalismo colaborativo ao contexto dos grandes jornais e *sites* noticiosos – cujos espaços para a participação do leitor são ampliados de maneira exponencial – a discussão é direcionada para um patamar onde as próprias empresas jornalísticas divergem quanto ao aproveitamento e ao controle das informações fornecidas por colaboradores, justamente em busca da melhor

maneira de tratar a questão da sensação de real versus a publicação de informações sem a devida verificação. Ao mesmo tempo em que um testemunho enviado por um colaborador bem intencionado pode ser bastante elucidativo e informativo, um relato propositalmente tendencioso ou falso por parte de um usuário pode trazer prejuízos para o público leitor ou mesmo para a reputação do jornal. Mesmo um usuário bem intencionado poderia, por não ter a formação jornalística, e por influência das diversas questões apontadas no início deste artigo ou, ainda, pela própria impossibilidade humana de atingir a isenção, relatar um fato que lhe parecesse ser verdadeiro, mas na prática ser uma interpretação equivocada ou incompleta de uma situação. Em todos esses casos, fica evidente a necessidade das empresas noticiosas ampliarem a discussão a respeito da questão ética envolvendo a publicação de conteúdo colaborativo.

O usuário como emissor de conteúdo: profissional versus amador

Não obstante todas as divergências que envolvem a conceituação de ética dentro do campo do jornalismo “tradicional”, o jornalismo colaborativo concede um viés de complexidade com a inserção de um novo ingrediente: o leitor que se transforma em usuário/jornalista. O processo usual da comunicação envolvendo um emissor (o jornal) e o receptor (o leitor) é inteiramente modificado quando essas duas figuras deixam de ser claramente distintas, e o receptor pode, ao mesmo tempo, exercer o papel de emissor da informação. Sobre esse novo momento do jornalismo e das relações midiáticas, Lemos (2009) aponta a liberação do pólo emissor e a conectividade em rede como fatores que propiciaram esse ambiente de reformulação do modelo de produção e consumo de conteúdo:

[...] a sociedade da informação passa por uma fase em que novos parâmetros estão começando a ser estabelecidos. A liberação do pólo emissor trouxe de volta (e ampliou) a conversação através de redes complexas, e possibilitou que mídias de funções pós-massivas ganhassem espaço: blogs dão furos, pessoas dão notícias em primeira mão através de redes sociais, como o Twitter. Pessoas “comuns” produzem conteúdo – con-

forme o modelo *read and write*. Neste contexto, informações relacionadas a localidades, bastante específicas, denominadas “hiperlocais”, ganham maior relevância. Esta importância se dá pelo fato de que, geralmente, elas são produzidas exatamente por quem não é jornalista e, tradicionalmente, fazia parte do público ao qual os meios de comunicação se dirigiam. O jornalismo caminha para uma nova fase (LEMOS, 2009, p. 2).

A partir do momento em que um novo elemento se faz presente na lógica jornalística como produtor de conteúdo, o *site* noticioso enfrenta a possibilidade da perda de sua unidade editorial. O fato se torna ainda mais complexo quando se observa que esse novo elemento não está necessariamente imbuído dos conceitos de ética e de verdade que, em teoria, regem a atividade do jornalista profissional desde a formação acadêmica, passando pelos manuais de jornalismo difundidos nas grandes empresas jornalísticas.

A partir daí, algumas questões importantes se colocam: até que ponto um conteúdo conceitualmente distinto da visão da instituição jornalística e da ética profissional do jornalista pode ser inserido e implementado no produto final (no caso, o *site* noticioso)? De que forma esse conteúdo pode agregar valor ao produto sem que isso de alguma maneira se configure em possíveis consequências negativas para a instituição ou mesmo para o público leitor do jornal? A utilização de conteúdo gerado por não profissionais da área, sem a devida remuneração e sem vínculo institucional, fere a ética profissional? Indo mais além, conteúdos gerados por não jornalistas se enquadram verdadeiramente na categoria de “jornalismo”?

Dan Gillmor, autor do livro “*We the Media: Grassroots Journalism by the People, for the People*”, defende a ideia de que o conteúdo gerado por indivíduos sem formação jornalística pode ser considerado jornalismo:

“Se isso é jornalismo? Eu diria que sim; é uma conversa, sem dúvida, mas é uma síntese coletiva do que as pessoas sabem, e quando alguém posta alguma coisa que não é verdade, outras pessoas pulam em cima e dizem, bem, isso está errado”. Gillmor diz ainda que “O noticiário deveria ser uma conversa entre cidadãos comuns e não uma

preleção que devemos aceitar cegamente como verdadeira (GILLMOR, 2004, p. 62).

Dalmonete reafirma esse discurso, corroborando a ideia de um jornalismo permeado por conteúdo colaborativo e amplificando a importância da participação de leitores, enfatizando a ideia de sensação de “realidade” e de uma aproximação com o público leitor até mesmo superior ao da matéria jornalística tradicional.

A palavra não é simplesmente aberta ao leitor, mas o fato de ele ter a chance de manifestar seja sua opinião, seja relatar o que acontece de relevante, passa a constituir o próprio discurso da mídia. Enquanto discurso autorreferente, ao ressaltar a abertura para as contribuições dos leitores, são ressaltadas as potencialidades que um *site* tem de mostrar a realidade, a partir dos testemunhos, impressões, opiniões, etc. A ampliação das formas de aproximação entre o real e sua representação permitem que o discurso jornalístico crie novas formas de inserção do cotidiano em seus relatos e, com isso, ao estender o sentido de realidade, aproxime-se ainda mais do universo dos leitores (DALMONTE, 2009, p. 13).

Já Keen apresenta uma visão diametralmente oposta, colocando em dúvida a validade de permitir que uma pessoa sem formação possa realizar o papel de um jornalista, e que isso possa verdadeiramente ser categorizado como “jornalismo”:

A simples posse de um computador e de uma conexão com a internet não transforma uma pessoa num bom jornalista, assim como o acesso a uma cozinha não faz de ninguém um bom cozinheiro. Mas milhões de jornalistas amadores pensam que faz. De acordo com um estudo realizado em julho de 2006 pelo Pew Internet and American Life Project, 34% dos 12 milhões de *blogueiros* nos Estados Unidos consideram que seu “trabalho” online é uma forma de jornalismo (KEEN, 2009, p. 48).

Em seu livro “O Culto do amador”, Keen critica ainda a abertura “exagerada” de alguns *sites* noticiosos a participação do leitor, em especial quan-

do há a possibilidade de publicação de conteúdo sem a devida identificação de autoria, através do uso de apelidos ou pseudônimos. Com o crescimento das áreas destinadas a conteúdos gerados por leitores, Keen acredita ser necessário um controle cada vez maior por parte de editores e profissionais da área jornalística. Além disso, a exigência de um cadastro dos leitores se mostra importante à medida que oferece a possibilidade de conhecer melhor o colaborador e facilita na tomada de ações corretivas no caso de uma conduta inadequada como, por exemplo, no uso de termos comprovadamente ofensivos ou relatos sem compromisso com a realidade.

Num mundo com um número cada vez menor de editores ou revisores, profissionais, como saber no que ou em quem acreditar? Como grande parte do conteúdo gerado pelo usuário na internet é publicada anonimamente ou sob um pseudônimo, ninguém sabe quem é de fato o verdadeiro autor desse conteúdo autogerado (KEEN, 2009, p. 25).

Sendo ou não considerado jornalismo, o conteúdo produzido por usuários cada vez mais se consolida em uma realidade, e sua implementação por parte também dos *sites* noticiosos apresenta-se como um caminho sem volta. Nesse sentido, torna-se importante a discussão a respeito da possível necessidade de mecanismos de controle para a publicação desse tipo de conteúdo nos *sites* de grandes empresas noticiosas.

O controle da informação: mecanismos de moderação

Analisando alguns modelos de interação simples e limitada, como é o caso, por exemplo, das seções de comentários presentes em quase todos os *sites* de notícias, é comum a existência de conteúdos repletos de conceitos que podem ser considerados ofensivos e/ou preconceituosos. Os exemplos da figura são de comentários publicados em matérias do *site* www.oglobo.com.br, onde há a presença de filtros de conteúdo e ferramentas de denúncia de conteúdo ofensivo por parte de outros leitores.

Figura – Exemplos de comentários publicados em plataforma com moderação editorial – nov. 2010

<p>Edissalopes 16/11/2010 - 14h 09m Q HISTÓRIA MAL CONTADA.... COM TANTO V.I.A.D.O NA PRAIA POR CAUSA DA PARADA PQ IRIAM ATIRAR JUSTAMENTE NESSA ÚNICA CRIATURA????? OU NÃO TEM NADA A VER COM HOMOFOBIA E ISSO TÁ SENDO USADO (ASSIM COMO FAZEM OS NEGROS COM A HISTÓRIA DE RACISMO) COMO DESCULPA OU O CARA ARRUMOU ALGUMA CONFUSÃO E REVIDARAM COM TIRO.</p>	<p>KriticoMM 16/11/2010 - 13h 51m Eliane de Carvalho, nunca vi tanta asneira num post só. Se educar seu filho num caminho reto e mostrando o que é certo e errado e praticando isso, nunca filho de ninguém vai ter curiosidade por essa anomalia moral. Não é só porque vc e sua orda praticam essa pederastia, que os outro vão também.</p>	<p>TUNEX 17/11/2010 - 15h 24m + EX MINISTRA JAZ AQUI ! Causa mortis: CANCER + EX MINISTRA PRESIDENTA TAMBÉM JAZ AQUI ! Causa mortis : CANCER E CANANALHICE !</p>
<p>666Dark 16/11/2010 - 13h 41m O grupo Arco-Íris divulgou uma nota pedindo enérgicas providências na apuração do caso, porque não se conforma na ma pontaria do cara, todo mundo sabe que gays levam ferros nos ânus e esse cara que atirou errou por muito!!! Heheheheheeeee...</p> <p>666Dark 16/11/2010 - 13h 50m Esse caso está parecendo ciumes de outro gay inconformado, deu um tiroinho mal dirigido no b*o*i*o*l*a. Ai eles aproveitaram e deram uma de sabidos para conseguir algum, mas trocaram a cõr da farda. Muiiito suspeito!!</p>	<p>AKmelo 16/11/2010 - 13h 46m Morte aos sa.f.a,dos!!! Este comentário é ofensivo ou inapropriado? Denuncie aqui</p>	<p>Jonas Rimmer 16/11/2010 - 14h 08m Eliane, você surtou. Menos de 2% da população é portadora de homossexualismo de fundo neurológico. Não existe chance de "todo jovem daqui a uns ter curiosidade". O mal dos gays é achar que os hêteros, mesmo sem demonstrar, podem sentir uma "quedinha" por eles.</p>
		<p>pilib 16/11/2010 - 14h 17m Homofóbios PORCOS! é isso que se vê aqui. Incentivadores de crimes fantasiados de moralistas. São todos BAN-DI-DOS igual aos que atiraram no jovem desarmado. PORCOS COVARDES!</p> <p>Capitao Nemo 17/11/2010 - 15h 47m NAZI PTISTA é como , ladrão, prostituta e viciado em droga! Nunca se regeneraram! Só dão "um tempo"...</p>

Fonte: <<http://www.oglobo.com.br>>.

Mesmo com todos os cuidados e medidas tomados, o que se observa nessas plataformas é que uma comunidade se torna extremamente difícil de ser vigiada ao permitir que um número excessivo de vozes se manifeste. Essa questão é tratada por Johnson (2003), partindo do princípio da existência de um “estágio de clímax” em uma comunidade, ou seja, um ponto onde a relação entre os indivíduos atinge um estágio ideal, a partir do qual o crescimento no número de indivíduos provocaria o declínio no funcionamento dessa relação. Segundo Johnson, uma comunidade com poucos indivíduos tende a não funcionar bem como coletivo, pois na medida em que essa comunidade cresce, as relações se consolidam até o “estágio de clímax” e, a partir, daí a continuidade do aumento no número de indivíduos faz com que essa comunidade saia do controle (2003). Em comunidades virtuais, como a dos *sites* noticiosos, onde o interesse dos leitores tende a rapidamente ultrapassar o “estágio de clímax” é de fundamental importância que exista algum tipo de controle da informação publicada (seja esse controle editorial ou exercido pelos próprios leitores do *site*). Do ponto de vista da ética, uma nova dificuldade que se impõe é a de estabelecer critérios para definir o que é ofensivo, o que é preconceituoso, e até que ponto uma opinião emitida pelo leitor, por mais contrária que seja à política do jornal, deve ser “censurada”, na medida em que esta opinião, *a priori*, representaria o conceito de verdade na ótica daquele leitor específico.

Em seções como as de comentários, já está evidenciado e convencionalizado se tratar da opinião independente dos leitores, sem relação com a visão da empresa noticiosa. Ainda assim, a existência de filtros mostra que os jornais estão preocupados em encontrar mecanismos de controle para esse tipo de situação, partindo da constatação de que conteúdos ofensivos tendem a atrair menos pessoas interessadas em contribuir com informações verdadeiramente relevantes para o jornal.

A aplicação desse ideal de controle da informação se torna mais complicada em modelos de colaboração mais complexos, com conteúdo gerado coletivamente a partir de relatos individuais. Em

modelos que buscam valorizar a participação de usuários, oferecendo a possibilidade do envio de matérias (como exemplos os sites brasileiros g1.globo.com, globoesporte.globo.com ou oglobo.com.br), ou apontando para a construção de uma base de dados que possibilite a geração de conteúdos verdadeiramente coletivos, a questão da confiabilidade da informação se torna ainda mais importante. Uma vez que o conteúdo enviado por colaboradores passa a ser utilizado não somente com o caráter ilustrativo e opinativo das sessões de comentários atuais, mas como uma nova fonte geradora de conteúdo com um grau de importância semelhante ao da matéria jornalística produzida por profissionais, ou ao menos como um conteúdo que agregue verdadeiramente valor ao conteúdo editorial do jornal, torna-se fundamental estabelecer um mecanismo que assegure a credibilidade e a veracidade das informações colaborativas.

Diante de uma possibilidade de geração de conteúdo e consequente publicação aberta a qualquer indivíduo, Keen (2009) defende a ideia de se reforçar o papel exercido pelo jornalista profissional, dando a ele o papel de avaliar toda e qualquer colaboração pretensamente noticiosa enviada por amadores e reescrevê-la de maneira a sustentar os padrões de imparcialidade e objetividade esperados pelos leitores.

Entretanto, por maior que seja a empresa jornalística, é evidente a impossibilidade de uma equipe de editores capaz de validar todas as informações enviadas pelos leitores, à medida que o número de leitores tende a aumentar proporcionalmente ao sucesso do modelo de colaboração utilizado pelo *site* noticioso.

Dessa maneira, pode-se apontar que a comunicação colaborativa traz novos paradigmas para o processo de edição e filtragem da informação. Antes, existiam “portões” de informação controlados por jornalistas em redações que eram responsáveis por selecionar quais fatos seriam publicados de acordo com critérios de “noticiabilidade” e em função da limitação de espaço oferecida pelos meios tradicionais. Em um artigo que analisa a produção colaborativa na Internet,

Barros (2007) explica que esse processo seletivo é conhecido como *gatekeeping*, pois remete à ideia do guarda (*keeper*) de um portão (*gate*) que é responsável pela decisão dos conteúdos veiculados pela mídia.

No novo contexto da *Web*, Bruns (2003) propõe uma recontextualização dessa teoria, e utiliza o termo *gatematching* para denominar os processos de filtragem que existem na Internet. Nesse novo processo, o guarda é substituído por um vigia, o usuário, que tem o poder de decisão sobre aquilo que tem mais ou menos importância, está certo ou errado. Träsel (2007) aborda a questão, apontando a importância desse processo de filtragem e a possibilidade de que tudo fique a cargo do próprio leitor/usuário:

[...] as características específicas da Internet geram uma profusão de informação que exige algum tipo de mediação para fazer sentido. Esta mediação, está claro, pode ser feita por jornalistas profissionais, papel que de todo modo estes sempre desempenharam nos meios tradicionais. As redes de computadores, porém, permitem que o próprio público faça esse trabalho, na medida em que facilitam a cooperação (TRÄSEL, 2007, p. 52).

Nesse sentido, a meta-moderação (JOHNSON, 2003; KEEN, 2009) seria uma maneira de se garantir a qualidade e a autenticidade das notícias enviadas pelos cidadãos-repórteres. Nesse sistema, os próprios usuários do *site* são responsáveis em controlar o fluxo de informações fazendo correções ou alertas sobre conteúdos inapropriados. Primo e Träsel exemplificam:

Uma matéria polêmica, tendenciosa ou mesmo falsa pode receber milhares de mensagens de leitores consentando ou retificando os dados recém publicados. E com a possibilidade de escrita hipertextual, as respostas no fórum podem trazer *links* para outras fontes na *Web*, que aperfeiçoam o tema em discussão. Mas o que diferencia o webjornalismo participativo é a descentralização do processo de correção de informações erradas (2006, p. 45).

Entretanto, na visão de Keen, a meta-moderação, da maneira como é utilizada pelos *sites* de notícias, ainda é um sistema suscetível a falhas e até mesmo manipulações. Para ele, por trás de uma falsa ideia de democracia, a atitude de dar poder

de editoração ao usuário está tendo um efeito contrário, gerando uma mídia ainda mais corrupta e antiética:

Por mais que se proclamem mais democráticos e honestos, esses *sites* de notícias sociais supostamente não editados estão de fato criando uma mídia mais oligárquica e corrupta. *Sites* de notícias sociais [...] estão sendo manipulados pelos chamados “influenciadores” – pessoas que elevam artificialmente a classificação de certas notícias nesses mecanismos de recomendação [...] O mais perturbador de tudo com relação aos *sites* de notícias sociais é que muitos influenciadores estão burlando os mecanismos para promover seus próprios interesses. Segundo o relato do Wall Street Journal, algumas companhias de *marketing* estão agora vendendo “exibição na primeira página”. Outras pagam abertamente influenciadores para promover notícias (KEEN, 2009, p. 92).

Johnson também apresenta uma reflexão a respeito do real caráter democrático da meta-moderação, e dos perigos de que a individualidade seja sobrepujada pela avaliação da maioria.

Há algum perigo em ir para um mundo onde toda a mídia responde diretamente ao *feedback* do usuário? [...] A coletividade decide o que é qualidade e o que é porcaria, para usar a linguagem de Rob Malda. Talvez, então, o perigo esteja no excesso de pensamento de grupo. Malda projetou seu sistema para avaliar contribuições com base no leitor médio do Slashdot. É totalmente possível que as regras de Malda tenham criado uma tirania da maioria em Slashdot. Mensagens que coincidem com o usuário “médio” tem mais possibilidade de chegar ao topo, enquanto as que expressam um ponto de vista da minoria podem ser rebaixadas no sistema (JOHNSON, 2003, p. 125).

A partir dos argumentos de defesa e de crítica, fica claro que não existe uma unanimidade quanto ao melhor modelo de controle para a crescente quantidade de informações decorrentes da colaboração de usuários em *sites* noticiosos.

Além da moderação realizada por editores profissionais e da meta-moderação, realizada pelos próprios usuários, existem ainda outras maneiras de lidar com o controle da informação gerada por usuários. Um possível caminho é o avanço nos processos de automatização da moderação, baseada em programas de computador capazes de “aprender” a moderar a informação, a partir

de algoritmos de aprendizado supervisionado – o chamado *supervised learning* (LI; WU, 2010). Segundo os autores, no contexto do aprendizado supervisionado, a moderação realizada de maneira tradicional é analisada por *software* em busca de padrões de comportamento, e os algoritmos são capazes de aprender a filtrar o conteúdo por conta própria, automatizando o processo com um alto índice de acerto. Processos de moderação automatizada vão desde a simples filtragem de palavras inapropriadas (*blacklists* com termos que devem ser excluídos, como por exemplo, palavras) até *software* capaz de aprender a identificar se um conteúdo deve ser publicado ou não em função de uma “análise de sentimento” deste conteúdo. A partir da análise de uma moderação por parte de um editor real, é possível encontrar padrões que possibilitam ao *software* identificar se um conteúdo é “positivo” mesmo com o uso de palavras que, individualmente, seriam consideradas inapropriadas, ou um conteúdo sem nenhuma palavra imprópria pode ser considerado “negativo” por ser identificado como algo irônico ou falso. Entretanto, esse tipo de análise ainda é profundamente discutido por apresentar margens de erro consideradas excessiva e por ser baseada em conceitos abstratos e que ainda exigiriam a presença de um moderador real verificando o processo (LI; WU, 2010).

Seja qual for o mecanismo utilizado, é consenso entre os grandes portais de notícias a necessidade de filtros de informação como forma de manter a oferta de conteúdo relevante e de credibilidade, seja ele produzido por profissionais ou por amadores.

Copyright e direitos autorais do conteúdo colaborativo

Um dos principais pontos de discussão na questão do conteúdo enviado via colaboração de leitores é a propriedade intelectual. Seções de jornalismo colaborativo contam, exclusivamente, com textos e materiais produzidos por terceiros, e comparilhados por iniciativa própria. Dessa forma, o sistema de propriedade intelectual, na forma de *copyright*, como era feito até então, parece não se

adequar a realidade da Internet. As novas tecnologias contribuem, portanto, para que se questionem os fundamentos da forma mercadológica e da lógica da intermediação capitalista que até então protegiam o produto imaterial, os saberes e a informação. Essa pode ser considerada uma característica inerente à própria Internet. Para Castells, a história da Internet reforça a ideia de que a cooperação e a liberdade de informação podem ser mais propícias à inovação do que à competição e os direitos de propriedade (2001 p. 13).

Para Lemos, as próprias ideias de autoria e propriedade intelectual se perdem nesse novo modelo cultural e precisam ser rediscutidas:

As noções de autor e de propriedade intelectual surgem com o capitalismo e a imprensa a partir do século XVIII. Até então, culturas primitivas e orais, assim como a sociedade medieval, não possuíam uma ideia de autor nem de propriedade de bens simbólicos. A modernidade industrial vai trazer essa ideia romântica de um autor iluminado e dono de sua criação. Ela será usada para controlar a circulação de bem tangíveis e intangíveis, onde o autor cede o seu direito aos editores em troca de pagamento de *royalties*. Esse sistema esteve mais ou menos estável até o surgimento do pós-modernismo (meados do século XX) onde o artista passa a buscar a quebra de fronteiras e usar trabalhos de outros artistas em processos de recombinação. A arte entra em crise e junto com ela a noção de obra, autor, autoria, propriedade. Na crise da criação pós-moderna, só é possível apropriações sob o signo da recriação. Não há mais autor, original e obra, apenas processos abertos, coletivos e livres (LEMOS, 2009, p. 57).

Seguindo esses novos paradigmas, vêm surgindo novos sistemas de regulação da informação. Um deles é o *copyleft*, trocadilho que substitui o *right* (direita ou direito, em inglês) de *copyright* por *left* (esquerda ou a conjugação no passado do verbo *leave*, deixar). Dessa forma, *copyleft* pode ser entendido como algo próximo de “cópia autorizada”. Sobre essa temática, Lima e Santini afirmam:

O *copyleft* é uma relação contratual construída a partir da legislação do *copyright*, normalmente da mesma forma que qualquer licença tradicional de proteção dos direitos autorais entre o autor e quem o publica. São algumas cláusulas deste contrato que faz o *copyleft* diferente e merecedor de um nome especial (LIMA, SANTINI, 2008, p. 5).

Nesse sistema, os produtores mantêm o direito autoral 'moral' sobre seus produtos, mas todos podem copiar e usar livremente as informações produzidas. Dessa forma os criadores de conteúdos podem proteger os direitos do seu trabalho enquanto o disseminam amplamente, criando um ambiente de cultura livre, onde seus trabalhos circulam com liberdade.

Outra forma de regulação do uso de sistemas e conteúdo é o *Creative Commons* (CC), que tem por finalidade desenvolver instrumentos concretos, licenças, que possam ser usados por qualquer pessoa ou organização, para que seus trabalhos venham a ser disponibilizados para uso, cópia, disseminação e recriação. Essas licenças são instrumentos legais que permitem aos autores estabelecer os termos sob os quais querem compartilhar suas obras, mantendo o seu direito moral de reconhecimento como criadores e proibindo, por exemplo, o uso comercial.

Segundo Lessig (2007), é preciso fazer com que o novo sistema de criatividade coexista com o sistema de propriedade intelectual já existente. Para ele o objetivo do CC é encontrar uma forma simples de marcar o conteúdo com o limite de liberdade intencionado por seus autores, para que, dessa forma, o público que se interesse por aquele produto saiba o que é permitido ou não fazer a partir dele.

O *Creative Commons* cria, portanto, a opção de um meio termo legal entre "todos os direitos reservados" dos contratos de direito autorais tradicionais e o domínio comum, ajudando o autor a manter seu direito autoral ao mesmo tempo em que permite certos usos de sua obra. Seria um licenciamento com "alguns direitos reservados". O *Creative Commons* se posiciona como moderador das autorizações de uso e coloca à disposição dos autores – em sua página da Internet¹ – formulários que permitem escolher as características de distribuição das suas obras, as licenças que podem ser incorporadas aos *sites* e que regulam os usos dessa obra. Uma vez preenchidos estes formulários, o sistema gera a licença em três for-

matos: resumo de uso autorizado, texto legal e uma versão digital com metadados que se pode usar para facilitar o trabalho dos "buscadores" na Internet.

No caso dos *sites* noticiosos e grandes portais de jornalismo, normalmente o envio de conteúdo é atrelado a concordância por parte do colaborador com os "termos de uso" propostos pela empresa jornalística. Os termos de uso variam de *site* para *site*, mas, de forma geral, o objetivo é garantir que a responsabilidade pela veracidade do conteúdo enviado é do colaborador (protegendo a empresa de possíveis medidas legais), e que o conteúdo pode ser usado livremente pelo jornal na composição de seu conteúdo noticioso. Noci e Palacios (2008, p. 247) ressaltam a preocupação dos *sites* com a questão ética envolvida no processo colaborativo:

Há um interesse dos jornais online em expandir a participação e a interação com o leitor, porém a grande maioria mantém o controle da maior parte das fases da produção informativa nas mãos de jornalistas e editores. Há também a preocupação com a questão legal envolvida nisso.

Dessa maneira, a concordância com os termos de uso apresentados tiram do *site* noticioso a responsabilidade legal por qualquer problema relacionado ao conteúdo recebido via colaboração, no caso de sua publicação.

Ética no cenário atual da colaboração: conclusões e próximos passos

Em sua discordância ao que considera uma supervalorização do conteúdo produzido por amadores, Keen apresenta argumentos identificados no campo da economia, cujos dados estatísticos indicam um real declínio das empresas noticiosas nos últimos anos, processo que acompanhou diretamente a evolução da Internet e dos *sites* de notícias gratuitos, alimentados por amadores.

O mais grave de tudo é que as próprias instituições tradicionais que ajudaram a promover e criar nossas notícias, nossa música, nossa literatura, nossos programas

¹ <<http://creativecommons.org/>>.

de televisão e nossos filmes estão igualmente sob ataque. Jornais e revistas de notícias, uma das fontes mais confiáveis de informação sobre o mundo em que vivemos, estão em dificuldades, graças a proliferação de *blogs* e *sites* gratuitos [...] No primeiro trimestre de 2006, os lucros despencaram de maneira impressionante em todas as principais empresas jornalísticas – caíram 69% na New York Times Company, 28% na Tribune Company e 11% na Gannett, a maior empresa jornalística dos Estados Unidos. A circulação também caiu. O público leitor do San Francisco Chronicle, ironicamente um dos principais jornais do Vale do Silício, caiu estonteantes 16% apenas no segundo e terceiro trimestres de 2005. E em 2007, Time, Inc., dispensou quase 300 pessoas, sobretudo do corpo de redatores, de revistas como Time, People e Sports Illustrated (KEEN, 2009, p. 13).

Dessa forma, a utilização crescente de conteúdo colaborativo nos *sites* de grandes jornais pode ser encarada como uma forma de adequação a essa nova realidade. Tal processo, entretanto, deve ser cercado de cuidados, na tentativa de evitar que a entrada desse novo elemento ao jornalismo tradicional – ao invés de se converter em um acréscimo de conteúdo – acarrete na perda de qualidade e de identidade do jornal. O limiar entre a publicação de conteúdo amador e o ponto aonde esse conteúdo de alguma forma pode suplantam o papel do jornalismo profissional ou comprometer o modelo editorial do jornal constitui-se, sem dúvida, em um grande desafio enfrentado pelas empresas jornalísticas nos dias de hoje.

Apesar da constatação apontada por Keen de que a mudança paradigmática que atingiu o jornalismo nos últimos anos afetou diretamente os lucros e até certo ponto coloca em risco o futuro de empresas tradicionais do ramo, ainda é cedo para aferir se esse será um processo definitivo ou se é uma etapa transitória, de adequação a uma nova realidade.

A própria importância dada pelos grandes *sites* de notícias ao jornalismo colaborativo, e os espaços cada vez maiores destinados a esse tipo de jornalismo não deixam de ser uma forma encontrada pelas empresas de se adaptar as mudanças ocorridas nos últimos anos. Ao invés de encarar o leitor como um “jornalista amador”, ou como um concorrente, os jornais estão partindo justamente para a integração, na busca de encontrar o ponto

exato de união entre o que há de melhor em ambos os lados. Uma vez que a Internet acendeu no leitor a possibilidade de fazer parte do processo comunicacional como emissor da informação, espera-se que isso seja desenvolvido, estimulado e aproveitado da melhor forma possível pelos grandes jornais. O sucesso dos *sites* de notícias colaborativas e o declínio de algumas das principais empresas jornalísticas mostra que esse é um fato que não pode ser ignorado.

Ao mesmo tempo, se de um lado verifica-se um entusiasmo com a ascensão do modelo de jornalismo colaborativo, de outro se aponta os perigos de uma euforia exagerada na abertura das grandes empresas de notícias à participação de leitores na geração de conteúdo. De um lado, estão os que valorizam o dinamismo e o caráter de realidade, amplificados pelos modelos de jornalismo colaborativo; de outro lado, questiona-se a validade desse tipo de jornalismo. Para ambos, há o objetivo comum de buscar o modelo ideal, que possa conciliar a coexistência dos dois modelos, aliando a curadoria editorial do jornalismo tradicional à polifonia do jornalismo colaborativo.

O próprio Andrew Keen, um dos maiores críticos a forma como a colaboração de usuários vem sendo implementada nos *sites* noticiosos, indica acreditar um modelo que possibilite essa integração com algum sucesso, citando o exemplo do “The Guardian Unlimited”:

Também muitos jornais e revistas tradicionais estão respondendo aos desafios que enfrentam casando novas mídias com conteúdo tradicional sem comprometerem padrões editoriais ou de qualidade. Uma dessas instituições é o jornal britânico de centro-esquerda The Guardian, que conseguiu passar a exibir parte de seu conteúdo *online* ao mesmo tempo que mantém um padrão de alta qualidade na coleta e na transmissão de notícias. Sua versão *online*, The Guardian Unlimited, fez um trabalho tão brilhante de integração das tradições altamente confiáveis do jornal com a democracia interativa do mundo da *Web 2.0*, que agora se gaba de ter mais leitores *online* nos EUA do que jornais nacionais de primeira linha como o Los Angeles Times. Sem dúvida, o Guardian Unlimited tem quadros de mensagens anônimos repletos de opiniões desinformadas e não verificadas geradas por leitores. Mas, ao contrário do que acontece em muitas edições online em que *blogs* de leitores e anúncios pagos são indistinguíveis de artigos

verdadeiros, no Guardian Unlimited a divisão entre reportagem profissional e opinião amadora é claramente delineada (KEEN, 2009, p. 177).

Em “A Ideologia alemã”, Karl Marx indica um mundo ideal pós-capitalismo, onde todos podem “caçar de manhã, pescar de tarde, criar gado ao entardecer e criticar após o jantar” (*apud* KEEN, 2009, p. 40). Para Keen, não é possível imaginar esse mundo onde todos possam ser bons em caçar, pescar, criar gado e criticar ao mesmo tempo. “Num mundo em que todos nós somos amadores, não há especialistas” (2009, p. 40).

Entretanto, indo um pouco além, deve-se questionar até que ponto é isso que se espera da colaboração de leitores. O modelo vigente, que visa dar ao leitor o papel (ou a responsabilidade) de ser um “jornalista”, seria a única forma de utilizar conteúdos de amadores em *sites* de notícias? Talvez o problema não esteja só na abertura de espaço a participação de amadores, mas sim em exigir deles que o material produzido deva, necessariamente, seguir regras e padrões de ética que não são inerentes à formação individual de cada um deles. A solução pode estar além do que propõe Keen no exemplo do “Guardian Unlimited”. Estabelecer uma divisão clara entre o conteúdo do jornal e o conteúdo enviado por leitores sem dúvida é uma saída, mas um próximo passo deveria acontecer no caminho da integração desses dois conteúdos. Talvez não seja preciso criar separações para diferenciar uma matéria jornalística do conteúdo enviado por “amadores” no momento em que os próprios jornais deixem de exigir que o usuário adapte seu relato a uma padronização jornalística imposta de cima para baixo.

O que é mais relevante na participação de usuários, além da multiplicidade de pontos de vista e de discursos, é justamente o conteúdo puro, o relato de um fato visto pela ótica de quem se considera em condições de acrescentar informação relevante a um determinado tema (seja por ter presenciado um acontecimento, seja por quaisquer outras razões), e não a forma sob a qual esse relato é produzido e enviado. Exigir do usuário o mesmo apuro jornalístico ou a mesma técnica de um jornalista profissional é injusto e, nesse sen-

tido, pode realmente ferir a ética jornalística ao nivelar profissionais e amadores em uma mesma categoria. É necessário que a euforia com as possibilidades surgidas com o jornalismo colaborativo não se confunda com uma desvalorização do que é produzido pela mídia convencional, conforme alerta Keen:

Não entremos portanto para a história como aquela famigerada geração que, embriagada pelo ideal de democratização, matou a mídia convencional [...] Em vez disso, usemos a tecnologia de uma maneira que estimule a inovação, a comunicação aberta e o progresso, preservando ao mesmo tempo padrões profissionais de verdade, decência e criatividade (KEEN, 2009, p. 191).

A solução ideal, ainda não encontrada, passa necessariamente por esse questionamento a respeito da forma com que a participação do leitor deve ser aproveitada pelos jornais e oferecida para o público geral. Entre simplesmente ignorar o crescimento do jornalismo colaborativo; segmentar as colaborações a uma seção isolada (como um jornal dentro do jornal); ou misturar conteúdo editorial e colaborativo de uma forma que confunda o leitor e prejudique a credibilidade do jornal, talvez seja possível vislumbrar um modelo que integre verdadeiramente o conteúdo do profissional com o conteúdo do amador, transmitindo ao leitor final uma versão cada vez mais rica e completa dos fatos. De toda forma, essa é uma discussão ainda inconclusa e sujeita a experimentações por parte das grandes organizações jornalísticas, de maneira a buscar a melhor solução para integração do conteúdo colaborativo ao conteúdo editorial, esbarrando em muitos momentos com a questão ética que permeia a prática jornalística em toda sua história, sendo sem dúvida um dos grandes desafios que as empresas jornalísticas terão que enfrentar nos próximos anos.

Referências

- BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. **Manual de Telejornalismo:** os segredos da notícia em TV. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BARROS, F. Produção e edição colaborativa na Internet: o caso overmundo. **Ciberlegenda**, v. 9, n. 19, Out. 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/edout2007.html>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- BRAMBILLA, A. M. **Jornalismo open source:** discussão e experimentação do OhmyNews International. Porto Alegre, UFRS, 2006.
- BRUNS, A. Gatewatching, not gatekeeping: collaborative online news. **Media International Austrália**, n. 107, p. 31-44, 2003. Disponível em: <<http://eprints.qut.edu.au/189>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet:** reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- DALMONTE, E. F. **Pensar o Discurso no webjornalismo:** temporalidade, paratexto e comunidades de experiência. Salvador: EDUFBA, 2009.
- GARCIA, L. (org.). **Manual de redação e estilo de "O Globo"**. São Paulo: Globo, 1992.
- GILLMOR, D. **We the Media:** grassroots journalism by the people, for the people. O'Reilly, 2004.
- JOHNSON, S. **Emergência:** a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- KEEN, A. **O Culto do amador:** como MySpace, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.
- KOVACH, B.; ROSENTIEL, T. **Os elementos do Jornalismo:** o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- LEMOS, A. **Ciber-cultura-remix.** São Paulo, Itaú Cultural, 2005. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/remix.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- LESSIG, L. The vision for the Creative Commons: what are we and where are we headed? Free Culture. In: FITZGERALD, B. (ed.) **Open content licensing:** cultivating the Creative Commons. Sydney: Sydney University Press, 2007. Disponível em <<http://eprints.qut.edu.au/archive/00006677/01/6677.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- LI, N.; WU, D. D. **Using text mining and sentiment analysis for online forums hotspot detection and forecast**, 2010. Disponível em: <http://www.cs.ucsb.edu/~nanli/publications/N.Li_2010_DSS.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- NOCI, J. D.; PALACIOS, M. **Metodologia para o estudo dos cibermeios:** estado da arte & perspectivas. Salvador, EDUFBA, 2008.
- PRIMO, A. TRASËL, M. R. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo**, n. 14, p. 37-56, 2006. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/512/355>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- TRÄSEL, M. R. **A pluralização no webjornalismo participativo:** uma análise das intervenções no Wikinews e no Kuro5hin. 2007. 271 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/wiki_kuro.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2014.

Ethics, control and regulation of information in collaborative web journalism

Abstract

Introduction: The article discusses the ethical issue on the Internet, with a focus on collaboration of readers in news sites. The analysis covers the impact of the inclusion of collaborative content in the journalistic context, and presents questions about the relevance of this type of content as well as ways to integrate it with conventional news content. Method: Bibliographical study with a survey of references on the issue of collaboration readers in journalism sites on the impact of the inclusion of these collaborative practices for conventional journalism, and the possibilities of control and moderation of information sent by readers in order to validate their veracity. Results: Theoretical frameworks were found pointing to the advantages and disadvantages of using collaborative information on news sites as well as different mechanisms for integration and control of information, among them the pre-moderation, moderation and meta-moderation taken by automatic algorithms intelligence artificial. Conclusions: The ideal solution, not yet found, necessarily requires such questioning about the way in which the participation of the reader must be seized by newspapers and offered to the general public. This is a discussion that touches on many occasions with the ethical issue that pervades the journalistic practice throughout its history, and is arguably one of the greatest challenges that newspaper companies will face in the coming years.

Keywords

Collaboration in social networks. Web journalism. Information moderation. Ethics in Journalism.

Recebido em 25 maio 2014

Aceito em 1 julho 2014

Sobre os autores:

Augusto de Freitas Lohmann

Bacharel em Radialismo e em Jornalismo - ECO/UFRJ, Mestre em Design - ESDI/UERJ, Doutorando em Design - UERJ. Arquiteto de Informação Sênior - Infoglobo. augustolohmann@gmail.com

André Soares Monat

Bacharel em Engenharia de Infra Estrutura Aeronáutica - ITA, Engenharia de Sistemas e Computação - UFRJ, Doutor em Engenharia de Sistemas e Computação - UEA/Inglaterra. Estágio Pós-Doutoral - BUW/Alemanha. andresmonat@yahoo.com.br

Como citar este artigo:

LOHMANN, A. de F.; MONAT, A. S. Questão ética, controle e regulamentação da informação no webjornalismo colaborativo. **AtoZ**: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 24-37, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.atoz.ufpr.br>>. Acesso em:

A pesquisa sobre o fazer pesquisa: uma análise de citação da literatura periódica em Ciência da Informação

Juliana Lazzarotto Freitas, Leilah Santiago Bufrem, Ely Francina Tannuri de Oliveira, Maria Cláudia Cabrini Grácio

Resumo

Introdução: Considera que a literatura na área de Ciência da Informação (CI) compreende uma diversidade temática com baixo destaque para assuntos relacionados aos modos de fazer pesquisa. Analisa a produção científica dos autores que tratam da temática metodologia de pesquisa na literatura de Ciência da Informação (CI) e o referencial no qual se fundamentam as questões metodológicas relativas à área. Discute as posições metodológicas e epistemológicas dos pesquisadores destacados como mais produtivos nacionalmente na temática. **Método:** Adota a modalidade de análise de conteúdo aliada aos estudos métricos para contextualizar os indicadores gerados referentes à produção, à colaboração relacionada aos tipos de autoria e à análise de citação. Considera o acoplamento bibliográfico como uma modalidade de análise em que são estudadas as citações concomitantes. Desenvolve referencial teórico sobre a importância da análise de produção científica nos domínios do conhecimento. Explora concepções teóricas sobre metodologia de pesquisa e a complementaridade desta com a epistemologia no fazer pesquisa. **Resultados:** Evidencia, na produção dos autores, a metodologia como foco temático aplicado a contextos da CI e também como objeto de pesquisa da referida área. Considera que a produtividade proeminente dos autores justifica-se especialmente pelo aprofundamento nos metaestudos sobre modos de fazer pesquisa em CI. Identifica a tendência aos estudos de autoria única sobre o tema. **Conclusões:** Considera que a realização de metaestudos e também de estudos aplicados e metodológicos é importante para que se reconheça, na área de CI, um núcleo teórico e prático consistente. Em relação às influências epistemológicas identificadas com a análise de acoplamento, observa que a epistemologia racionalista crítica e a epistemologia social e política são destacadas na construção do referencial teórico dos autores.

Palavras-chave

Ciência da Informação. Análise da produção científica. Análise de citação. Acoplamento bibliográfico. Metodologia da pesquisa.

Introdução

A literatura na área de Ciência da Informação (CI) compreende uma diversidade temática com baixo destaque para assuntos relacionados aos modos de fazer pesquisa. Valoriza-se, neste estudo, a importância de se reverem procedimentos alternativos de pesquisa, partindo-se do pressuposto que a identificação de estudos relativos a essas modalidades na área de CI é uma tentativa de contribuição em relação ao seu domínio científico. Trata-se de uma aproximação com seus fundamentos teóricos, epistemológicos e a visualização das inquietações dos pesquisadores.

A temática eleita decorreu da intenção de que se esclareçam as relações de um domínio de pesquisa científica com os métodos construídos pelos estudiosos em suas práticas de pesquisa, entendendo-se como domínio um “produto da história da metodologia, da teoria e da descoberta científicas ao longo de muitos séculos”. Mesmo que em estado maduro, os domínios estão, segundo Lloyd, “em constante processo de refinamento” (LLOYD, 1995, p. 38, 39). Com base nessa premissa, pode-se afirmar a necessidade de autocohecimento dos domínios da ciência, de espaços de questionamento sobre como os autores tratam as questões relativas à metodologia de pesquisa

na literatura científica e sobre os quadros teóricos em que se fundamentam.

A realização de uma pesquisa sobre pesquisa tem sido denominada de metaestudo, ou seja, um voltar-se da pesquisa para si mesma, como meio para que a ciência produzida se reconheça e os membros da comunidade científica conheçam as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas em sua área.

Assim, identificam-se os autores que tratam da temática metodologia de pesquisa na literatura científica de CI e em qual referencial estes autores se fundamentam para emergir suas preocupações metodológicas relativas a esse campo do conhecimento.

Considera-se, para a realização desse intento, a combinação de diferentes modalidades métricas, em especial com indicadores de produção e de citação, abarcando nesta última modalidade o acoplamento bibliográfico, pela qual se relacionam as citações concomitantes. A opção metodológica pela análise de citação remete às características estruturantes que compõem o cenário das pesquisas científicas, representando assim o processo dinâmico, social e histórico das relações existentes em um domínio científico, relações que podem ser de diferentes naturezas: temáticas, institucionais, entre autores seminais e aqueles por eles influenciados, entre outras. Busca-se ampliar e consolidar o entendimento sobre as posições metodológicas dos pesquisadores mais representativos nacionalmente nesta temática e seus respectivos fundamentos teóricos.

Fundamento teórico-metodológico da investigação

O estudo e o resgate histórico da produção científica de uma área, considerando suas estruturas teórico-metodológicas, favorecem, segundo Lloyd, a compreensão de um domínio científico (1995, p. 38). Para o autor, “a análise de uma construção científica permite melhor compreender as explicações e o emprego de arcabouços que incluem pressupostos metodológicos e filosóficos”.

Em relação à modalidade de análise de citação, para Grácio e Oliveira (2013a), o fundamento das citações é a consideração de que um artigo científico, por menor que seja sua contribuição científica, faz avançar o conhecimento na área. Entretanto, um artigo não é uma entidade solitária, mas está imerso na literatura sobre o tema, de modo que a obra de um autor se constrói sobre a produção daqueles que o precederam. Como elementos indicadores dessa literatura, as citações são indícios de tendências e posturas teóricas, metodológicas e conseqüentemente epistemológicas.

O conjunto de citações de uma pesquisa permite a identificação de autores cujas teorias, conceitos ou métodos serviram de base no desenvolvimento de uma pesquisa, como argumentam Vanz e Caregnato (2003). Assim, criam-se novos conhecimentos a partir da relação entre as citações e as expectativas dos pesquisadores.

Segundo Meadows (1999), uma forma de avaliar a qualidade de uma produção consiste em verificar o nível de interesse que ela provoca. Isso pode ser medido por meio da quantidade de citações nas referências bibliográficas em momento posterior. Essa evidência quantitativa também pode se manifestar em relação ao acoplamento.

O acoplamento bibliográfico analisa as semelhanças entre dois artigos ou autores comparando as referências comuns aos dois (GLÄNZEL, 2003; GUEDES; BORSCHIVER, 2005; LUCAS; GARCIA-ZORITA, 2014). Complementando o exposto, pondera-se também o fato de que a pesquisa científica e a geração de conhecimento em determinada área pode ser aprimorada com a reflexão sobre os modos de fazer pesquisa e as epistemologias que os fundam (SÁNCHEZ-GAMBOA, 1997, p. 67).

Os estudos sobre opções metodológicas vêm ao encontro destas preocupações, quando se considera que a metodologia é essencial na construção do conhecimento científico. Entretanto, deve-se reconhecer também que toda metodologia integra-se a uma epistemologia (RENDÓN ROJAS, 2008, p. 5). Portanto, o rigor e as exigências da

prática metodológica decorrem dos pressupostos epistemológicos que fundamentam as pesquisas. Essa posição se evidencia nos argumentos de González de Gómez (2000, p. 1), ao afirmar que:

Os métodos, quantitativos, qualitativos, comparativos, assim como as técnicas de coleta e análise da informação, definem a direção e modalidade das ações de pesquisa de modo secundário, estando já ancorados num domínio epistemológico e político que acolhe e legitima as condições de produção do objeto da pesquisa.

A concepção da autora em relação às opções metodológicas eleitas na produção científica por seus autores considera a complexidade da pesquisa científica como um processo informacional, em que permeiam posições ideológicas e políticas. Tais posições podem ser identificadas a partir do estudo dos métodos e das epistemologias que os fundam. Nesse sentido, Bufrem (2009a, p. 5) defende que

a produção científica, seja qualquer o seu grau de desenvolvimento ou a sua formalização metodológica, sempre pressupõe formas de consciência, pelas quais os pesquisadores dão sentido e significado às suas práticas.

Adota-se para o presente trabalho a concepção de metodologia como

[...] o domínio que dá suporte teórico, estrutural, técnico e epistemológico à apreensão, análise, compreensão e/ou explicação de objetos suscetíveis à investigação, buscando primeiramente auxiliar o pesquisador na definição do tema e em como torná-lo relevante ao desenvolvimento de um campo científico, a fim de contribuir com o processo de conscientização e crítica (FREITAS, 2012, p. 23).

Evidencia-se que a metodologia de pesquisa, ou seja, os modos de fazer pesquisa contemplam dimensões diferenciadas que se integram em um modelo quadripolar da prática metodológica, proposto por Bruyne, Herman e Schoutheete (1977). Essas dimensões complementares são denominadas pelos autores como polos epistemológico, morfológico, teórico e técnico. Bufrem (2013) complementa esse olhar em relação ao fazer científico com as dimensões política e ética que integram as relações existentes em um domínio científico.

Nesse mesmo encaminhamento, Chalmers (2000, p. 188) não considera aceitável que uma metodologia determine a adoção ou preferência por uma teoria em detrimento de outra em uma dada situação, ou “adotar teorias que tenham maior apoio indutivo pelos seus feitos aceitos”. O fato de algumas teorias serem incompatíveis com os “feitos geralmente aceitos e com os episódios da ciência comumente considerados como constitutivos de suas fases mais progressivas” confirma a condição dominante do ensino e da aplicação da metodologia na ciência como “provedora de regra para guias científicos”. Dessa condição decorre o desuso de outras teorias e métodos assim como a continuidade e reprodução de modelos teóricos e instrumentais. (CHALMERS, 2000, p. 188).

As concepções presentes neste estudo permitem a ampliação da consciência sobre o que se vem realizando em termos práticos de pesquisa e buscam favorecer a superação da adoção acrítica de modos de pesquisa já reconhecidos, permitindo a criação de condições mais favoráveis à investigação científica.

Trajetória metodológica do estudo

A trajetória metodológica deste estudo sustentou-se nas análises de conteúdo e de citação como suporte para a pesquisa. O *corpus* de artigos sobre o tema foi extraído da Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), correspondendo ao período de 1970 a 2012. Os 26 artigos, assinados por 43 autores (em autoria ou coautoria) constituíram o *corpus* de análise. Este *corpus* é resultado da pesquisa intitulada *O ensino da metodologia científica: repercussões na produção científica em Ciência da Informação* (FREITAS; BUFREM, 2013) voltada, entre outros objetivos, para uma categorização temática dos artigos da área de CI. Neste, a busca na Brapci foi feita pelos termos “metodologia” e “pesquisa” para abranger as variações: metodologia da pesquisa, metodologia de pesquisa e também uma busca por “metodologia científica” e “método científico”. As três buscas foram feitas pelos campos: título, palavra-chave e resumo.

Foram identificados os autores mais produtivos na temática, os tipos de autoria e colaboração científica. Para a realização da análise de citação e de acoplamento, as referências utilizadas pelos quatro autores mais representativos da temática foram sistematizadas no *software* Excel, identificando-se, desse modo, os autores mais citados por eles. Em seguida, criou-se uma matriz para a geração de gráfico no *software* Ucinet, no qual são representados os autores mais citados pelos autores mais produtivos, assim como os autores por eles acoplados. Isso foi possível porque o *corpus* de autores foi pouco expressivo numericamente. Assim, a partir das citações puderam ser destacados os posicionamentos representantes da frente de pesquisa nacional sobre o tema, assim como seus referenciais.

Resultados

Os resultados desdobram-se nos seguintes itens: autores mais representativos na temática selecionada para a pesquisa, tipos de autoria encontrados no *corpus* de análise, análise de conteúdo dos artigos dos autores mais representativos e análise de citação destes, por meio de acoplamento bibliográfico.

Análise de conteúdo das pesquisas dos autores mais representativos

Em virtude da produção quantitativamente pouco expressiva sobre o tema, elencaram-se somente as quatro autoras mais representadas no *corpus* dos 26 artigos recuperados, cada uma com duas publicações, a saber: Gilda Olinto do Valle Silva, Leilah Santiago Bufrem, Maria Nélide González de Gómez e Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes, responsáveis por 30,76% do *corpus*.

Busca-se aqui, retratar as relações mais evidentes nas pesquisas da área, por meio da análise dos autores que citam e de suas vertentes metodológicas e teóricas nos estudos analisados.

Na produção científica identificada, observa-se a metodologia como foco temático aplicado a con-

Tabela – Autoras mais representativas do *corpus*

Nome do autor	Instituição	Total Trab.
BUFREM, L. S.	UFPR	2
GOMES, M. Y. F. S. de F.	UFBA	2
GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.	UFF	2
SILVA, G. O. do V.	IBICT	2

Fonte: os autores, 2014.

textos da CI e também como objeto de pesquisa da referida área.

A destacada produtividade dessas autoras justifica-se pelo aprofundamento nos metaestudos sobre modos de fazer pesquisa na área, na pesquisa sobre modelos conceituais no âmbito da organização e gestão da informação e do conhecimento e em relação aos modelos de ensino e aprendizagem dos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Na análise de conteúdo dos artigos a autora González de Gómez, com dois artigos teóricos sobre o tema, apresenta a metodologia como objeto de pesquisa, e a expressão de um pensamento cujo esforço e intenção voltam-se à produção do conhecimento numa perspectiva histórica, social, política e epistemológica já definida. De acordo com a autora, se as estratégias metodológicas são definidas em horizontes concretos de possibilidades políticas e epistemológicas, os programas de pesquisa em Ciência da Informação, vinculados às Ciências Sociais, são duplamente afetados, em sua estrutura paradigmática e em seus conteúdos teóricos e empíricos, pela configuração social dos regimes de informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000). Afirma que o escopo e a abrangência de um programa de pesquisa definem-se em três espaços gnosiológicos com diferentes demandas e culturas que direcionam a perspectiva de uma sociedade da informação: o da comunidade de pesquisa, o de gestão e avaliação da ciência e o da rede ampla de pares.

Silva (1987), em um de seus artigos, representa um modelo conceitual para consolidar um programa de metodologia de pesquisa que visa o maior rigor e eficiência no processo da pesquisa para a área. O modelo consiste primeiramente

na elaboração de uma matriz de dados com as variáveis e casos a serem estudados, na segunda etapa propõe um trabalho de campo para preencher essa matriz de dados e na terceira, a matriz é analisada. Percebe-se que a autora denota uma preocupação com o modo adequado de se elaborar uma pesquisa, desde a delimitação do problema científico às variáveis que o permeiam. Em seu segundo artigo, Silva (1990) apresenta vários aspectos e etapas que podem ser considerados em um trabalho sobre um único conceito, isto é, mostra como esse conceito pode ser trabalhado teórica e empiricamente em uma única pesquisa. Como exemplo, utiliza o conceito de “uso de biblioteca” aplicado em uma pesquisa feita com alunos de uma escola de 2º grau no Rio de Janeiro. Observa-se que a autora busca em seu referencial, aporte na epistemologia crítica de Karl Popper, a qual será clarificada no decorrer do estudo, por meio dos acoplamentos, considerando que Popper também está presente no referencial de Bufrem e Santos (2009b).

Bufrem, Costa, Gabriel Júnior e Pinto (2010) realizam um estudo metodológico que foi operacionalizado e validado na mesma pesquisa. Estes propõem uma metodologia para a criação de ambiente integrado de monitoramento e gerenciamento de publicações periódicas para composição de dados da Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci). Os autores definem e analisam variáveis orientadoras da pesquisa e, por meio de um estudo exploratório e mapeamento das demandas dos usuários, realizam a testagem de um protótipo para a concretização da proposta. Descrevem o planejamento, construção, implementação e validação do produto funcional do sistema, utilizando a rede internet como plataforma de aplicação. Já no segundo artigo, Bufrem e Santos (2009b) elaboram um estudo de enfoque prioritariamente teórico a fim de analisar a aplicabilidade e o uso da etnografia como metodologia para explorar a pesquisa na área da CI. Essa pesquisa visou destacar, na produção científica da área, a etnografia como método de construção científica, a partir de reflexões sobre sua aplicação no reconhecimento de valores subjetivos, permitindo um olhar crítico sobre a pesquisa no campo da CI. As

autoras reconhecem no estudo, o valor do método etnográfico, oriundo da antropologia, para a apreensão e análise de um contexto multicultural, entendendo a cultura da informação sob uma perspectiva emergente na área em estudo, cujo aprofundamento requer valores e instrumentos antropológicos coerentes com as diversas áreas interdisciplinares que compõem o campo científico da informação. Por meio da análise interpretativa do discurso de diversos autores, as autoras buscam a reflexão que priorize a representação qualitativa do conhecimento.

Nota-se uma preocupação com a valorização e explicitação da informação social e culturalmente construída, como produto e objeto de estudo na área da CI.

Observa-se que Bufrem e seus coautores em ambos os estudos (2009b; 2010), sob uma ótica filosófica da informação e da pesquisa como sistema dinâmico de construção que tem dimensões éticas e políticas, concebem a metodologia de pesquisa como um conjunto de atividades que auxilia a compreensão do próprio processo de investigação e não somente visa o produto final da pesquisa.

Gomes (2006), também voltada ao valor da análise da produção científica para o desenvolvimento da ciência, analisa as dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em um período de dez anos. A autora identifica as tendências temáticas, os tipos de pesquisa e as abordagens metodológicas predominantes nas dissertações, constatando como predominantes: gerência de serviços e unidades de informação; estudos de usuário, demanda e uso da informação e de unidades de informação e comunicação, divulgação e produção editorial. Constata também a presença marcante da pesquisa empírica e o predomínio dos estudos baseados em dados quantitativos. Evidencia que o estudo de caso foi a metodologia mais utilizada, com 50% do total das dissertações, enquanto a pesquisa teórica esteve presente em apenas três dissertações, 5% do total analisado. Gomes, ainda em 2006, no artigo intitulado “Tendências atuais

da produção científica em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil” constata o reduzido número de trabalhos cujo objeto de análise é o conhecimento produzido na área. Apesar de pouco numerosos, os resultados desses estudos constituem indicadores das tendências da pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação, além de apontarem fragilidades teóricas e metodológicas dessa produção, contribuindo, dessa maneira, para ultrapassá-las.

As quatro autoras denotam uma preocupação com as fragilidades teóricas e metodológicas da CI. Embora suas pesquisas caracterizem-se por diferentes opções metodológicas, considera-se que tanto os estudos teóricos e empíricos como os metodológicos e avaliativos são fundamentais para que se reconheça na CI um núcleo teórico e prático consolidado e que seus métodos e técnicas sejam transpostos a outros domínios para enriquecerem as possibilidades de análises de produção científica em diferentes áreas, em uma relação dialógica de contribuição com tais domínios, corroborando a interdisciplinaridade característica da CI.

Tipos de autorias no *corpus* de análise

Em relação aos tipos de autoria identificados no corpus de 26 artigos assinados por 43 autores, nota-se que os estudos sobre o tema surgem a partir de 1978, somente em autoria individual, o que presume trabalhos advindos de reflexões resultantes de amadurecimento dos pesquisadores em relação à prática do fazer pesquisa. A década de 1980 também foi marcada pela incidência dos estudos de autoria única. Somente no ano de 2000, aparece um estudo em dupla autoria, representando, ainda, a metade do número das pesquisas de autoria única que eram realizadas na referida década. Já, em 2006, aparece o primeiro trabalho em autoria tripla.

Os trabalhos em autoria única perduraram até 2008. Há somente dois estudos com cinco autores, respectivamente em 2007 e 2009. A autoria quádrupla inicia em 2007 e tem seu ápice em 2010. Por fim, no último ano analisado (2012),

somente se observa autoria quádrupla sobre a temática.

Em relação ao tipo de autoria das pesquisadoras em destaque, observa-se que Gomes, González de Gómez, e Silva apresentam autoria única em ambos os trabalhos que produziram, ao passo que Bufrem realiza um dos estudos em coautoria com Santos para aprofundar-se na presença do método etnográfico na literatura em CI e o outro estudo para validar o protótipo da Base Brapci, em coautoria com mais três pesquisadores. Este último, considerado um estudo metodológico como fim, faz parte de uma tipologia de pesquisa não muito incidente na área e que apresenta maior complexidade para sua realização e conclusão.

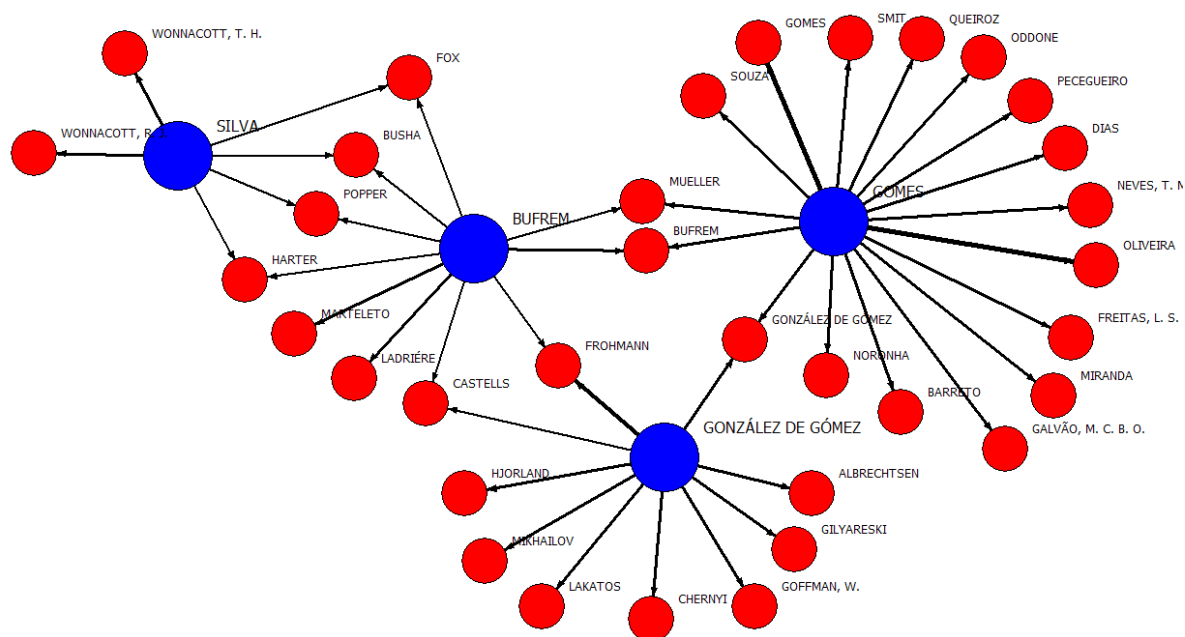
Análise de citação dos autores mais representativos do *corpus* de análise

Frohmann foi um dos autores citados por Bufrem e por González de Gómez, com incidência expressiva de cinco citações, em especial para a última autora. Este autor apresenta uma visão direcionada ao aspecto social da CI, quando faz crítica à dimensão cognitiva da área, considerando os aspectos epistemológicos e metodológicos que favorecem o enfrentamento dos desafios identificados no campo. Pode-se dizer que essa abordagem da epistemologia política possibilita o estudo das complexas relações entre atores envolvidos no processo informacional.

Nota-se que Frohmann é voltado ao domínio da Filosofia da Ciência, enquanto Castells, também citado por Bufrem e González de Gómez, é oriundo da Sociologia. Já a autora mais citada por Gomes é Oliveira, que também faz menções a Castells em seu referencial.

González de Gómez cita autores que trouxeram contribuições expressivas ao desenvolvimento da CI em relação à conceituação da informação científica, destacando Mikhailov, Chernyi e Gilyareski, cada um com duas incidências.

Figura – Autores citados e acoplados pelas autoras mais representativas na temática



Fonte: os autores, 2014.

Além destes últimos mencionados, outros autores da área de CI seriam Hjørland e Albrechtsen, também citados por González de Gómez (2000) em relação à análise de domínio, cuja dimensão social é enfatizada no que tange ao contexto e suas especificidades. Estes autores explicitam sua proposta na obra *Toward a new horizon in information science: domain-analysis*. As abordagens pelas quais pode ser realizado esse tipo de análise em um contexto específico foram objeto de posterior publicação somente por Hjørland em 2002.

Goffman, citado por González de Gómez (2000), foi o pioneiro da Ciência da Informação matemática. A autora o cita, especialmente em relação aos estudos de recuperação da informação (RI). Segundo González de Gómez (1999-2000), a RI por meio de máquinas, a formalização de linguagens para os sistemas de informação e também os estudos bibliométricos buscariam “fundamentar generalizações e teorias na leitura de regularidades empíricas e em sua formalização nomológica, tal como nas leis de Bradford e nas teorias epidemiológicas da ‘disseminação de ideias’ de William Goffman” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999-2000).

Wonnacott e Wonnacott foram citados por Gilda Olinto do Valle Silva, devido às pesquisas estatísticas por eles realizadas. A autora referencia as

obras “Introdução à Estatística” (1980) e “Fundamentos da Estatística” (1985), embora não tenham sido encontradas citações destes autores no corpo do texto.

Karl Popper foi citado por Silva (1990), pela obra “Conjeturas e refutações” e por Buftrem e Santos (2009b), pela obra “A lógica da pesquisa científica”. O autor, citado pelas pesquisadoras, notabiliza-se por suas obras na área de Filosofia da Ciência.

Considerando que o empirismo reduz todo conteúdo do conhecimento às determinações observáveis, as leis e teorias científicas são hipotéticas e conjeturais, ou seja, na concepção de Popper, uma teoria confirmada é uma teoria que ainda não foi infirmada, isso é, as verdades existem, mas têm prazo de validade. O importante, argumenta o autor, é compreender “como as teorias se verificam”, já que o irracional é elemento de toda e qualquer descoberta. Assim, “o que caracteriza o método científico é justamente o desejo de expor deliberadamente as teorias, de todos os modos possíveis, ao crivo da refutação, e não o de procurar defendê-las ou preservá-las sistematicamente” (POPPER, 1975, p. 110-113).

Como racionalismo crítico, a epistemologia de Karl Popper baseia-se nos seus três mundos:

mundo físico, mundo mente/consciência e mundo das ideias/registros intelectuais. A partir das dimensões ideológicas de Popper, desenvolveu-se a Teoria Cognitiva da Recuperação da Informação (RI), alicerçada especialmente nos estudos de Belkin e Ingwersen (1992 *apud* ALMEIDA *et al.*, 2007, p. 21).

O britânico Bertram Brookes (1980) também se baseou na epistemologia de Popper. Conforme Prado (2013), Brookes fundamentou-se “na aplicação da lei cunhada por Popper e sua abordagem focou as perspectivas contidas na parte que descreve os aspectos do “mundo 3”, constituído pelos produtos intelectuais”. Brookes justifica seu raciocínio em defesa da dimensão da informação como coisa, exatamente com as relações desta natureza com os princípios de Popper (PRADO, 2013, p. 4).

Busha e Harter (1980), citados por Silva (1987), Bufrem e Santos (2009b), são coautores da obra *Research methods in librarianship*. Pode-se dizer que a produção destes autores contribui com a área aproximando-se da posição epistemológica de Popper, em relação ao desenvolvimento da dimensão cognitiva na CI, relativa a usuários e à busca pela informação.

Gomes cita de modo expressivo as pesquisas de Oliveira. Embora esta última não tenha sido citada pelas outras três autoras mais produtivas, apresenta um referencial relacionado à temática interdisciplinaridade da CI e caminhos da pesquisa na área.

Em uma de suas pesquisas, Oliveira (1999) analisa as características das dissertações produzidas no curso de mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Como contribuição às categorizações temáticas, faz uma comparação de seus resultados com estudo similar realizado por Järvelin e Vakkari, autores também citados por Bufrem (2009a). Segundo esta autora (1996), o levantamento de Järvelin e Vakkari parece ter estabelecido o sistema mais consistente de categorias, pois seus estudos têm sido utilizados como base para muitos que o seguiram. Järvelin e Vakkari (1993, p. 129) con-

firmam, por meio de análise de conteúdo, que nas últimas décadas a literatura em Biblioteconomia e CI apresentou muitas análises estatísticas sobre as pesquisas publicadas. Entretanto, segundo os autores, nenhum dos mais recentes estudos cobre todo o leque de opções temáticas e metodológicas.

Mueller é citada por Gomes (2006) e Bufrem e colaboradores (2010), entretanto as autoras se referem a obras distintas. Gomes menciona obras de Mueller produzidas em colaboração da autora com outros pesquisadores, a saber: “O periódico Ciência da Informação na década de 1990: um retrato da área refletido em seus artigos”, em coautoria com Pecegueiro (2001) e “A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil - análise dos trabalhos apresentados no IV Enancib” na década de 2000, em coautoria com Miranda e Suaiden. Por sua vez, Bufrem e seus colaboradores citam a pesquisa de Mueller intitulada “A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento” (2006).

Em relação à autocitação, ou referência que um autor faz em seu próprio artigo a trabalhos por ele publicados, é uma prática usual e até recomendada, sempre com a devida cautela, quando a produção sobre o tema é incipiente, como é o caso deste estudo. Além disso, observa-se que são importantes para a construção da pesquisa no sentido de que as autoras apresentam uma produção amadurecida sobre a temática, não somente refletida no *corpus* analisado, mas também em outras pesquisas identificadas no *Curriculum Lattes* das autoras. Assim, encontram-se cinco incidências de autocitação nos estudos de Gomes, três nos de Bufrem e duas nos de González de Gómez. Gomes cita as duas autoras que a precederam, González de Gómez e Bufrem, em duas oportunidades.

Corroborar-se o já mencionado na introdução deste estudo, ou seja, a literatura na área abarca uma diversidade temática com pequena incidência de estudos relacionados aos modos de fazer pesquisa. Dessa constatação, pode-se aferir que a reflexão epistemológica e metodológica é incipiente na CI, o que coincide com a crítica de

Hjørland quando afirma que poucos pesquisadores têm analisado os pressupostos filosóficos por trás de diferentes abordagens em Ciência da Informação (2000, p. 524). Segundo o autor, a compreensão mais profunda de uma área de pesquisa é fornecida pelo estudo de pressupostos filosóficos subjacentes a ela, que representam o aspecto mais negligenciado pelos pesquisadores (HJØRLAND, 2000, p. 527). Tal afirmação vai ao encontro da necessidade de se fazer pesquisa sobre a pesquisa para desenvolver a prática e a teoria de uma área, simultaneamente, sem ignorar suas bases filosóficas.

Considerações finais

É importante salientar que a seleção do *corpus* de análise abrangeu somente as pesquisas que contemplavam o termo metodologia e suas variações conforme a descrição dos procedimentos metodológicos. Embora o termo epistemologia também pudesse recuperar estudos relativos a fundamentos metodológicos da pesquisa na área, a opção eleita justifica-se devido à necessidade de delimitação do *corpus* e aprofundamento no tema.

Observou-se que os tipos de pesquisa predominantes realizados pelas autoras mais produtivas foram: a pesquisa descritiva com enfoque teórico e a pesquisa metodológica como fim.

Essa constatação recai sobre a questão do amadurecimento no fazer científico, demandado para possibilitar a reflexão sobre o próprio método e o processo de investigação.

Também se observa que as autoras unanimemente refutam a visão tecnicista relativa aos modos de fazer pesquisa, em que a metodologia da pesquisa científica é considerada um livro de normas prescritivas, conforme alerta Mills (1972, p. 132), insistindo na recusa a qualquer esquema rígido de procedimentos, por parte do “artesão intelectual”.

A visão social da CI e a preocupação epistemológica é outro fator abrangido pela análise de cita-

ção realizada, com destaque especial a González de Gómez, fundamentada mais especificamente na epistemologia política. Dentre os autores citados que priorizam o enfoque social, Hjørland ganha evidência. A epistemologia racionalista crítica de Karl Popper com sua dimensão cognitiva como aspecto focal na construção do conhecimento e da pesquisa também foi apresentada de modo expressivo nas análises, embora o *core* de autores tenha sido pouco numeroso por razões já manifestas.

Referências

- ALMEIDA, D. P. R. et al. Paradigmas contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v. 6, n. 1, p. 16-27, 2007. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/reic/article/viewFile/745/647>>. Acesso em: 30 jun. 2014.
- BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais**: os polos da prática metodológica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BUFREM, L. S. Configurações da pesquisa em Ciência da Informação. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, v. 14, n. 6, dez. 2013. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez13/Art_04.htm>. Acesso em: 30 jun. 2014.
- BUFREM, L. S. **Linhas e tendências metodológicas na produção acadêmica do Mestrado em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia** - Universidade Federal do Rio de Janeiro (1972-1995). 1996. Tese (Concurso para Professor Titular Métodos e Técnicas de Pesquisa) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.
- BUFREM, L. S. Práticas de organização e divulgação da produção intelectual em Ciência da Informação no Brasil. **Encontros Bibli**: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, n. esp., p. 36-53, 1º sem. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13nesp1p36/1591>>. Acesso em: 30 jun. 2014.
- BUFREM, L. S. **Opções metodológicas em pesquisa**: a contribuição da área da Ciência da Informação para a produção de saberes no ensino superior. Proposta de pesquisa para a obtenção da Bolsa de

- Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 2009a.
- BUFREM, L. S.; COSTA, F.D. de O.; GABRIEL JR., R.F.; PINTO, J.S. de P. Modelizando práticas para a socialização de informações: a construção de saberes no ensino superior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, p. 22-41, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362010000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 jun. 2014.
- BUFREM, L. S.; SANTOS, S. F. Ciência da informação e uso metodológico da etnografia. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 11, n. 1, p. 148-174, dez. 2009b. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1997/pdf_106>. Acesso em 30 jun. 2014.
- CHALMERS, A. F. **¿Qué es esa cosa llamada Ciencia?** una valorización de la naturaleza y el estatuto de la ciencia y sus métodos. México: Siglo Veintiuno, 2000.
- FREITAS, J. L.; BUFREM, L. S. O ensino da metodologia científica: repercussões na produção científica em Ciência da Informação. In: CETAC.MEDIA e Universidad de León. (Org.). **Globalização, Ciência, Informação**. 1. ed. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - CETAC.MEDIA, 2013. p. 446-460.
- GLÄNZEL, W. **Bibliometrics as a research field: a course on theory and application of bibliometric indicators**. 2003. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.97.5311&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2011
- GOMES, H. F. A transferência de informação na educação universitária: implicações do uso da oralidade, da escrita e outras tecnologias: metodologia e instrumentos. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 9, n. 2, p. 273-290, 1999. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/386/307>>. Acesso em: 30 jun. 2014.
- GOMES, M. Y. F. F. Dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, na década de 1990: um balanço. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 11, n. 3, p. 318-334, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362006000300003>. Acesso em: 30 jun. 2014.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 23-24, n. 3, p. 333-346, 1999-2000.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 6, 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez00/Art_03.htm>. Acesso em: 30 jun. 2014
- GRÁCIO, M. C. C.; OLIVEIRA, E. F. T. **Indicadores de citação**. 2013. Anotações de aula. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília-SP, 2013a.
- GRÁCIO, M. C. C.; OLIVEIRA, E. F. T. Análise de cocitação de autores: um estudo teórico-metodológico dos indicadores de proximidade, aplicados ao GT7 da ANCIB. **Liinc em Revista**, v. 9, n. 1, p. 196-213, maio 2013b. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/527/401>>. Acesso em: 30 jun. 2014.
- GUEDES, V.; BORSCHIVER, S. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: CIFORM – ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: ICI/UFBA, 2005. Disponível em: <<http://www.feg.unesp.br/~fmarins/seminarios/Material%20de%20Leitura/Bibliometria/Artigo%20Bibliometria%20-%20Ferramenta%20estat%EDstica%20VaniaLSGuedes.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2014.
- HJØRLAND, B. Library and information science: practice, theory, and philosophical basis. **Information Processing and Management**, v. 36, p. 501-531, 2000.
- HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches-traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, 422-462, 2002.
- JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.
- JÄRVELIN, K.; VAKKARI, P. Content analysis of research articles in Library and Information Science. **LISR**, v. 12, p. 395-421, 1990.
- JÄRVELIN, K.; VAKKARI, P. The evolution of Library and Information Science 1965-1985: a content analysis of journal articles. **Information Processing & Management**, v. 29, n. 1, p. 129-144, 1993.

LLOYD, C. **As estruturas da história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LUCAS, E. O.; GARCIA ZORITA, J. C. Produção científica sobre capital social: estudo por acoplamento bibliográfico. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE BIBLIOMETRIA E CIENTOMETRIA, 4., 2014, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2014. v. 4. p. 1-8.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Trad. Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

OLIVEIRA, M. Características das dissertações produzidas no Curso de Mestrado em Ciência da Informação da UFPB. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 9, n. 2, p. 465-488, 1999. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/405/326>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

PRADO, M. A. R. A Fenomenologia da Informação: reflexões essenciais sobre a matriz do conhecimento. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 14, n. 4, ago. 2013. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago13/Art_01.htm>. Acesso em: 30 jun. 2014.

RENDON-ROJAS, M. Á. La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas: ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 4, ago. 2008. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago08/Art_06.htm>. Acesso em: 30 jun. 2014.

SÁNCHEZ-GAMBOA, S. Tendências epistemológicas: dos tecnicismos e outros “ismos” aos paradigmas científicos. In: SANTOS FILHO, J. C.; SÁNCHEZ-GAMBOA, S. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

SILVA, G. O. V. A matriz de dados e a metodologia da pesquisa em Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, v. 16, n. 2, p. 151-155, jul./dez. 1987. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciainformacao/index.php/ciinf/article/viewFile/1469/1513>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

SILVA, G. O. V. Metodologia de pesquisa: trabalhando o conceito de uso de biblioteca. **Ciência da Informação**, v. 19, n. 2, p. 163-167, jul./dez. 1990. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1394/1529>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

VANZ, S. A.; S. CAREGNATO, S. E. Estudos de citação: uma ferramenta para entender a comunicação

científica. **Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação**, v. 9, n. 2, p. 295-307, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/75/35>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

Research about conducting research: a citation analysis on information science literature

Abstract

Introduction: This paper considers that information science (IS) literature covers a diversity of thematics with low emphasis on researches about conducting research. The study analyzes the scientific production of authors who investigate about research methodology in the information science (IS) literature, and the references used to lay the foundation of the methodological issues regarding the area. It discusses the methodological and epistemological positions of the leading researchers highlighted as the most productive investigators on the subject in the country. Method: The research adopts the content analysis coupled with metric studies to contextualize the indicators related to productivity, to the types of authorship and citation analysis. The bibliographic coupling method is considered an analysis mode which analyzes concomitant citations. It develops a theoretical framework about the importance of scientific production analysis in different knowledge fields. The study investigates, from a theoretical perspective, the concepts about research methodology and the complementarity between methodology and epistemology in conducting research. Results: The results of the analysis showed that the production of the highlighted authors presents the methodology as a thematic focus to be applied to IS contexts, as well as a research object in the field. The prominent productivity of the authors is justified especially by deepening the meta studies about the ways to conduct research in IS. This study also identifies a trend to single-authored studies about the theme. Conclusions: The research considers that meta studies and applied and methodological studies are important to recognize a consistent theoretical and practical core in the IS area. Regarding the epistemological influences identified by the citation analysis, the study observes that the critical rationalist epistemology and the social and political epistemology are highlighted in the construction of the theoretical framework of the most productive authors.

Keywords

Information Science. Scientific production analysis. Citation analysis. Bibliographic coupling. Research methodology.

Agradecimentos:

Trabalho apoiado por concessão de bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Recebido em 30 maio 2014

Aceito em 1 julho 2014

Sobre os autores:

Juliana Lazzarotto Freitas

Bacharel em Gestão da Informação - UFPR, Especialista em Gestão de Negócios - UFPR, Mestre em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação - UFPR, Doutoranda em Ciência da Informação - Unesp, Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp.
julilazzarotto@gmail.com

Leilah Santiago Bufrem

Graduada e licenciada em Filosofia - PUCPR, Graduada em Biblioteconomia e Documentação - UFPR, Mestre em Educação - UFPR, Doutora em Ciências da Comunicação - USP. Professora Visitante Sênior no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - UFPE, Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Unesp, Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFPR.
santiagobufrem@gmail.com

Ely Francina Tannuri de Oliveira

Graduada em Pedagogia - Unesp, Graduada em Matemática - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Osvaldo Cruz, Mestre e Doutora em Educação - Unesp, Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Unesp/Marília, Livre-Docente do Departamento de Ciência da Informação - Unesp/Marília.
etannuri@gmail.com

Maria Cláudia Cabrini Grácio

Bacharel em Estatística - Unicamp, Mestre em Estatística - Unicamp, Doutora em Filosofia - Unicamp, Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Unesp/Marília.
cabrini@marilia.unesp.br

Como citar este artigo:

FREITAS, J. L.; BUFREM, L. S.; OLIVEIRA, E. F. T. de; GRÁCIO, M. C. C. A pesquisa sobre o fazer pesquisa: uma análise de citação da literatura periódica em Ciência da Informação. **AtoZ**: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 38-49, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.atoz.ufpr.br>>. Acesso em:

A disseminação da informação no Twitter: uma análise exploratória do fluxo informacional de retweets

Célio Andrade Santana Júnior, João Pedro Silva Albuquerque, Fabiola Souza Queiroz, Steffane Ramires Lima

Resumo

Introdução: Apresenta o processo de disseminação da informação no serviço de *microblog* Twitter a partir dos *retweets* realizados por usuários, que assim disseminam mensagens criadas por perfis. O objetivo desta pesquisa é observar como se deu a disseminação de uma mensagem postada neste serviço de *microblog* em relação a aspectos teóricos da chamada Teoria de Redes. **Método:** Utilizou-se a ferramenta "Where Does My Tweet Goes" para avaliar um *tweet* do político norte-americano Al Gore postado originalmente no dia cinco de junho de 2013. Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados pela própria ferramenta que busca as informações sobre as postagens diretamente na base de dados do Twitter. A análise dos dados foi feita de forma quantitativa a partir da própria ferramenta que identificou os *retweets* promovidos pelos seguidores de Al Gore. **Resultados:** Foi observado que a disseminação da mensagem específica se deu de forma rápida, entretanto efêmera. O alcance da mensagem foi, de fato, potencializado pela rede atingindo mais do que o dobro dos seguidores originais de Al Gore sendo assim possível quantificar a "viralidade" de uma postagem. **Conclusão:** O resultado desta pesquisa, ressaltada sua característica exploratória, sugere que a disseminação da informação no Twitter segue a tendência das denominadas "novas ciências" em redes sociais caracterizadas pela dinâmica dos elementos redes na sua construção e crescimento.

Palavras-chave

Microblogs. Twitter. Fluxo de informação. Disseminação da Informação.

Introdução

Com o advento da Internet e sua integração à vida cotidiana, as questões relativas ao uso das informações contidas neste espaço estão mudando do "quem está 'logado' no ambiente?" para uma análise mais aprofundada daquilo que as pessoas "fazem *online*". Existe um crescente reconhecimento de que a Internet está estimulando conexões e forjando novas ligações entre pessoas e organizações (HAYTHORNTHWAITE, 2005).

Cientistas sociais têm explorado a importância das redes sociais na disseminação da informação (GRANOVETTER, 1973) e nos processos de inovação (ROGERS, 2010). Outras tecnologias de comunicação modernas, tais como o *e-mail*, *blogs* e *microblogs* igualmente têm sido investigadas como espaços para a disseminação da informação (WU *et al.*, 2004; GRUHL *et al.*, 2004),

e para a percepção de novas estratégias de busca por informação (ADAMIC; ADAR, 2005).

Pesquisas conduzidas por Haythornthwaite (2005) e Lerman e Gosh (2010) apontam que as interações entre pessoas deixariam de ser exclusivamente face a face para ser complementadas por mídias baseadas em texto e que estas ocorrem migram do espaço "virtual" para o "real" de acordo com a necessidade dos membros envolvidos em tais processos de mobilização.

Essa interação social se dá, de forma significativa, nas mídias sociais tais como Facebook, Instagram, Twitter, dentre outras. Nestes ambientes, as informações relativas aos usuários e suas relações com outros usuários são armazenadas em bases de dados com intuito de se tornarem cada vez mais atraentes. Estes mesmos serviços, disponibilizam ferramentas que promovem acesso as suas imensas bases de dados para análise empírica dos mais

diversos fenômenos tais como o Facebook Developer¹, Twitter Developer² e Netvizz³.

As áreas de investigação mais comuns na análise destes dados são a investigação da dinâmica da troca de informação entre indivíduos (VÁZQUEZ *et al.*, 2006); o estudo dos comportamentos dos indivíduos (HOGG; LERMAN, 2009); a eficácia da recomendação de produtos em *marketing* viral (LESKOVEC; ADAMIC; HUBERMAN, 2007); as propriedades globais da propagação de mensagens de *e-mail* (WU *et al.*, 2004; LIBENNOWELL; KLEINBERG, 2008); as postagens em *blogs* (LESKOVEC *et al.*, 2007a); e a identificação de *blogs* influentes (GRUHL *et al.*, 2004; LESKOVEC *et al.*, 2007b).

Na maior parte destes estudos, a estrutura da rede formada não era visível aos pesquisadores, tendo sido inferida a partir do fluxo de informações de um indivíduo para outro. Identificar as características desse fluxo representava, portanto, um desafio, já anteriormente verificado por Haythornthwaite, voltado à compreensão sobre como a estrutura da rede afeta a dinâmica de propagação de informações sobre ela (HAYTHORNTHWAITE, 2005).

Serviços de *microblog*⁴, como o Twitter, se mostram como uma alternativa para estudar a dinâmica da disseminação de informações em redes sociais, uma vez que é reconhecido como uma importante fonte de informação para as pessoas comuns. Especificamente no Twitter, os usuários publicam (“tuitam”) mensagens de texto curtas, não raro acompanhadas de *hiperlinks* para notícias ou mensagens de outros usuários (LERMAN; GOSH, 2010).

No Twitter as ligações entre usuários são criadas em pelo menos dois momentos: o primeiro ocorre quando usuários decidem seguir outros usuários e passam a ter acesso a todas as publica-

ções feitas por ele; e o segundo momento quando o usuário deseja republicar (*retweet* / “retuitar”) uma mensagem originalmente criada por algum outro usuário e que está visível em sua linha do tempo (*timeline* do Twitter).

Este trabalho apresenta um estudo exploratório com o objetivo de identificar as características da disseminação de uma postagem específica no Twitter. Para isso, foram coletados os dados de uma postagem publicada no dia cinco de junho de 2013 pelo ex-candidato a Presidente dos Estados Unidos Al Gore.

A ferramenta utilizada para a coleta e análise dos dados foi a “*Where Does My Tweet Go*”⁵ – desenvolvida pelo arquiteto da informação francês Benoît Vidal – a qual tem como finalidade verificar o alcance de uma postagem. Essa ferramenta recupera os dados diretamente do Twitter mapeando a propagação das postagens entre os seguidores de determinado perfil e os seguidores dos seguidores, o que permite uma visualização em tempo real a partir dos dados de usuários reais.

Este trabalho visa contribuir com o entendimento das dinâmicas de propagação da informação na rede social, em especial sobre a contribuição das republicações que levam a mensagem para usuários até então “invisíveis” para o autor original. No âmbito da Ciência da Informação espera-se que os resultados – ainda que baseados em uma única ferramenta – possam colaborar com demais estudos que tenham como objeto de estudo o Twitter ou processos de disseminação de mensagens em redes sociais.

Além desta seção introdutória este trabalho possui outras quatro seções. A seção a seguir apresenta a literatura pertinente ao tema e todos os conceitos básicos necessários para o entendimento desta pesquisa. A seção seguinte apresenta a

¹ <www.developers.facebook.com>.

² <<https://dev.twitter.com>>.

³ <<https://tools.digitalmethods.net/netvizz/facebook/netvizz/>>.

⁴ *Microblog* é uma forma de publicação que permite aos usuários atualizações breves de texto. (<http://www.pcmag.com/encyclopedia/term/58092/microblog>). O Twitter, por exemplo, permite mensagens de até 140 caracteres.

⁵ <www.wdmtg.com>.

metodologia utilizada para a realização da pesquisa, seguida da seção que apresenta os resultados da pesquisa, e da última seção voltada ao fechamento do trabalho e às discussões finais.

O Fluxo informacional e a disseminação da informação

Segundo Savi e Silve (2009, p.180) o fluxo informacional pode ser entendido como “o processo de transferência da informação de um emissor para um receptor” e se inicia a partir do momento em que um determinado indivíduo tem interesse em gerar um novo conhecimento ou, a partir da verificação das necessidades informacionais do receptor, o emissor inicia tal fluxo com o objetivo de satisfazer estas necessidades informacionais específicas.

Segundo Barreto (1998, p. 122) não é possível definir o ciclo informacional como uma forma linear de repasse de informação entre emissor e receptor, uma vez que ele se caracteriza como um processo disseminador de informações com o objetivo de mediar a comunicação. Nesse sentido, para que se compreenda a conjuntura dos fluxos de informação, se faz necessário delinear seu conceito que, segundo Greef e Freitas (2012, p. 40), pode ser entendido como uma sequência de eventos desde a geração da informação, por parte do emissor, até sua captação/assimilação/aceitação pelo receptor, gerando saberes individuais e coletivos.

Frota e Quintão destacam a importância dos fluxos informacionais em ambientes *online* e, especificamente sobre a disseminação da informação, consideram que “esta comunicação em rede cumpre o papel de integração do transporte de fluxos, sejam eles materiais ou imateriais” (2010, p. 68). Anteriormente, Tomael e Marteleto (2006, p. 2) apontaram que, em ambientes em rede, o compartilhamento de informação e de conhecimento entre as pessoas é constante, pois as pessoas frequentemente gostam de compartilhar o que sabem. No contexto da comunicação em rede, portanto, a disseminação de informação tende a se intensificar movendo-se entre círculos sociais

distintos que se tornam espaços de proliferação (TOMAEEL, MARTELETO, 2006).

Sob esta perspectiva, Ferreira e Perucchi (2011, p. 453) destacam a necessidade de se buscar ferramentas e estruturas que facilitem o compartilhamento da informação, em especial aquelas apoiadas nos processos de comunicação eletrônica, uma vez que estas se mostram eficientes no processo de disseminação modificando estruturalmente o fluxo de informação e conhecimento. Neste particular, e já em 1999, Barreto considerava a informação online representada em fluxos de informação multidirecionados, nos quais o tempo entre as mensagens se aproxima de zero, a velocidade de difusão se acercando do infinito, e com os espaços de vivência sendo caracterizados pela não presença (1999, p. 5).

Paralelamente às discussões sobre difusão, Dixon (2000) afirma que a disseminação da informação é ação de tornar visível o conhecimento do indivíduo, enquanto que Lara e Conti (2003) consideram que disseminação assume formas variadas, dirigidas ou não, que geram inúmeros produtos e serviços de informação. Um indivíduo (ou grupo) pode divulgar determinada informação sem ter a intenção de atingir um público-alvo de forma específica. Desta forma, a disseminação assume um papel importante, pois a realidade em que se pretende que a informação atue e transforme, é multifacetada e formada por micronúcleos sociais com divergências profundas, que podem ser vistas como micronações isoladas por suas diferenças (BARRETO, 1999, p. 3).

Sob a perspectiva da distribuição da informação há um propósito de alcance dos mais variados tipos de usuários em diferentes contextos, permitindo que cada um trabalhe com a informação de forma individual e única. Considerando este fator nas redes sociais virtuais, Lerman e Gosh esclarecem que há diversas motivações para a obtenção, usos diferenciados e, conseqüentemente, diversas formas de difusão de uma mesma informação (2010).

A “nova ciência” em Redes Sociais: alguns elementos

Segundo Franco (2008), a Sociologia tradicional está sendo ultrapassada em seus métodos e em seus marcos epistemológicos por uma nova orientação com enfoque nas redes sociais virtuais. Estas redes apresentam alguns fenômenos que, mesmo não sendo inéditos, só se mostraram claramente observáveis a partir das relações existentes nestas redes sociais. Dentre os principais “novos” conceitos investigados na temática de redes sociais virtuais podem ser destacados:

o *netweaving*

É possível afirmar que as redes sociais são constituídas por graus de distribuição variáveis entre a máxima centralização (0% de distribuição, onde apenas uma pessoa se comunica com todas as outras) e a máxima distribuição (100% de distribuição, onde todos os membros da rede se conectam a todos os membros da mesma). Quando calculados, se o grau de distribuição for maior do que o grau de centralização é percebido a existência de uma rede distribuída (padrão todos-com-todos). Quando as redes se mostram mais centralizadas (padrão um-com-todos) estas formam hierarquias (FRANCO, 2008).

Diante desse contexto, o *netweaving* trata basicamente da articulação ou “animação” das redes e precisa necessariamente da conexão entre pessoas (redes distribuídas) e não apenas da ligação com um centro coordenador ou articulador (LITTELL; FISHER 2001). A diferença entre o *netweaving*, cujo foco se mostra em colaborar com os outros, e o *networking*, é que este último tem como foco vender algo para outros (MONESSON, 2007). Um *netweaver* se torna um recurso para outras pessoas que têm necessidades e problemas a resolver, incentivando-as a construir redes confiáveis para alavancar os negócios e/ou outras atividades sociais (MONESSON, 2007).

Vergili (2011) sugere que o maior desafio para a concretização do *netweaving* é a fonte de conhe-

cimento, ou seja, a espontaneidade de formar laços de conhecimento com outros membros. Isso só pode ser proporcionado por meio da concepção de mecanismos de incentivo que permitam a participação espontânea do usuário uma vez que a disseminação de informações que ocorrem em redes sociais virtuais não são fenômenos triviais e simplórios (VERGILI, 2011).

o *swarming*/enxameamento

Franco (2008) afirma que o *swarming* ou enxameamento ocorre quando distintos grupos e tendências, não coordenados explicitamente entre si, vão aumentando o alcance e a virulência de suas ações. O enxameamento é um fenômeno que só é perceptível em linhas temporais longas, onde podem ser captados mais facilmente. O enxameamento é percebido nas grandes manifestações de massa e podem ser observados, caso haja possibilidade, a partir de conexões em tempo real. Sem tais recursos tecnológicos, esse fenômeno poderia levar dias ou até anos para se engendrar.

Isso não significa que eles ocorrem por causa da tecnologia. Se as pessoas não podem interagir uma com as outras e se não estiverem conectadas segundo um padrão distribuído, de pouco adianta as mais avançadas tecnologias interativas. A mesma afirmação vale para outros fenômenos típicos das redes que dependem do padrão de interação (dos graus de distribuição e conectividade) e não das tecnologias (dos recursos, dos dispositivos, das mídias) (WATTS, 2004).

Ainda segundo Watts, em uma rede existem nós que são capazes de ligar uma grande quantidade de outros nós que não estão interligados por pertencerem a sub-redes (*clusters*) diferentes. Tais nós, capazes de ligar grupos diferentes, são chamados de *hubs* e são caracterizados por estarem ligados a muitos outros nós de diversos *clusters* diferentes e possuem uma distância média pequena relativamente a os outros nós da rede, o que pode ser medido por uma métrica chamada *betweenness centrality*.

o fenômeno do "Mundo Pequeno" ou *crunching*

Alguns grupos sociais podem estar conectados a partir de caminhos muito curtos em suas redes. Quando pessoas tentam usar estes caminhos para alcançar outras pessoas que são socialmente distantes, eles estão se engajando em um tipo de pesquisa "focada" que é muito mais orientada na propagação e difusão de informações. Esse novo comportamento compreende a percepção sobre a maneira como as coisas fluem através das redes sociais (WATTS, 1999).

Franco (2008) aponta que a capacidade que redes sociais se mostram tão ricas em caminhos curtos é conhecida como o "Fenômeno do Mundo Pequeno" ou os "Seis Graus de Separação". O primeiro estudo empírico significativo do fenômeno do mundo pequeno foi realizado pelo psicólogo social Stanley Milgram, que sugeriu que a distância média entre dois indivíduos quaisquer no mundo real é de seis pessoas (EASLEY; KLEINBERG, 2012).

O experimento de Milgram demonstra dois fatos impressionantes sobre grandes redes sociais: a) que os caminhos curtos existem em abundância; e, b) as pessoas, agindo sem qualquer tipo de mapa global da rede, são eficazes em encontrar coletivamente esses caminhos curtos (EASLEY; KLEINBERG, 2012).

Para Franco (2008), outro fenômeno que ocorre como consequência do mundo pequeno é o *crunching* (encolhimento). Quanto mais caminhos curtos são apresentados pelas redes sociais, menor o "mundo" se torna. Então, quando o capital social de uma determinada rede aumenta, o "mundo" daqueles que fazem parte desta rede encolhe (*crunch*).

Metodologia

Para observar o processo de disseminação da informação e sua relação, em especial, com os as-

pectos de enxameamento, republicação e "mundo pequeno" destacados no referencial teórico, fez-se um recorte no *microblog* Twitter.

Identificou-se a ferramenta *Where Does My Tweet Go*, que é capaz de "rastrear" o fluxo de uma postagem (*tweet*) específico a partir das republicações (*retweets*). Na versão paga existem funcionalidades interessantes tais como: a) a identificação de postagens relevantes; b) um cálculo para o enxameamento da informação utilizando um algoritmo proprietário chamado o *spreadrank*; e, c) a visualização das republicações. Esta última é a única funcionalidade disponível no modo gratuito, o que permitiu consolidar a escolha da ferramenta para o objetivo proposto nesta pesquisa.

Em seguida foi necessário escolher uma postagem específica para ser analisada. Para isto foi selecionada uma postagem do ex-candidato a presidente dos Estados Unidos Al Gore, cujo perfil no Twitter é @algore. A mensagem postada neste perfil, em 5 de junho de 2013, foi: "*In digital era, privacy must be a priority. Is it just me, or is secret blanket surveillance obscenely outrageous?*"⁶.

Esta mensagem foi escolhida por pertencer a um usuário que possui 2.667.631 seguidores, o que representa quase 1% da totalidade de usuários do Twitter⁷, o que promove uma perspectiva de um rápido enxameamento da mensagem, ou seja, um alcance de um número considerável de usuários e que permaneça sendo republicada por um logo período de tempo. A análise dos dados foi realizada na própria ferramenta uma vez que ela coleta as informações na base de dados do Twitter e disponibiliza uma interface para a visualização da disseminação da informação e os dados referentes a cada "ponto" em que ela foi republicada.

Resultados

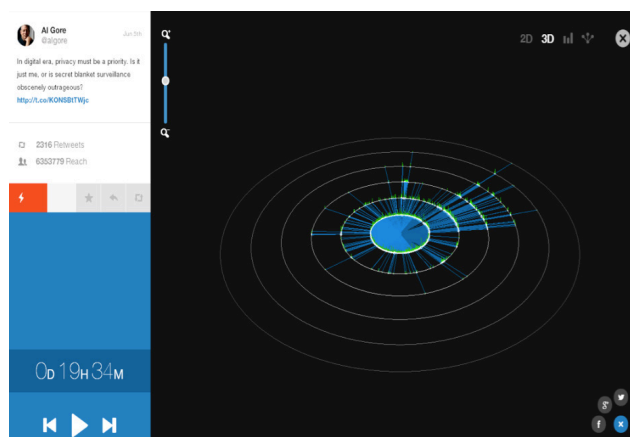
A Figura apresenta o fluxo da postagem estudada na ferramenta. Um dos resultados apresentados é o momento em que a última republicação foi fei-

⁶ <<https://twitter.com/algore/statuses/342455655057211393>>.

⁷ Dados recolhidos na plataforma Twitter no dia cinco de junho de 2013.

ta. Isso representa o tempo em que a informação foi disseminada no Twitter e o quanto durou o “buzz” (burburinho) de uma determinada postagem. Pode-se verificar que a disseminação desta informação se dá em menos de um dia (o período de análise é de 19h34m).

Figura – Análise geral do *tweet* pesquisado – junho/2013



Fonte: os autores.

Al Gore tem 2.667.631 seguidores que representam o primeiro grau de separação de sua rede. Para esta postagem em particular, verificou-se que a sua disseminação se deu até o sexto grau de separação (seguidores dos seguidores). Neste último grau de separação apenas uma republicação foi feita.

Esta mensagem foi republicada 2.316 vezes ao longo de quase vinte horas. Destas, 1.211 *retweets* (mais de 50%) ocorreram na primeira hora após sua publicação e 70% das republicações efetivadas nas três primeiras horas após a publicação original. Isso mostra como o enxameamento da postagem se mostra como muito rápida em um intervalo curto de tempo e tende a desacelerar lentamente. Percebeu-se que essa desaceleração do enxameamento também avança à medida que os graus de separação avançam. No primeiro grau, 890 republicações foram realizadas, no segundo grau 682, no terceiro 446, no quarto 259, no quinto 38 e, no sexto, apenas uma única republicação. O “mundo pequeno” de Al Gore é representado também em sua conta do Twitter. Por ser uma figura pública, cerca de 40% do alcance da postagem ocorre no primeiro grau de separação. Ou seja, aparentemente, as pessoas que po-

dem se interessar por “Al Gore” já estão ligadas diretamente a ele.

Outro fato peculiar ao “mundo pequeno” de Al Gore é a ausência de *hubs* neste processo de disseminação. Neste caso, o próprio Al Gore foi responsável por atingir a maior parte dos usuários a partir da postagem original. O usuário com o maior alcance a partir de suas republicações foi @KimDotCom. Ele se encontra no primeiro grau do círculo de Al Gore. A partir dele, 337.284 usuários visualizaram a informação original. Este “novo” alcance representa os usuários que estão conectados com @KimDotCom, mas não estão no social de @AlGore. Este usuário representa pouco mais de 5% do alcance total das postagens e pouco mais de 2% das republicações (55) o que indica que ele não é um *hub*, pelo menos para esta mensagem.

Considerações finais

Esta avaliação do fluxo informacional, mais especificamente da disseminação de uma postagem específica realizada na plataforma de *microblog* Twitter e explorada com a ferramenta *Where Does My Tweet Go*, não se propõe a apontar a características generalizadas da disseminação da informação neste serviço, mas apenas apresenta – em um estudo exploratório – como uma postagem específica foi republicada ao longo do tempo e como se deu esse processo de disseminação.

Caso se considere o aspecto temporal das republicações, é possível perceber que, neste caso, a maior parte das republicações aconteceu na primeira hora após postagem original e a última republicação ocorreu em pouco mais de 19 horas, o que sugere um ciclo de vida bastante acelerado e curto para mensagens neste *microblog*. Para este perfil e *tweet* em particular verificou-se tal situação, mesmo que se destaque o fato de que Al Gore é uma pessoa pública, que circula no meio político norte-americano e, em tendo mais de dois milhões de seguidores na plataforma, possivelmente poderia atrair o interesse direto ou indireto de outras pessoas para suas postagens.

Percebe-se, mesmo com a restrição no universo de análise, que há certa efemeridade das mensagens publicadas no Twitter. Pois, mesmo sendo uma postagem tratando de um tema político, emitida por uma figura pública com uma grande quantidade de seguidores, esta não se espalhou em uma duração maior de tempo. Resultados obtidos em mídias tradicionais, como o de Gruhl e colegas (2004), verificaram que notícias publicadas em *sites* de jornais e revistas podem ficar “vivas” por dias ou mesmo por semanas.

Ao se examinar o “mundo pequeno” de Al Gore identificou-se que 40% dos usuários que republicaram a mensagem situavam-se no primeiro grau de separação de sua rede. Este comportamento é esperado devido ao fato de que os usuários que conhecem/têm interesse naquilo que é relativo a Al Gore, já o seguem.

Vale observar que, ao se considerar que cerca de 60% das republicações foi feita por pessoas com as quais Al Gore possui conexão, a “audiência invisível” só visualizou a postagem por que existia um caminho curto entre estes usuários “invisíveis” que republicaram o *tweet*. Uma vez que Al Gore tinha, no momento da análise, 2,6 milhões de seguidores, essa audiência invisível quase que triplicou o alcance da postagem, atingindo cerca de 6,3 milhões de usuários.

Por se tratar de uma pessoa pública, era esperado que esta postagem encontrasse outro usuário e que, a partir deste, as republicações retomassem o fôlego e atingissem outras sub-redes para além do acesso direto do perfil original, isso não ficou aparente no ciclo do experimento.

Ainda que se destaque o aspecto exploratório desta investigação – restrita a uma postagem e a uma ferramenta (em sua funcionalidade gratuita) – foi possível apontar alguns indícios sobre o processo de disseminação da informação no Twitter em relação a algumas características da chamada Teoria de redes. Porém, uma série de lacunas

permanece aberta e são passíveis de investigações futuras.

O primeiro trabalho futuro seria ampliar a quantidade de postagens investigadas e a partir daí realizar algum tipo de tratamento estatístico para descobrir correlações e padrões das mensagens publicadas no Twitter. Este tipo de pesquisa pode revelar com um pouco mais de precisão como ocorre a disseminação da informação naquele serviço de *microblog*.

Utilizar métricas apropriadas na análise de redes sociais como centralidade, e outras afins para investigar o caráter social das mensagens do Twitter. Algumas das métricas comuns em análise de redes sociais não serão possíveis de se investigar usando esta ferramenta tais como centralidade, densidade ou qualquer outra que envolva a múltiplos usuários e suas ligações a partir de uma mensagem.

Investigar em um número maior de postagens, os mesmos fenômenos investigados neste trabalho, tais como o enxameamento, alcance, graus de separação e a presença de *hubs* com o intuito de investigar e, se possível generalizar, como se dá o processo de disseminação da informação em si e o papel dos usuários neste processo. Neste particular, verificar a existência de outras ferramentas de coleta/análise que possam, igualmente, permitir estudos comparativos.

Finalmente, outra preocupação na temática de pesquisa se refere aos processos de avaliação da importância da preservação das mensagens publicadas no Twitter, uma vez que as mídias sociais virtuais hoje são tratadas pelos usuários como espaços para *messaging*⁸, o que resulta em um grande e crescente volume de informações e na dificuldade de se garantir a recuperação do que não é considerado “recente”.

⁸ *Messaging* (ou *text messaging*) é um sistema de comunicação assíncrona baseada em mensagens curtas iniciadas a partir dos SMSs de telefones celulares e popularizadas pelos *messengers* (ICQ e MSN) (<http://www.pcmag.com/encyclopedia/term/52795/text-messaging>). Hoje, redes sociais como Twitter, Facebook, Snapchat, Whatsapp funcionam com base nesta estrutura.

Referências

- ADAMIC, L.; ADAR, E. How to search a social network. **Social Networks**, v. 27, n. 3, p. 187-203, 2005. Disponível em: <www.cond.org/socsearch.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2014.
- ALVES, C. D. Informação na twitosfera. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 9, n. 1, p. 92-105, 2011. Disponível em: <<http://polaris.bc.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/497>>. Acesso em: 21 jun. 2014.
- BARRETO, A. Os destinos da Ciência da Informação: entre o cristal e a chama. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v.9, n.2, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/397/318>>. Acesso em: 21 abr. 2014.
- DIXON, N. M. **Common Knowledge**: how companies thrive by sharing what they know. Harvard Business School Press. Boston. 2000.
- DRUCKER, P. Além da revolução da informação. **HSM Management**. n. 18, jan./fev. 2000. p. 48-55.
- EASLEY, D.; KLEINBERG, J. **Networks, crowds, and markets**: reasoning about a highly connected world. 2012.
- FERREIRA, T. E. L. R.; PERUCCHI, V. Gestão e o fluxo da informação nas organizações: um ensaio a partir da percepção de autores contemporâneos. **Revista ACB**, v. 16, p. 446-463, 2011. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/781/pdf_61>. Acesso em: 21 abr. 2014.
- FRANCO, A. **Escola de Redes**: Novas visões sobre a sociedade, o desenvolvimento, a internet, a política e o mundo globalizado. Curitiba: Escola-de-Redes, 2008.
- FROTA, M. G. da C.; QUINTÃO, P. G. Fluxos informacionais para o monitoramento da Convenção dos Direitos da Criança: a atuação da rede NGO Group for CRC. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 15, p. 66-83, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2010v15n29p66>>. Acesso em: 21 abr. 2014.
- GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.
- GREEF, A. C.; FREITAS, M. C. D. Fluxo enxuto de informação: um novo conceito. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, p. 37-55, 2012. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1246>>. Acesso em: 21 abr. 2014.
- GRUHL, D.; GUHA, R.; LIBEN-NOWELL, D.; TOMKINS, A. Information diffusion through blogspace. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON WORLD WIDE WEB, 13., 2004, Nova York. **Proceedings...** Nova York: ACM, 2004. p. 491-501.
- HAYTHORNTHWAITE, C. Social networks and Internet connectivity effects. **Information, Community & Society**, v. 8, n. 2, p. 125-147, 2005. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13691180500146185#.U1bWB-ZdUZ4>>. Acesso em: 21 abr. 2014.
- HOGG, T.; LERMAN, K. Stochastic models of user-contributory web sites. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON WEBLOGS AND SOCIAL MEDIA, 3., 2009, San José. **Proceedings...** San José: ICWSM, 2009.
- HUNG, E. S.; CALDERÓN, C. A. Online opinion leaders in Latin America and the Middle East: the case of the Top 20 most-viewed twitter users. **Informação & Sociedade**, v. 23, n. 3, 2014. Disponível em: <<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/17818>>. Acesso em: 21 jun. 2014.
- LARA, M. L. G. ; CONTI, V. L. Disseminação da informação e usuários. **São Paulo em Perspectiva**, v. 17, n. 3-4, p. 26-34, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v17n3-4/a04v1734.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2014.
- LERMAN, K.; GHOSH, R. Information contagion: An empirical study of the spread of news on Digg and Twitter social networks. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON WEBLOGS AND SOCIAL MEDIA, 4., 2010, Washington. **Proceedings...** Washington: ICWSM, 2010.
- LESKOVEC, J.; ADAMIC, L. A.; HUBERMAN, B. A. The dynamics of viral marketing. **ACM Transactions on the Web**, v. 1, n. 1, 2007.
- LESKOVEC, J.; KRAUSE, A.; GUESTRIN, C.; FALOUSOS, C.; VANBRIESEN, J. Cost-effective outbreak detection in networks. In: ACM SIGKDD INTERNATIONAL CONFERENCE ON KNOWLEDGE DISCOVERY AND DATA MINING, 13., 2007. **Proceedings...** SIGKDD, 2007.
- LESKOVEC, J.; MCGLOHON, M.; FALOUSOS, C.; GLANCE, N.; HURST, M. Cascading behavior in large blog graphs. In: SIAM INTERNATIONAL CONFERENCE ON DATA MINING, 7., 2007.

Minnesota. **Proceedings...** Minnesota, USA, SIAM. 2007.

LIBEN-NOWELL, D.; KLEINBERG, J. Tracing information flow on a global scale using Internet chain-letter data. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 105, n. 12, p. 4633-4638, 2008.

LITTELL, R. S.; FISHER, D. **Power Netweaving**: 10 secrets to successful relationship marketing. National Underwriter Company, 2001.

MONESSON, E. P. Netweaving-a powerful tool for developing relationships. **CPA Practice Management Forum**, v. 3, p. 12, 2007. Disponível em: <<http://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/cpamanf3&div=45&id=&page=>>. Acesso em: 21 abr. 2014.

ROGERS, E. M. **Diffusion of innovations**. Nova York: Freepress, 2010.

SAVI, M. G. M.; SILVA, E. L. da. O fluxo da informação na prática clínica dos médicos residentes: análise na perspectiva da medicina baseada em evidências. **Ciência da Informação**, v. 38, n. 3, p. 177-191, 2009. ISSN 0100-1965. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000008834&dd1=c6c8c>>. Acesso em: 21 abr. 2014.

TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, nº esp, p. 75-91, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11nesp1p75>>. Acesso em: 21 abr. 2014.

VÁZQUEZ, A.; OLIVEIRA, J. G.; DEZSO, Z.; GOH, K.; KONDOR, I.; BARÁBASI, A. Modeling bursts and heavy tails in human dynamics. **Physical Review**, v. 73, n. 3, 2006.

VERGILI, R. Relação entre relevância da informação e articulação de redes por profissionais de comunicação. **Revista Eletrônica da Pós-Graduação da Cáspes Libero**, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/view/7572>>. Acesso em: 21 abr. 2014.

WU, F.; HUBERMAN, B. A.; ADAMIC, L. A.; TYLER, J. R. Information flow in social groups. **Physica A: statistical mechanics and its application**, v. 337, n. 1, p. 327-335, 2004.

Information dissemination on Twitter: an exploratory analysis of the informational flow of retweets

Abstract

Introduction: It presents the process of dissemination of information on the microblog service Twitter considering the "retweets" made by users that spread posts created by other users. The goal of this research was to observe how the dissemination of one specific tweet posted in this Microblog service developed through a cycle of time and in regard to some aspects derived from the so called Network Theory. Method: It was used the "Where Does My Tweet Goes" tool to evaluate one post wrote by Al Gore posted on Twitter at June the 5th., 2013. The tool collects the data automatically from the Twitter database and a quantitative analysis was performed using the same tool in order to identify the ripple effect of the "retweets" provided by Al Gore's followers. Results: It was observed that the dissemination of the post was quickly, however ephemeral. The reach of the message was, in fact, enhanced by the network effect reaching twice (and more) Twitter users when compared with the original profile followers. It showed a "viral" aspect of the network in respect of this particular post. Conclusions: The results of this research suggests that the spread of information on Twitter follows the trends of the so called network "new science", which includes social platforms characterized by the dynamic of its elements, design and growth.

Keywords

Microblogs. Twitter. Information flow. Information Dissemination.

Recebido em 1 abril 2014

Aceito em 2 julho 2014

Sobre os autores:

Célio Andrade Santana Júnior

Bacharel em Ciências da Computação - UFPE, Mestre em Engenharia de Computação - UPE, Doutor em Ciências da Computação - UFPE. Professor Adjunto - UFPE.
celio.santana@gmail.com

João Pedro Silva Albuquerque

Graduando em Gestão da Informação - UFPE.
joao.pedro1221@gmail.com

Fabiola Souza Queiroz

Graduanda em Gestão da Informação - UFPE.
fabiolaqroz@gmail.com

Steffane Ramires Lima

Graduanda em Gestão da Informação - UFPE.
steffane.ramires@gmail.com

Como citar este artigo:

SANTANA JÚNIOR, C. A.; ALBUQUERQUE, J. P. S.; QUEIROZ, F. S.; LIMA, S. R. A disseminação da informação no Twitter: uma análise exploratória do fluxo informacional de retweets. **AtoZ**: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 50-59, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.atoz.ufpr.br>>. Acesso em:

Avaliação da eficácia da “política mandatória” em repositórios: um estudo de caso no Instituto Politécnico de Castelo Branco – Portugal

Maria Eduarda Pereira Rodrigues, António Moitinho Rodrigues

Resumo

Introdução: Apresentam-se os resultados de um estudo sobre o efeito da aprovação e implantação da Política de Depósito de Documentos (PDD) no Repositório Científico do Instituto Politécnico de Castelo Branco - Portugal (RCIPCB). **Método:** O trabalho foi dividido em duas partes. A primeira parte diz respeito à posição dos docentes/investigadores sobre a PDD e sobre o arquivamento dos seus documentos científicos no Repositório; a segunda parte diz respeito ao desempenho do RCIPCB enquanto tal. O estudo foi realizado mediante a aplicação de um inquérito distribuído *online* aos docentes/investigadores do IPCB (n=505), sujeito a uma análise estatística descritiva. **Resultados:** 96,6% dos docentes/investigadores informaram conhecer o RCIPCB; 66,0% dos inquiridos respondeu conhecer a PDD; apenas 11,9% dos respondentes indicaram ter depositado de quatro a mais documentos da sua produção científica de 2011 no Repositório; e, 50,8% dos docentes/investigadores referiram não terem depositado qualquer documento relativo a 2011. As razões mais invocadas para este comportamento foram: a falta de tempo (43,5%); questões relacionadas com direitos de autor (21,7%); e o esquecimento (17,4%). Após a aprovação da PDD houve uma redução no número total de documentos depositados (10,3%) e do número de documentos autoarquivados (44,0%). **Conclusão:** Conclui-se que a PDD não produziu os resultados desejados nem ao nível do autoarquivo, nem ao nível do crescimento do Repositório pela via do arquivo mediado. Considera-se ser necessária a adoção de medidas complementares de fomento do arquivo e do autoarquivo no RCIPCB.

Palavras-chave

Repositório Científico. Política de depósito de documentos. Avaliação de desempenho.

Introdução

A filosofia do acesso livre ao conhecimento científico vem ganhando adeptos desde que, nos anos 90 do século XX, foram publicados os primeiros periódicos científicos em acesso livre por Stevan Harnad e Jean-Claude Guéron, respectivamente o “*Psycoloquy*” e o “*Surfaces*” (MELERO; ABAD GARCIA, 2008). Esta forma de publicação permite que o acesso aos documentos se faça de forma livre e gratuita, sem quaisquer dilações temporais ou outras limitações. Harnad, Brody e Vallières (2008) indicam que o acesso livre ao conhecimento favorece o progresso da ciência por via da partilha e da transferência deste conhecimento, aumentando o potencial de citação dos documentos e conseqüente impacto na reputação dos autores.

Há duas vias principais que concretizam o acesso livre ao conhecimento científico: a Via Dourada e a Via Verde. A Via Dourada concretiza-se através da publicação em revistas científicas. A Via Verde de acesso ao conhecimento científico concretiza-se através do arquivo de documentos em repositórios científicos, temáticos ou outros (SARAI-VA; RODRIGUES, 2010). De acordo com Lynch (2003) um repositório é

[...] a set of services that a university offers to the members of its community for the management and dissemination of digital materials created by the institution and its community members.

Nesse sentido os repositórios devem ser entendidos como um dos instrumentos mais adequados à difusão, partilha, recuperação, reutilização e validação do conhecimento científico (CASSELA, 2010; GRUNDMAN, 2009). De um modo geral,

são de utilização fácil e não necessitam de intermediação, tornando o processo de publicação muito rápido e possibilitando o acesso imediato ao documento.

Nas últimas décadas os repositórios têm aumentado em número, dimensão e popularidade por todo o planeta. Verifica-se, por consulta ao Ranking Web de Repositórios¹ que, em maio de 2014, estão já registados um total de 1746 repositórios de vários tipos em todo o mundo. Portugal não é exceção, contribuindo ativamente para esse aumento. No país, o número de repositórios passou de três (em 2004) para 35 (em 2007) (UMIC, 2012), atingindo – em maio de 2014 – um total de 42 (conforme o Portal RCAAP²). Todos estes repositórios advogam a filosofia do Acesso Livre ao Conhecimento e pretendem incluir toda a publicação científica das respectivas organizações. Sob esse contexto de expansão, seria esperado que os repositórios registrassem proporcional adesão por parte dos investigadores e dos docentes. Contudo, a realidade está um pouco distante deste pressuposto. Os gestores dos repositórios depararam-se com problemas de várias naturezas, sendo os mais evidentes a falta de interesse dos investigadores para participarem, e a concorrência da publicação *peer review* em meio científico (RODRIGUES; RODRIGUES, 2013; RODRIGUES; RODRIGUES, 2012; GRUNDMAN, 2008).

As Políticas de Depósito de Documentos (PDD) nos repositórios – ou “Políticas Mandatórias” – procuram, entre outros aspetos, ajudar a resolver este problema. Rodrigues e Rodrigues (2012) e Cassela (2010) consideram que a aprovação e implantação de políticas de depósito de documentos nos repositórios institucionais podem contribuir para aumentar os níveis de arquivo e autoarquivo de documentos. Porém, tais políticas, quando existem de forma isolada, podem revelar-se pouco eficazes, podendo-se inferir que a sua conjugação com outros instrumentos de avaliação de

investigadores e docentes pode ajudar a dotá-las de maior eficácia.

O presente estudo foi realizado com o objetivo de conhecer a percepção dos docentes/investigadores do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB) sobre o seu Repositório Científico (RCIPCB) e, também, avaliar o efeito produzido pela aprovação e implantação da respectiva Política de Depósito de Documentos (PDD), relativamente ao autoarquivo e à concessão de documentos para arquivo mediado³, ambas com impacto direto no crescimento do Repositório.

Procedimentos metodológicos e resultados

O estudo foi aplicado no âmbito do IPCB e ocorreu em duas partes. Na primeira, foi distribuído – com o recurso Google Docs e durante o mês de novembro de 2012 – um inquérito realizado *online* a todos os docentes/investigadores do IPCB (n=505). Na segunda parte, foram coletados, no RCIPCB, os dados sobre o seu crescimento nos períodos de 1º. de fevereiro de 2011 a 31 de janeiro de 2012, e de 1º. de fevereiro de 2012 a 31 de janeiro de 2013, respectivamente, antes e depois da aprovação da PDD do RCIPCB. Os dados do inquérito foram introduzidos no programa informático SPSS e foram sujeitos a uma análise estatística descritiva.

A amostra é composta por 94 respostas (19% do total), com igual distribuição por gênero, (divergindo relativamente à realidade institucional em que prevalece o sexo masculino), e as respostas concentraram-se nas faixas etárias entre os 31 e os 40 anos e entre os 41 e os 50 anos de idade, refletindo a realidade institucional⁴.

Relativamente ao conhecimento sobre o RCIPCB, 96,8% dos docentes/investigadores informaram conhecê-lo. Quando inquiridos sobre se conheciam a PDD do RCIPCB, 66,0% dos inqui-

¹ <<http://repositories.webometrics.info/es/world?page=17>>.

² <<http://www.rcaap.pt/directory.jsp>>.

³ por arquivo mediado entende-se que o(s) autor(es) cedem os seus documentos para serem arquivados pelo *staff* da biblioteca/órgão que gerencia o repositório.

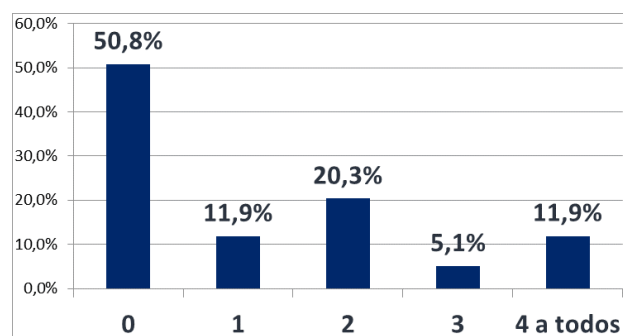
⁴ <<http://www.ipcb.pt/index.php/organizacao/documentos-de-gestao>>.

ridos responderam afirmativamente. Na mesma linha, quando inquiridos sobre se tinham conhecimento de que a aprovação da PDD significava o depósito obrigatório de documentos no RCIPCB, apenas 31,9% dos docentes que responderam afirmativamente à questão anterior revelaram ter conhecimento dessa obrigatoriedade. Assim, parece verificar-se que, apesar de indicarem saber da existência da PDD, mais de dois terços dos docentes/investigadores respondentes revela desconhecer o seu conteúdo e, conseqüentemente, a obrigatoriedade nela constante de disponibilizar toda a produção científica através do repositório.

Para saber qual a predisposição dos docentes/investigadores para depositarem os seus documentos no RCIPCB, foram os mesmos questionados relativamente aos documentos científicos produzidos no ano de 2011. Os dados revelam que apenas 11,9% dos respondentes indicaram ter depositado de quatro a mais documentos de sua produção científica no RCIPCB (Figura).

Como se pode verificar pela Figura, é substancial a percentagem de docentes/investigadores que respondeu não ter depositado qualquer documento relativo ao ano de 2011 no RCIPCB (50,8%). Entre as razões mais invocadas para tal comportamento destacam-se a falta de tem-

Figura – Depósito no RCIPCB de documentos científicos produzidos – 2011



Fonte: os autores.

po (43,5%), questões relacionadas com a cessão eventual de direitos de autor (21,7%), e o esquecimento (17,4%), o que perfaz um total de 82,6% do total de respostas para este item. Razões semelhantes foram referidas por Cassela (2010) e Grundman (2009).

Relativamente à segunda parte do estudo – desempenho do RCIPCB – foram recolhidos os dados evolutivos do repositório relativamente aos períodos em estudo (Tabela).

Verifica-se que no período anterior à aprovação da PDD, foram depositados no RCIPCB 629 documentos, dos quais 479 por arquivo mediado e 150 por autoarquivo. Já no período após a aprovação, foram depositados 564 documentos,

Tabela – Evolução do RCIPCB antes e depois da aprovação da PDD

Antes da aprovação da PDD – 1 Fev. 2011 a 31 jan. 2012				Depois da aprovação da PDD – 1 Fev. 2012 a 31 jan. 2013			
Mês	N.º de documentos	N.º documentos depositados por arquivo mediado	N.º documentos depositados por autoarquivo	Mês	N.º de documentos	N.º documentos depositados por arquivo mediado	N.º documentos depositados por autoarquivo
Fevereiro	25			Fevereiro	9		
Março	29			Março	64		
Abril	32			Abril	24		
Maio	73			Maio	24		
Junho	25			Junho	40		
Julho	60			Julho	84		
Agosto	36	479	150	Agosto	11	480	84
Setembro	32			Setembro	32		
Outubro	58			Outubro	23		
Novembro	81			Novembro	68		
Dezembro	140			Dezembro	151		
Janeiro	38			Janeiro	34		
Total	629			Total	564		

Fonte: RCIPCB.

dos quais 480 por arquivo mediado e 84 por autoarquivo. Constata-se assim que para o segundo período em estudo, após a aprovação da PDD, houve redução no número total de documentos depositados (10,3%) e no número de documentos depositados na modalidade de autoarquivo (44,0%). Tendo-se em conta que 50,8% dos docentes/investigadores revelaram não ter depositado, em 2011, qualquer dos seus *outputs* científicos no RCIPCB, não pode ser invocada a inexistência de documentos para depositar como razão para a elevada taxa de absentismo ao depósito no RCIPCB. Os resultados obtidos estão de acordo com os observados por Grundman (2009) e Cassela (2010).

Considerando que o autoarquivo só é passível de realização quando o docente/investigador se encontra registado no RCIPCB verificou-se, através de consulta às estatísticas do RCIPCB que, do total de docentes/investigadores do IPCB em 2012, apenas 86 se encontravam registados no RCIPCB. Todavia, o número aumentou para quase o dobro no período de 1º de dezembro de 2012 a 31 de janeiro de 2013, consequência de esforços da equipe do RCIPCB para captar novos usuários por meio de um convite endereçado aos docentes/investigadores no sentido de estes procederem ao registo. A adesão verificada parece indicar que existe uma boa aceitação, por parte da comunidade de docentes/investigadores do IPCB, das sugestões propostas pelo gestor do repositório. Para os mesmos parâmetros, Rodrigues e Rodrigues (2013) haviam já observado os mesmos resultados salientando que a baixa taxa de autoarquivo poderá estar relacionada com os baixos níveis de registo de docentes/investigadores no RCIPCB.

Conclusões

Os resultados alcançados no presente estudo permitem concluir que os docentes/investigadores do IPCB conhecem o Repositório Científico da Instituição. Permitem, também, concluir que sabem da existência da PDD (66%) embora desses, apenas 31,9% tenha revelado conhecer a obrigatoriedade implícita na mesma de depositar no RCIPCB todos os *outputs* da sua produção

científica. A entrada em vigor da PDD, em geral, não produziu efeitos ao nível do crescimento do RCIPCB o que parece estar relacionado com o desconhecimento do seu conteúdo a um nível detalhado.

Quanto ao depósito de documentos no repositório, verifica-se que a opção de arquivo mediado é a opção mais utilizada pelos docentes/investigadores do IPCB. Assim, ao contrário do que seria desejável em termos de objetivos do RCIPCB, a entrada em vigor da Política de Depósito de Documentos no RCIPCB não potencializou, para o período em estudo, o aumento da opção de depósito por autoarquivo, mantendo-se a discrepância entre o número de documentos depositados por arquivo mediado (a maior parte) e o número de documentos depositados por autoarquivo.

Os docentes/investigadores parecem reagir bem ao contato direto do gestor do repositório pelo que esta via deverá ser utilizada para fomentar a sua participação mais ativa no repositório.

Uma vez que a existência da PDD no RCIPCB não produziu, por si só, resultados em termos do aumento do número de documentos depositados nem do aumento do autoarquivo dos documentos produzidos, considera-se que deverão ser adotadas medidas complementares para incentivar os docentes/investigadores a cumprirem o estipulado na PDD.

Referências

- CASSELLA, M. Institutional repositories: an internal and external perspective on the value of IRs for researchers' communities. *Liber Quarterly*, v. 20, n. 2, p. 210-225, 2010.
- GRUNDMAN, A. **Increasing self-archiving of faculty publications**. 2009. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/13732/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- HARNAD, S.; BRODY, T.; VALLIÈRES, F.; CARR, L.; HITCHCOCK, S.; GINGRAS, Y.; OPPENHEIM, C.; STAMERJOHANNIS, H.; HILF, E, R. The access/impact problem and the Green and Gold Roads to open access: an update. *Serials Review*, v. 34, n. 1, p.36-40, 2008.

LYNCH, C. Institutional repositories: essential infrastructure for scholarship in the digital age. **ARL Bimonthly Report**, n. 226, p. 1-7, 2003. Disponível em: <<http://www.arl.org/storage/documents/publications/arl-br-226.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

MELERO, R.; ABAD GARCIA, M. F. Revistas Open Access: características, modelos económicos y tendencias. **BID**, n. 20, jun. 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10261/7848>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

RODRIGUES, M. E.; RODRIGUES, A. M. Analyzing the performance of an institutional scientific repository: a case study. **Liber Quarterly**, v. 22, n. 2, p. 98-117, 2012. Disponível em: <<http://liber.library.uu.nl/index.php/lq/article/view/URN%3ANBN%3ANL%3AUI%3A10-1-113818>>. Acesso em: 28 dec. 2012.

RODRIGUES, M. E.; RODRIGUES, A. M. O RCIPCB no contexto organizacional: ponto de situação. In: CONFERÊNCIA DO IPCB SOBRE O LIVRE ACESSO AO CONHECIMENTO, 3, 2013, Castelo Branco. **O desafio da publicação em meio científico**: livro de resumos. Castelo Branco: IPCB, 2013. p. 61-76.

SARAIVA, R.; RODRIGUES, E. Open access in Portugal. ANGLADA, L.; ABADAL, E. (ed). **Open access in Southern European Countries**. Madrid: FEYCT, 2010, p. 83-99.

UMIC. Agência para a Sociedade do Conhecimento. **Repositórios de acesso aberto**. Lisboa: UMIC. 2012. Disponível em: <http://www.unic.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=3079&Itemid=212>. Acesso em: 14 maio 2012.

Evaluating the effectiveness of the mandatory policy in a scientific repository: Castelo Branco Polytechnic Institute – Portugal, a case study

Abstract

Introduction: It presents the results of a study on the effect of the adoption and implementation of the Policy Repository Document (PDD) at the Polytechnic Institute of Castelo Branco – Portugal (RCIPCB) Scientific Repository. Method: The work was divided into two parts. The first part concerns the position of teachers/researchers on the PDD and the deposit of their scientific papers in the Repository; the second part is related to the RCIPCB's performance as such. The study was conducted by applying an online survey to teachers/researchers – IPCB (n = 505) – subject to a descriptive statistical analysis. Results: 96.6% of teachers/researchers claimed to know the RCIPCB; 66.0% of respondents replied knowing the PDD; only 11.9% of respondents indicated that they filed four more documents of

their scientific production in 2011 at the Repository; 50.8% of teachers/researchers referred not having filed any document at the same year. The most cited explanations for such behavior were: lack of time (43.5%); issues related to the assignment of copyright (21.7%); and due to oblivion (17.4%). After the approval of the PDD there was a reduction in the overall number of documents deposited (10.3%) and the number of self-archived documents (44.0%). Conclusions: It is concluded that the PDD has not produced the desired results concerning the self-archive level nor the growth of the Repository using a level of mediated files. We consider the need of additional measures to improve file mediation and self-archive in RCIPCB.

Keywords

Scientific Repository. Policy of mandatory deposit. Performance Evaluation.

Recebido em 21 maio 2014

Aceito em 15 junho 2014

Sobre os autores:

Maria Eduarda Pereira Rodrigues

Licenciada em História – FL/UP; Pós-Graduação em Ciências Documentais – FL/UC, Mestre em Ciências da Informação e da Documentação – UÉvora, Doutoranda em Ciências de la Información y de la Comunicación – UEx/Espanha. Bibliotecária da Escola Superior Agrária e da Escola Superior de Artes Aplicadas do IPCB – Portugal. Administradora do Repositório do IPCB. erodrigues@ipcb.pt

António Moitinho Rodrigues

Licenciado em Engenharia Zootécnica – UTAD, Mestre em Produção Animal – FMV/UTL, Doutor em Ciência Animal – UTAD. Professor Coordenador da ESACB/IPCB. Investigador do Centro de Estudos de Recursos Naturais, Ambiente e Sociedade – CERNAS/IPCB. amrodrig@ipcb.pt

Como citar este artigo:

RODRIGUES, M. E. P.; RODRIGUES, A. M. Avaliação da eficácia da "política mandatória" em repositórios: um estudo de caso no Instituto Politécnico de Castelo Branco – Portugal. **AtoZ**: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 60-64, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.atoz.ufpr.br>>. Acesso em:

Periódicos brasileiros em odontologia e a fuga dos artigos científicos de alto impacto

Rubenildo Oliveira da Costa, Lúcia Maria Sebastiana Verônica Costa Ramos

Resumo

Introdução: O aumento de títulos de periódicos brasileiros indexados no Journal Citation Report desde 2008 não tem sido acompanhado de aumento de citações recebidas. Ou seja, as últimas edições desse relatório revelaram o baixo desempenho dos periódicos brasileiros no Fator de Impacto. Neste estudo busca-se explicar o porquê desse baixo desempenho. **Método:** Aplicação de técnicas bibliométricas, utilizando o software livre BibExcel. O corpus compreendeu 797 artigos de pesquisa publicados em periódicos indexados na Scopus - no período de 2009 a 2010 - por pesquisadores na área de Odontologia da Universidade de São Paulo. **Resultados:** Verificou-se que, nesta área, os artigos brasileiros de alto impacto são publicados em periódicos estrangeiros igualmente de elevado Fator de Impacto. Pode-se dizer que existe um círculo vicioso que impede o aumento do Fator de Impacto de periódicos brasileiros o qual é identificado em dois movimentos: por um lado os pesquisadores brasileiros preferem publicar suas pesquisas de maior impacto em títulos de periódicos estrangeiros com alto Fator de Impacto, citando os mesmos títulos; por outro, os periódicos brasileiros que publicam artigos de pesquisadores brasileiros recebem citações, na sua maioria, de pesquisadores/periódicos brasileiros. **Conclusão:** A acessibilidade (acesso aberto) e a visibilidade (indexação) sozinhas não são suficientes para aumentar o impacto dos periódicos brasileiros de maneira globalizada, de forma a competir com os periódicos estrangeiros.

Palavras-chave

Periódicos brasileiros. Fator de Impacto. Indicador Qualis. Bibliometria. Acesso aberto.

Introdução

De 2008 a 2011 houve um aumento de 240% (de 31 para 111) no número de títulos de periódicos brasileiros indexados no Journal Citation Report (JCR), publicação que lista o Fator de Impacto (FI) de periódicos científicos (PACKER, 2012). Tal situação tem se refletido no aumento da classificação do Brasil nos *rankings* internacionais de artigos indexados (RIGHETTI, 2013; PACKER, 2011).

Porém, tem-se observado o baixo desempenho desses títulos nas últimas edições do JCR (ALISSON, 2012) o que foi objeto de discussão nas edições de 2010, 2011 e 2012 do Seminário de Avaliação dos Periódicos Brasileiros no JCR, evento promovido pela Scientific Electronic Library Online (SciELO) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Os indicadores de produção científica no Brasil são norteados pelo Sistema Qualis (CAPES, 2014) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que apresenta, segundo Souza e Paula (2002, p. 8), “indicadores de produção científica fundamentados na qualidade das revistas científicas utilizadas pelos programas de pós-graduação, devendo estas receber uma classificação conforme critérios definidos pelas comissões de áreas”.

Apesar de tais indicadores serem voltados à realidade brasileira, considerando as características de cada área, muitas áreas ainda fazem uso do FI para classificação dos periódicos, situação observada desde o triênio 2001-2003, principalmente nas ciências Exatas, Biológicas e Saúde (MUGNAINI, 2006), incluída a área de Odontologia.

Ademais, segundo estudo de Mugnaini (2011) – baseado em uma análise de conteúdo dos do-

cumentos de área do Qualis que identificou a função dos índices de citação e indicadores bibliométricos na composição dos critérios para classificação dos periódicos do estrato A1 de classificação (o mais alto) – observou-se que 37 áreas de avaliação (ou, seja, 80,4% do total) pautam-se na Web of Science/JCR.

Logo, surge o problema: os periódicos brasileiros têm baixo FI e, conseqüentemente, um indicador Qualis pouco expressivo. Com isso, os pesquisadores brasileiros podem preferir publicar suas pesquisas em periódicos estrangeiros com o FI mais elevado.

Na tentativa de entender tal comportamento, objetivou-se calcular o FI de periódicos a partir da produção científica de pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) na área de Odontologia, comparando-o com o comportamento de publicação em periódicos brasileiros e estrangeiros. Pretende-se demonstrar a necessidade de

explorar outras possibilidades de avaliação da produção científica além dos indicadores bibliométricos de periódicos científicos comumente utilizados pelas agências de fomento.

Procedimentos metodológicos e resultados

Aplicaram-se técnicas bibliométricas utilizando o *software* livre BibExcel. O universo da pesquisa foi formado por 797 artigos científicos publicados por pesquisadores da USP na área de Odontologia, no período de 2009 a 2010, em periódicos indexados na Scopus. A escolha por esta base se deu pela sua abrangência. Os registros bibliográficos decorrentes foram recuperados no mês de setembro de 2012.

Os 797 artigos foram publicados em 79 títulos de periódicos de odontologia entre os 206 indexados na Scopus. Na Tabela 1 são apresentados apenas os 20 primeiros títulos segundo o impacto da

Tabela 1 – Cálculo do Fator de Impacto – produção científica da USP na área de Odontologia

Periódicos	Artigos indexados	Artigos citantes	Fator de impacto da pesquisa USP	Rank
Oral Microbiology and Immunology	6	87	14,500	1
Journal of Clinical Periodontology	7	80	11,429	2
European Journal of Oral Sciences	6	68	11,333	3
Dental Materials	20	189	9,450	4
Journal of Periodontal Research	4	37	9,250	5
Journal of Prosthetic Dentistry	3	27	9,000	6
Journal of Endodontics	37	327	8,838	7
Journal of Dental Research	17	148	8,706	8
J. American Dental Association	3	26	8,667	9
J. Cranio-Maxillofacial Surgery	1	8	8,000	10
Caries Research	18	132	7,333	11
Oral Oncology	4	29	7,250	12
Journal of Periodontology	18	127	7,056	13
International Endodontic Journal	16	112	7,000	14
Int. J. of Paediatric Dentistry	1	7	7,000	15
Operative Dentistry	9	59	6,556	16
Clinical Oral Implants Research	22	143	6,500	17
Journal of Dentistry	21	129	6,143	18
Oral Surg., Oral Med., Oral Path., Oral Radiol. and Endodont.	41	232	5,659	19
Archives of Oral Biology	13	70	5,385	20
	267	2037	Média: 7,6	
	267/797=34%	2037/3138=65%	7,6/3,9	

Fonte: os autores.

produção da USP, classificados a partir do mesmo cálculo do FI do JCR. Por exemplo, no primeiro título – *Oral Microbiology and Immunology* – dividem-se as 87 citações recebidas por seis artigos publicados por pesquisadores da USP com um resultado de FI de 14,500. A classificação foi definida considerando que as 2.037 citações recebidas pelos 20 títulos representam 65% do total. Portanto, apenas 20 periódicos com um total de 267 artigos, receberam 65% do total de citações do *corpus*, o que os caracteriza como o núcleo da produção científica de pesquisadores da USP na área de Odontologia no período.

Nota-se que neste núcleo de periódicos da área não existem títulos nacionais, o que evidencia o movimento dos artigos científicos brasileiros de alto impacto para periódicos estrangeiros, que são de acesso controlado por grandes editoras. Tais títulos tem um FI acima da média da área de Odontologia já com alto FI e a maioria é avaliada como Qualis A.

Na Tabela 2 é apresentado o extrato do *corpus* correspondente aos periódicos brasileiros, incluindo sua classificação no Qualis 2012. Observa-se, na primeira coluna, que o periódico melhor classificado foi o *Journal of Applied Oral Science* da Faculdade de Odontologia de Bauru, situado em 41ª posição dentre os 70 títulos encontrados, seguido de mais seis títulos brasileiros. Portanto, os títulos nacionais se posicionaram fora e distante

do núcleo, sendo considerados de baixo desempenho.

Ao comparar os periódicos do núcleo (Tabela 1) com os 7 periódicos brasileiros (Tabela 2), podemos identificar algumas discrepâncias: a quantidade de artigos indexados é praticamente a mesma – 267 (34%) e 260 (33%), respectivamente. Porém, a relação entre citações recebidas é desproporcional – 2.037 (65%) pelo núcleo contra 479 (15%) dos títulos brasileiros.

Os resultados comprovam a preferência dos pesquisadores da USP por publicar pesquisas de alto impacto nos periódicos estrangeiros de acesso fechado e com alto FI. Uma das razões desse comportamento é a importância do FI como critério para avaliação da produção científica em Odontologia – e outras áreas de Exatas, Biológicas e Saúde (MUGNAINI, 2006).

Tal razão se mostra mais uma vez evidente, quando se observa a qualidade editorial dos principais periódicos brasileiros de na área de Odontologia, tais como a instituição responsável, o tempo em que já está disponível, a indexação em bases de dados e o tipo de submissão/publicação, descritas a seguir.

a) *Journal of Applied Oral Science* (JAOS):
Faculdade de Odontologia de Bauru

Tabela 2 – Cálculo do Fator de Impacto de periódicos brasileiros – produção científica da USP na área de Odontologia

Rank	Periódicos	Artigos indexados	Artigos citantes	Fator de impacto da pesquisa USP	Qualis 2012 (Ref. 2010)	Fator de Impacto JCR 2011	Rank JCR 2011 (Odont.)	Publicador/ Fornecedor
41	Journal of Applied Oral Science	75	216	2,880	B1	0,575	72	FOBUSP
48	Brazilian Dental Journal	70	163	2,329	B1			FORPUSP
52	Brazilian Oral Research	43	82	1,907	B1			FOUSP
71	Dental Press Journal of Orthodontics	27	11	0,407	B3			Dental Press
72	R. Dental Press de Ortop. e Ortop. Facial	23	5	0,217	B3			Dental Press
73	Pesq. Bras. Odontopediatria e Clin. Integ.	10	1	0,100	B3			APESB
74	Brazilian Journal of Oral Sciences	12	1	0,083	B3			Unicamp
	7 títulos	260	479	Média: 1,8		Média: 1,204	Total: 81	
	7/79	260/797 = 33%	479/3138 = 15%	1,8/3,9				

Fonte: os autores.

- (FOB); 9 anos; Bases de Dados (Web of Science/JCR); submissão *online*;
- b) *Brazilian Oral Research* (BOR): Faculdade de Odontologia (FO); 26 anos; Bases de Dados (Web of Science); *Ahead of print*;
- c) *Brazilian Dental Journal* (BDJ): Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto (FORP); 12 anos.

Todos os três títulos são Qualis B1; com submissão e acesso online livre; indexação em outras bases de dados (LILACS; PubMed; SciELO; SCOPUS); publicação no idioma inglês; corpo editorial internacional; utilização de *software* de editoração eletrônica; e, atenção à redação científica.

Conclusões

Os resultados apontam para a existência um círculo vicioso que impede o aumento do FI de periódicos brasileiros. Se por um lado os pesquisadores brasileiros preferem publicar suas pesquisas de maior impacto em títulos de periódicos estrangeiros com alto FI, citando os mesmos títulos; por outro, os periódicos brasileiros publicam muitos artigos de pesquisadores brasileiros, e as citações recebidas são na sua maioria de pesquisadores e/ou periódicos brasileiros.

Logo, a acessibilidade (acesso aberto) e a visibilidade (indexação) observadas nos periódicos brasileiros de Odontologia, sozinhas, não são suficientes para aumentar o seu impacto de maneira globalizada, de forma a competir com os periódicos estrangeiros.

Quais são os desafios para reverter este processo?

- a) reconhecer que o FI é voltado para periódicos e não para o impacto da produção e, por isso, não deveria ser considerado na avaliação do impacto da pesquisa do pesquisador brasileiro;
- b) considerar uma atribuição mais elevada do Qualis para os periódicos brasileiros

– independente do seu FI – assim como o fez a área de Química (CAPES, 2012).

A metodologia e as conclusões deste estudo podem ser aplicadas nas áreas de Exatas, Biológicas e Saúde. Ou seja, todas as áreas que determinam seu Qualis a partir do FI.

Aos futuros trabalhos, sugere-se analisar toda a produção científica de periódicos de uma Universidade, inclusive de artigos publicados em periódicos de outras áreas, ou mesmo envolver séries temporais.

Referências

- ALISSON, E. Revistas científicas brasileiras ainda têm baixo impacto internacional. **Agência Fapesp**, São Paulo, 16 out. 2012. Disponível em: <<http://agencia.fapesp.br/16332>>. Acesso em: 6 maio 2014.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (Capes). **WEBQUALIS**. Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br/webqualis>>. Acesso em: 6 maio 2014.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (Capes). **WEBQUALIS**: documento de área (Química). 2012. Disponível em: <<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/publico/documentosDeArea.seam?conversationPropagation=begin>>. Acesso em: 13 jun. 2014.
- MUGNAINI, R. **Caminhos para adequação da avaliação da produção científica brasileira**: impacto nacional versus internacional. São Paulo, 2006. 253 p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-11052007-091052/publico/TESE_mugnaini_r.pdf>. Acesso em: 6 maio 2014.
- MUGNAINI, R.; SALES, D. P. Mapeamento do uso de índices de citação e indicadores bibliométricos na avaliação da produção científica brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília, DF. **Anais...** Brasília: UNB, 2011. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/2150/Mapeamento%20-%20Mugnaini.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 6 maio 2014.

PACKER, A. L. Os periódicos brasileiros e a comunicação da pesquisa nacional. **Revista USP**, v. 89, p. 26-61, 2011. Disponível em: <http://rusp.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892011000200004&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 6 maio 2014.

PACKER, A. L. O desempenho dos periódicos brasileiros no JCR e SciELO. In: SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOS PERIÓDICOS BRASILEIROS NO JCR 2011, 3., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FAPESP; SciELO, 2012. Disponível em: <<http://eventos.scielo.org/jcr2011/programacao/>>. Acesso em: 6 maio 2014.

RIGHETTI, S. Brasil cresce em produção científica, mas índice de qualidade cai. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 abr. 2013. Disponível em: <acervo.folha.com.br/fsp/2013/04/22/15/>. Acesso em: 6 maio 2014.

SOUZA E. P.; PAULA M. C. S. QUALIS: a base de qualificação dos periódicos científicos utilizada na avaliação CAPES. **INFOCAPES: Boletim Informativo da CAPES**, v. 10, n. 2, p. 7-25, 2002. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/Infocapes10_2_2002.pdf>. Acesso em: 6 maio 2014.

Brazilian dentistry journals and the leakage of high impact scientific articles

Abstract

Introduction: The increase of Brazilian journals titles indexed by the Journal Citation Report since 2008 has not been accompanied by an increase of citations to the same journals. ie, the latest editions of this report revealed a poor performance of Brazilian journals on Impact Factor. In this study we try to explain why this is happening. Method: Application of bibliometric techniques, using free software BibExcel. The corpus comprised 797 research articles published in journals indexed in Scopus - in the period from 2009 to 2010 - by researchers in the field of Dentistry, from the University of São Paulo. Results: It was found in this area, that the Brazilian high impact articles are published in foreign journals which also have a high Impact Factor. It can be said that there is a vicious circle that prevents the increase in Impact Factor of Brazilian journals titles. On one hand the Brazilian researchers choose to publish their research in order to gain a greatest impact at foreign journals with high impact factor (by quoting the same titles). On the other hand, the Brazilian journals - that publish Brazilian researchers' articles - also receive citations, but mostly from Brazilian researchers/journal titles. Conclusions: Accessibility (open access) and visibility (indexing) alone are not enough to increase the impact of Brazilian journals in a globalized way, so they can compete with foreign (and high impact) titles.

Keywords

Brazilian journals. Impact factor. Qualis indicator. Bibliometrics. Open access.

Recebido em 26 de maio 2014

Aceito em 14 de junho 2014

Sobre os autores:

Rubenildo Oliveira da Costa

Bacharel em Ciência da Informação com ênfase em Biblioteconomia - PUCCamp, Mestre em Ciência da Informação - PUCCamp. Bibliotecário - Serviço de Documentação Odontológica - FOUASP. rubenildo@usp.br

Lúcia Maria Sebastiana Verônica Costa Ramos

Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação - FESPSP, Mestre em Cultura e informação - ECA/USP, Doutoranda em Planejamento e gestão de serviços de informação - ECA/USP. Diretora Técnica do Serviço de Documentação Odontológica - FOUASP. ferpau@usp.br

Como citar este artigo:

COSTA, R. O. da; RAMOS, L. M. S. V. C. Periódicos brasileiros em odontologia e a fuga dos artigos científicos de alto impacto. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 66-70, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.atoz.ufpr.br>>. Acesso em:

Definição de metadados para registros de áudio em repositórios digitais de acesso aberto

Maria Imaculada da Conceição, Maria do Carmo Avamilano Alvarez, Hálida Cristina Rocha Fernandes

Resumo

Introdução: A Biblioteca/CIR da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP) está desenvolvendo um repositório digital para a área da saúde pública, e possui uma coleção de áudios produzidos pela própria instituição, denominada Audioteca. O objetivo deste trabalho é definir metadados para registros de áudio em repositórios digitais de acesso aberto, garantindo que essas informações tenham maior visibilidade no extenso universo da internet. **Método:** Foram selecionados registros de áudio das bases Dedalus e LILACS e identificados os metadados dessas bases, que utilizam os formatos MARC21 e Metodologia LILACS, respectivamente. Em seguida, estabeleceu-se um escopo mínimo de metadados no esquema Dublin Core (DC), que correspondiam aos metadados dos formatos anteriores. Em uma etapa final, utilizou-se a possibilidade de adaptação do DC para a criação dos metadados com base em estudo da Library of Congress, além de refinamentos que atendiam as necessidades específicas da instituição e da coleção Audioteca, entre eles o entrevistador, o editor de som, e termos técnicos tais como o áudio *bits*. **Resultados:** O resultado deste trabalho é um formulário específico para os materiais de coleções de áudio, mantendo a compatibilidade e interoperabilidade do esquema Dublin Core. **Conclusão:** Dar visibilidade às coleções de áudios, que podem ser veiculadas por programas de rádios comunitárias e educativas, vai ao encontro do papel de promoção de pesquisas das instituições e contribui para a construção da cidadania.

Palavras-chave

Audioteca. Metadados. Bibliotecas digitais. Repositórios digitais.

Introdução

A sociedade atual exige inovadores ambientes de trabalho para lidar efetivamente com uma carga cada vez maior de informações heterogêneas. A produção e divulgação dos dados e novos conhecimentos também ocorrem de forma rápida e ampla (CANDELA *et al.*, 2010).

Com o objetivo de dar acesso a esse conhecimento que é produzido, bibliotecas e repositórios digitais crescem em tamanho, número e diversidade (TANI; CANDELA; CASTELLI, 2013) com conteúdos que podem ser armazenados localmente e acessados remotamente por meio da rede de computadores e de forma simultânea por diversos usuários. Além disso, há uma multiplicidade de suportes e uma informação pode estar em um livro, artigo, filme ou arquivo de áudio.

Para a descrição e representação dos recursos informacionais utilizam-se metadados, que segundo a definição de Jordan (2006), podem ser entendidos como a informação estruturada que descreve ou que se encontra associada individualmente a itens da coleção. Essa definição é ampla e leva em consideração as informações, descrevendo uma estrutura de objeto digital, e o histórico de como seus arquivos constituintes têm sido migrados para novos formatos. Descrever o item e seus atributos básicos (título, autor e origem) é tarefa que as bibliotecas têm feito por um longo tempo, sendo tão importante para uma coleção digital quanto para coleções impressas. Entretanto, documentos digitais são diferentes dos impressos, sendo necessário o apropriado uso dos tipos de metadados para seu gerenciamento.

A adoção adequada de padrão de metadados propicia a interoperabilidade entre aplicações

e o compartilhamento de dados entre sistemas (ALVES; SOUZA, 2007). Um dos padrões de metadados mais utilizado em repositórios digitais é o Dublin Core (DC), que pode ser definido como sendo o conjunto de elementos de metadados planejado para facilitar a descrição de recursos eletrônicos. Ele permite a descrição do acervo e pode ser acrescido de adaptações introduzidas diante da necessidade de adequar-se a especificidades institucionais (SOUZA *et al.*, 2000). Ainda sobre o DC, Marcondes e Sayão (2002) ressaltam que é resultado de intenso trabalho de discussão e padronização em nível internacional, mantida por um ativo grupo e fórum internacionais, e é usado em diferentes sistemas, inclusive na Open Archives Initiative.

Dentro desse contexto, a Biblioteca/CIR da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP) está desenvolvendo um repositório digital para a área da saúde pública, e possui uma coleção de áudios produzidos pela própria instituição, denominada Audioteca. Os arquivos de áudio são gerados a partir de dissertações e teses defendidas na universidade e são registrados em bases de dados. Os registros das teses são associados a arquivos de áudio (*spots* de rádio), cuja finalidade, segundo Gallo (2001), é ampliar o acesso a essa informação por radialistas ou comunicadores de rádio e inseri-los nas programações diárias das rádios comunitárias e educativas. Dessa forma, a informação é disseminada em linguagem acessível ao público em geral.

O objetivo deste trabalho é definir metadados para registros de áudio em repositórios digitais de acesso aberto, garantindo que essas informações tenham maior visibilidade no extenso universo da internet.

Procedimentos metodológicos e resultados

O Repositório Digital da FSP/USP utiliza a plataforma DSpace e o padrão de metadados Dublin

Core com adaptações, entre elas, a criação de um conjunto de metadados de interesse específico da instituição e que não ficam visíveis para o usuário final.

A coleção Audioteca fará parte do acervo do Repositório Digital da FSP/USP. Essa coleção foi iniciada em 1999 e é formada atualmente por 166 registros¹ (em mp3), a maioria dos quais integrados por dois áudios: um depoimento e uma entrevista, ambos com no máximo 5 minutos de duração. As teses e dissertações que dão origem ao material gravado estão depositadas no acervo impresso da Biblioteca/CIR da FSP/USP e na forma digital nos portais de teses, de acesso gratuito, o que garante ao usuário consultar o texto completo.

Para a definição dos registros de áudio no repositório digital, inicialmente se realizou um levantamento dos metadados dos registros atuais que a Biblioteca utiliza para a coleção Audioteca, tanto no Dedalus – que é o Banco de Dados Bibliográficos da USP – como na base de dados LILACS², com a qual a Biblioteca/CIR colabora enviando registros. A base LILACS é matida pela BIREME³. É importante destacar que as duas bases utilizam padrões de metadados diferentes.

O Dedalus utiliza o formato MARC 21 – *MAchine-Readable Cataloguing* – da Library of Congress, que é um conjunto de códigos e designações de conteúdos definido para codificar registros que serão interpretados por máquina. Sua principal finalidade é possibilitar o intercâmbio de dados, ou seja, importar dados de diferentes instituições ou exportar dados de uma instituição para outros sistemas ou redes de bibliotecas através de programas de computador desenvolvidos especificamente para isto (MARANHÃO; MENDONÇA, 2010).

A base LILACS utiliza o formato de descrição bibliográfica desenvolvido pela BIREME e que se fundamenta no “*Reference Manual for Machine-readable Bibliographic Description*” do Unisist/

¹ Consulta realizada em 01/11/2013.

² Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde.

³ Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde.

UNESCO, com adaptações baseadas no MARC21 Lite (BIREME, 2008). A utilização desses metadados é parte da Metodologia LILACS.

Inicialmente, foram selecionados alguns registros de áudio das bases Dedalus e LILACS para o estudo comparativo dos metadados nos formatos MARC21, LILACS e Dublin Core (Quadro 1). Para essa comparação foi utilizado o DCMÍ metadata terms (DUBLIN CORE METADATA INITIATIVE, 2012).

A etapa seguinte consistiu na definição dos metadados do padrão Dublin Core pertinentes aos registros de áudio e, na etapa final, na elaboração do formulário para entrada de dados de registros

de áudio em repositórios digitais de acesso aberto (Quadro 2).

Recursos em áudio e vídeo são menos usuais em bibliotecas do que documentos textuais. Tanto o seu processamento quanto sua preservação, ou mesmo a definição de formato para entrega final ao usuário, ainda não são consenso (JORDAN, 2006). Ao disponibilizar a informação e o conteúdo da coleção Audioteca em um repositório digital, a Biblioteca/CIR sentiu a necessidade de novos metadados para uma melhor descrição, administração e preservação desse tipo de recurso.

Assim, a partir da identificação dos metadados utilizados, verificou-se que o DC atendeu a maio-

Quadro 1 – Comparação e equivalência de campos MARC 21, Metodologia LILACS e Dublin Core, utilizados nos registros analisados

MARC 21 (DEDALUS)	Metodologia LILACS	Dublin Core (Elementos)	Conteúdo
Líder	09	N/A	Tipo de registro
Líder	06	N/A	Nível de tratamento
Base	04	N/A	Identificação da base de dados
007	N/A	N/A	Código para descrição física
008	09	N/A	Dados fixos / Tipo de registro
040	01	N/A	Fonte catalogadora
041	40	N/A	Idioma
044	67	Idioma	Idioma do documento
080 / 082 / 084	03	Assunto	Códigos de classificação
100	16	Criador	Nome pessoal
110	17	Criador	Nome corporativo
245	18	Título	Título
242	19	Título alternativo	Título traduzido
246	19	Título alternativo	Variações do título
260	62	Publicador digital	Responsável pela publicação
260	64	Data	Data da publicação
260	65	Data	Data padronizada
260	66	Publicador digital	Local de publicação
300	38	Formato	Descrição física
500	61	Descrição	Texto livre
650	87	Assunto	Descritores, palavras-chave, vocabulários controlados
650	88	Assunto	Descritores, palavras-chave, vocabulários controlados
700		Colaborador	Nome pessoal
710		Colaborador	Nome corporativo
856	08	Identificador	Uniform Resource Locator (URL)
945	05	Tipo	Tipo de recurso

Nota: N/A = Não aplicável.

Fonte: os autores, 2013.

Quadro 2 – Proposta de formulário para coleções de áudio

DUBLIN CORE (Elementos)	Refinamento	CONTEÚDO
Contributor	author ¹	Responsável pelo conteúdo do recurso
Contributor	interviewer ¹	Jornalista responsável pela entrevista
Contributor	soundeditor ¹	Responsável pela edição sonora
Date	Created	Data da gravação (padronizada)
Description	note ¹	Notas relativas ao item
Format		Informações sobre a parte física do recurso
Format	Extent	Tamanho do item
Format	Medium	Suporte físico do item
Format	Audiobits ²	Número de bits do arquivo digital (amostragem)
Format	Duration ²	Duração do áudio ou vídeo
Format	Extension ²	Formato do arquivo digital
Identifier	Citation	Citação bibliográfica, descrição de dados de identificação do recurso
Identifier	url	Identificador da URL (Uniform Resource Locator) do item
Identifier	Arquichesisid ²	Identificação para localização dos arquivos digitais
Identifier	Deviceid ²	Identificação dos equipamentos utilizados para a captura digital
Language	Isso	Informação sobre o idioma do conteúdo do item
Publisher		Editora responsável pela publicação
Publisher	Local	Local da editora
Publisher	País	País da editora
Subject	DeCS ¹	Assuntos extraídos do Descritores em Ciências da Saúde
Subject	vcusp ¹	Assuntos extraídos do vocabulário controlado da USP
Subject		Palavras-chave do autor
Rights		Informação sobre os direitos de acesso da publicação
Rights	Holder	O proprietário dos direitos autorais
Type		Tipo ou natureza do conteúdo
Title		Indicação do título do item
Title	Alternative	Indicação do título alternativo
Relation	References	Documentos citados

Notas: (1) Refinamentos que não estão indicados na documentação do Dublin Core, mas pertinentes a este tipo de material; (2) Refinamentos baseados em estudo da Library of Congress para o desenvolvimento do seu repositório digital (<http://www.loc.gov/standards/metatable.html>).

Fonte: os autores, 2013.

ria das necessidades de dados em comparação aos outros formatos, com a vantagem de possibilitar a inserção de novos metadados. No caso da Biblioteca/CIR foram acrescentados aos elementos existentes refinamentos, tais como: entrevistador e editor de som, por identificarem a responsabilidade desses profissionais na construção do áudio. Além desses, foram incluídos dados técnicos, como: áudio *bits*, duração e identificação do arquivo, com a finalidade de atender a necessidade de descrição e preservação digital, e fornecer parâmetros de uso no momento da recuperação da informação.

Conclusões

Este trabalho apresenta um modelo de formulário para inclusão de registros de áudio em repositórios digitais. Além do escopo mínimo de metadados no padrão DC, foram sugeridos refinamentos específicos para coleções de áudios, além de refinamentos baseados em estudos da Library of Congress, cuja finalidade é melhorar e completar a descrição dos registros desse tipo de coleção. Uma das vantagens das coleções em áudio é o fato de que a linguagem utilizada na expressão oral, especialmente em entrevistas, tende a ser mais coloquial e por isso torna a informação

mais acessível aos ouvintes não especializados e aproxima a universidade da sociedade. Dar visibilidade a essas coleções vai ao encontro do papel de promoção de pesquisas das instituições.

O mundo está rapidamente sendo transformado pela proliferação de recursos de informação disponíveis e distribuídos pela rede de computadores com um número crescente de instituições, tais como a Faculdade de Saúde Pública da USP, que tem produzido coleções digitais em áudio e vídeo. Por sua vez, repositórios digitais respondem a demandas da sociedade da informação com a disponibilização, na *web*, de dados e publicações científicas, o que segundo Abreu (2012) apresenta novos espaços de aprendizagem. Os trabalhos futuros envolverão outros tipos de materiais para as coleções de áudio, além de teses e dissertações, e o desenvolvimento de formulário específico para a coleção de vídeos produzidos pela FSP/USP.

Referências

- ABREU, J. S. Repositório institucional ou rede social de aprendizagem? **DataGramZero**: Revista de Informação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, abr. 2012. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr12/Art_06.htm>. Acesso em: 25 jun. 2014.
- ALVES, M. D. R.; SOUZA, M. I. F. Estudo de correspondência de elementos metadados: DUBLIN CORE e MARC 21. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 4, n. 2, p. 20-38, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://143.106.108.14/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/358>>. Acesso em: 25 jun. 2014.
- BIREME/ OPAS/OMS. **Manual de descrição bibliográfica**. São Paulo: BIREME/OPAS/OMS, 2008. Disponível em: <<http://metodologia.lilacs.bvsalud.org/download/P/LILACS-2-ManualDescricao-pt.pdf>>. Acesso em 25 jun. 2014.
- CANDELA, L.; CASTELLI, D.; FOX, E. A.; IOANNIDIS, Y. On digital library foundations. **International Journal on Digital Libraries**, v. 11, n. 1, p. 37-39, 2010.
- DUBLIN CORE METADATA INITIATIVE. **DCMI Metadata Terms**. 2012. Disponível em: <<http://dublincore.org/documents/2012/06/14/dcmi-terms/>>. Acesso em: 25 jun. 2014.
- GALLO, P. R. Radiodifusão comunitária: um recurso a ser valorizado no âmbito da educação em saúde. **Saúde em debate**, v. 25, n. 59, p. 59-66, set./dez. 2001.
- JORDAN, M. **Putting content online**: a practical guide for libraries. Oxford, U.K.: Chandos Publishing, 2006.
- MARANHÃO, A. M. N.; MENDONÇA, M. L. S. **MARC 21**: formato bibliográfico. [RJ], PUC Rio, [2010]. Disponível em: <<http://www.dbd.puc-rio.br/MARC21/index.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2014.
- MARCONDES, C. H.; SAYÃO, L. F. Documentos digitais e novas formas de cooperação entre sistemas de informação em C&T. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 3, Set. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n3/a05v31n3.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2014.
- SOUZA, M. I. F.; VENDRUSCULO, L. G.; MELO, G. C. Metadados para a descrição de recursos de informação eletrônica: utilização do padrão Dublin Core. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 1, abr. 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652000000100010>>. Acesso em: 25 jun. 2014.
- TANI, A.; CANDELA, L.; CASTELLI, D. Dealing with metadata quality: the legacy of digital library efforts. **Information Processing and Management**, v. 49, n. 6, p. 1194-1205, nov. 2013. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0306457313000526>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

Definition of metadata for audio recordings in open access digital repositories

Abstract

Introduction: The Library of the School of Public Health/ University of São Paulo (FSP/USP) is developing a digital repository for the public health area, and also has an audio collection, called Audioteca, produced by the institution itself. The objective of this study is to define the metadata for audio recordings in open access digital repositories, ensuring that the information attains greater visibility in the extensive internet universe. Method: Audio recordings of the databases Dedalus and LILACS were selected and the metadata used in these databases identified, using respectively MARC21 and LILACS methodology formats. Then a minimum metadata scope was established in accordance with of the Dublin Core (DC) schema, which corresponded to the metadata of the earlier formats. Finally, making use of the possibility of adjusting the DC, metadata refinements were created on the basis of a Library of Congress study, as well as some other refinements that met the specific needs of the institution and the Audioteca collection, were introduced, among them being: interviewer, sound editor and technical terms such as audio bits. Results: The result of this study is a specific form for the materials of audio collections, maintaining the compatibility and interoperability of Dublin Core scheme. Conclusions: It is expected that the results concurs to widen the visibility to audio collections which can be transmitted by community and educational radio programs. Such results also fulfill the purpose of promoting the research undertaken by institutions and contribute to the construction of citizenship.

Keywords

Audio library. Metadata. Digital libraries. Digital repositories.

Recebido em 14 de junho 2014

Aceito em 29 de junho 2014

Sobre as autoras:

Maria Imaculada da Conceição

Bacharel em Biblioteconomia e Documentação - ECA/USP. Supervisora Técnica. Biblioteca/Centro de Informação e Referência em Saúde Pública - FSP/USP. imak@usp.br

Maria do Carmo Avamilano Alvarez

Bacharel em Biblioteconomia - ECA/USP, Mestre em Saúde Pública - FSP/USP, Doutoranda em Saúde Pública - FSP/USP. Chefe técnica - Biblioteca/Centro de Informação e Referência em Saúde Pública - FSP/USP. malvarez@usp.br

Háilda Cristina Rocha Fernandes

Bacharel em Biblioteconomia - ECA/USP. Bibliotecária - Biblioteca/Centro de Informação e Referência em Saúde Pública - FSP/USP. halida@usp.br

Como citar este artigo:

CONCEIÇÃO, M. I. da; ALVAREZ, M. do C. A.; FERNANDES, H. C. R. Definição de metadados para registros de áudio em repositórios digitais de acesso aberto. **AtoZ**: novas práticas em informação e conhecimento, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 72-77, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.atoz.ufpr.br>>. Acesso em:

AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento
Av. Prefeito Lothário Meissner, 632 - Campus III
Jardim Botânico
80210-170 - Curitiba, PR - Brasil
www.atoz.ufpr.br | revistaatoz@ufpr.br

ISSN 2237-8367



9 772237 836004 >